

MARTHA HELENA LOEBLEIN BECKER MORALES

**OS USOS DA LOUÇA BRANCA DE COLOMBO:
ASPECTOS IDENTITÁRIOS E DISCURSOS DO PODER A PARTIR DO DIÁLOGO
ENTRE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni

CURITIBA

2010

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Morales, Martha Helena Loeblein Becker

Os usos da louça branca de Colombo: aspectos identitários e discursos do poder a partir do diálogo entre história e arqueologia / Martha Helena Loeblein Becker Morales. – Curitiba, 2010.

114 f.

Orientadora: Profª.Drª. Renata Senna Garraffoni
Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Fábrica de Louças Colombo – arqueologia e história.
 2. Cerâmica brasileira – arqueologia e história – Colombo(PR) – 1897-1926.
 3. Cultura material – identidade – Colombo(PR).
- I. Título.

CDD 981.62

“... sorrio, pois a consciência irônica de meu tempo me faz praticar meu ofício como um lugar de desconstrução do rosto sério e sisudo das verdades definitivas e estabelecidas. Sou rio, pois sei que meu saber é composto de muitos outros, sei que não sou a origem do meu saber, não sou o sujeito fundante da história que faço, sou fundado por uma sociedade, por uma cultura, por formações discursivas, por práticas de poder e linguagem, sou um estuário em que vêm desaguar muitos arquivos. Exerço um ofício conforme regras que não são apenas estabelecidas por mim, coerção de grupo, são regras que se modificam com o tempo, mas sorrio porque sei que, apesar de tudo isso, eu participo ativamente das invenções que faço. (...) Às vezes objetivado, às vezes sujeitado, às vezes objetivo, às vezes subjetivo, sempre os dois ao mesmo tempo, eu sou rio e eu sorrio, eu, natural e humano, cursivo e discursivo, invento na História e a História...”

Durval Muniz de Albuquerque, *História – A arte de inventar o passado*, p. 35-36

AGRADECIMENTOS

A minha família, especialmente meus pais, Sergio e Heda, pelo apoio e incentivos fundamentais, e ao meu marido, Marcelo, pelo companheirismo, dedicação e carinho. Também aos meus avós, tios e tias, testemunhas do processo nem sempre tranquilo do desenvolvimento de uma pesquisa. A minha família ‘emprestada’, Graça, Gilberto e Rodrigo, pela acolhida calorosa.

A orientadora desta dissertação, Prof. Dra. Renata Senna Garraffoni, cujas sugestões e leitura crítica dos capítulos, desde os tempos da graduação, provaram-se cruciais no produto final aqui apresentado. Ao Prof. Dr. Pedro Paulo Funari, por aceitar a participação na banca de defesa, trazendo fundamentais contribuições. Aos professores do Programa de Pós-Graduação de História, da UFPR, como um todo, pelos comentários e discussões em sala de aula que, certamente, tornaram o processo da escrita muito mais fecundo.

Ao programa de bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por possibilitar atenção integral à efetivação deste trabalho. A Maria Cristina, da secretaria do PGHIS, pela orientação no cumprimento de prazos e envio de documentação, sempre que necessário.

Ao Museu Paranaense e seus funcionários, especialmente a Dra. Claudia Inês Parellada, que, além de ‘chefe’, foi amiga e companheira nas risadas e tristezas. Aos estagiários que passaram pela instituição desde 2005, pelo trabalho de equipe e pelas horas de descontração. A dupla Lurdinha e Bia, pelo carinho, a Dona Luzia, pelo excelente café, e ao Zé Luís, pelos ‘papos cabeça’. Aos professores doutores Eduardo Spiller Penna e Euclides Marchi, por seus planos de tornar o museu um espaço de debate.

Aos amigos do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, a quem se deve o primeiro contato com a arqueologia. Ao Prof. Dr. Fabio Vergara Cerqueira, pela oportunidade de participação nos trabalhos de campo, e a Otavio Fontoura que, na sua paciência infinita, ensinou como trabalhar com as louças históricas em laboratório.

Aos amigos Luciana, Vinícius, Fabiana, Maureen, Aluizio e Mariluci, que sempre representaram uma base sólida de apoio, independente da distância.

Aos funcionários da Casa de Memória de Curitiba, da Biblioteca Pública do Paraná, do Círculo de Estudos Bandeirantes e da Casa de Cultura de Colombo, especialmente Ângela e Fábio, por sua prestatividade e disposição na busca pela documentação essencial à pesquisa.

Finalmente, ao Sr. Hilton Trevisan, por permitir a análise dos artefatos em sua posse e compartilhar valiosas informações a respeito da Fábrica *Colombo*.

RESUMO

Este trabalho propõe o estudo do caso da Fábrica de Louças *Colombo*, estabelecimento que desenvolveu produção cerâmica entre 1897 e 1926, no município de Colombo, região metropolitana de Curitiba, Paraná, sob a perspectiva da Arqueologia Histórica. Visando expandir o leque de possibilidades interpretativas, o conjunto de fontes é constituído por registros escritos e cultura material, postos em diálogo para contemplar a heterogeneidade de situações experimentadas pelos grupos associados à fábrica. O objetivo central do trabalho é refletir sobre a relação entre passado e presente, de um ponto de vista que abranja desde o exercício da pesquisa em si, com suas escolhas e posicionamentos, até as considerações feitas a partir de análises da documentação primária. Dessa forma, a questão fundamental que desempenha o papel de eixo entre os capítulos é a formação das *identidades*, a do pesquisador, a dos autores que com seus textos constroem determinadas imagens públicas da fábrica e seus proprietários e a do grupo envolvido mais diretamente com a confecção dos artigos em louça. Para dar conta de tal amplitude, parte-se do pressuposto de que o estudo do passado é uma construção do presente, que constantemente inventa e reinventa, seleciona, omite e legitima de acordo com interesses bem definidos.

Palavras-chave: cultura material, Arqueologia Histórica, identidade

ABSTRACT

This dissertation focuses on Fábrica de Louças *Colombo*, a factory which produced ceramics between 1897 and 1926, at the city of Colombo, in the state of Parana. Considering the approach of Historical Archaeology, the main idea is to discuss a case study based upon written evidence and material culture to perceive the heterogeneity of situations experimented by the various groups associated with the factory. This research is based on a post-processual approach to rethink the relationship between past and present and to discuss the role of the archaeologist during this process. Therefore, the focus is also on the role played by different forms of identities, those which can be read at the written sources, which built a certain public image of the factory and its owners, and those associated to the manufacturing of the ceramics. To achieve such a wide goal, the text is based on the assumption that the study of the past is a construction of the present that is constantly inventing and reinventing, choosing, omitting and legitimating, according to very well defined interests.

Key-words: material culture, Historical Archaeology, identity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A bibliografia sobre a Fábrica <i>Colombo</i> : o que dizem os autores?.....	7
A documentação primária da Fábrica <i>Colombo</i> : possibilidades do dizer.....	10
Estrutura da dissertação.....	12
1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS E CONCEITUAIS	15
1.1. Crise: o passado em nova perspectiva.....	15
1.2. Arqueologia Histórica: diálogo em exercício.....	18
1.3. Formação do <i>corpus</i> documental da Fábrica <i>Colombo</i>	23
1.4. Sobre fontes: breves considerações conceituais e metodológicas.....	27
1.5. Estudo de caso: a fábrica no passado e no presente.....	33
2. UMA QUESTÃO NACIONAL: DISCURSOS ACERCA DA FÁBRICA COLOMBO	36
2.1. Uma questão de fundamento: Busato ou Zacarias?.....	39
2.2. Discursos sobre Colombo: a união faz a força?.....	42
2.3. A fábrica inaugurada: <i>festa del lavoro</i>	47
2.4. Documentação escrita: tendências e limites.....	50
3. A CULTURA MATERIAL DE COLOMBO: ABORDAGENS DA ETNICIDADE	53
3.1. A questão imigratória: historiografia e sentimento.....	53
3.2. Imigração e etnicidade.....	58
3.3. Especificidade e contexto: como trabalhar com a cultura material?.....	61
3.4. Catálogo de peças.....	64
3.5. Problematizações da cultura material.....	76
4. A FÁBRICA COLOMBO NO CONTEXTO DAS EXPOSIÇÕES	87
4.1. O contexto das exposições: progresso, técnica, indústria.....	87
4.2. A Fábrica <i>Colombo</i> nas exposições: discursos do nacional.....	90
4.3. Um novo contexto: a memória construída.....	96
4.4. A cultura material revisitada: ontem e hoje.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
FONTES ESCRITAS	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107

INTRODUÇÃO

Este estudo parte de um interesse prévio na observação da constituição material das relações sociais, políticas e econômicas, do ponto de vista da cerâmica histórica (louça), somado a um estágio de dois anos, no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) da Universidade Federal de Pelotas¹, que trouxe experiência na análise de fragmentos e peças deste material. Na seqüência, realizando um trabalho junto ao Setor de Arqueologia do Museu Paranaense², o contato com algumas das peças remanescentes da Fábrica de Louças *Colombo*, incorporadas ao acervo da instituição por meio de doação, levou a um interesse mais específico no histórico desta fábrica, vindo a ser desenvolvida uma pesquisa de conclusão de curso de História sob a orientação da Prof^a. Dra. Renata Senna Garraffoni.

Originalmente, foi proposta uma investigação fundamentada no diálogo da documentação escrita com os vestígios materiais da fábrica, com uma análise aprofundada das peças recuperadas, visando trazer nova luz ao entendimento das relações e do contexto cultural do grupo envolvido na produção cerâmica. No entanto, a partir da participação nas discussões em sala de aula e em eventos nos quais se apresentaram as considerações preliminares da pesquisa, os questionamentos foram se aprofundando e foi incluída na proposta a possibilidade de pensar as fontes, principalmente as materiais, no contexto atual, como elementos ressignificados transformados em marcas de memória.

Sendo assim, a introdução desta dissertação visa apresentar os primeiros momentos do trabalho, do levantamento bibliográfico ao contato inicial com as fontes, para em seguida apresentar a formatação final dos capítulos, cujo conteúdo deverá ser resumidamente exposto.

A bibliografia sobre a Fábrica Colombo: o que dizem os autores

A Fábrica de Louças *Colombo*, também conhecida como *São Zacarias*, esteve em funcionamento entre os anos de 1880 e 1926 no município de Colombo, região metropolitana de Curitiba, Paraná. Idealizada pelo imigrante italiano Francisco Busato, é considerada por muitos autores um dos estabelecimentos pioneiros na fabricação de louça no Brasil e, logo no início do século XX, passou às mãos do coronel Zacarias de Paula Xavier, ervateiro paranaense inserido nos meios políticos do estado.

¹ O LEPAARQ, com sede no Instituto de Ciências Humanas da UFPel, é coordenado, no setor de Arqueologia, pelo Prof. Dr. Fabio Vergara Cerqueira e, no setor de Antropologia, pela Prof^a. Dra. Flavia Maria da Silva Rieth.

² O setor de Arqueologia do Museu Paranaense funciona sob a coordenação da Dra. Claudia Inês Parellada.

Em um levantamento da bibliografia existente sobre a instituição são encontradas publicações das mais diferentes naturezas. Por exemplo, na obra de Aristides Pileggi, intitulada *A Cerâmica no Brasil e no Mundo*, o autor faz uma breve menção ao pioneirismo de Colombo na fabricação de louça no país, mas não explora a questão³. Em outro livro que versa sobre a cerâmica, *O Brasil e a cerâmica antiga*, o autor Eldino Brancante destaca o início do fabrico de "excelente material cerâmico" em Colombo na aurora do século XX⁴. Ambas as publicações, separadas por mais de vinte anos, fazem um exaustivo levantamento acerca da produção cerâmica desde a Antiguidade e, muito embora atribuam certo mérito às peças de Colombo, não aprofundam a discussão sobre as mesmas.

Em um âmbito acadêmico mais recente, é possível encontrar dois trabalhos ligados à Universidade Federal do Paraná que citam a fábrica: Virginia Kistmann *et al*, ao produzirem um relatório de pesquisa sobre a função do *design* nas indústrias de louça de Campo Largo tratam das primeiras instalações industriais na região metropolitana de Curitiba destinadas a esta produção⁵ e Elaine Maschio aborda em sua dissertação de mestrado em Educação o processo de escolarização primária no contexto do município de Colombo, entre 1882 e 1912, introduzindo aspectos mais gerais da constituição do município, entre os quais o empreendimento de Busato⁶.

O relatório de Kistmann *et al* cita Pileggi para atribuir o mesmo pioneirismo à Fábrica *Colombo*, mas dá um passo além na análise associando as primeiras manifestações de escala industrial cerâmicas, direta ou indiretamente, à presença do imigrante europeu. Com isso, os autores não pretendem contemplar as tradições cerâmicas indígenas presentes na região metropolitana muito antes da chegada de estrangeiros, cuja influência encontrar-se-ia visível, por exemplo, na produção cabocla, misturando elementos indígenas, portugueses e africanos. As indústrias cerâmicas das quais sua pesquisa trata teriam surgido pela ação dos imigrantes que se radicam no Brasil ou, ainda, pela contratação de técnicos estrangeiros, visando a melhora da qualidade dos produtos na primeira metade do século XX⁷.

Além dos quatro trabalhos citados, o que chama a atenção do leitor sobre a Fábrica *Colombo* são as publicações que poderiam ser consideradas como propagadoras de uma memória de cunho oficial. Em um espaço de tempo que vai de 1944 a 1992, as obras

³ PILEGGI, Aristides. **A cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958. p. 141

⁴ BRANCANTE, Eldino. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Cia. Lithographica Ypiranga, 1981. p. 132

⁵ KISTMANN, Virginia Borges et al. **A produção de cerâmica branca de mesa e de decoração de Campo Largo e o design**: estudo sobre a situação das micro, pequenas e médias indústrias e as possibilidades de desenvolvimento do setor através do *design*. Curitiba: UFPR, 2003.

⁶ MASCHIO, Elaine Catia Falcade. **A constituição do processo de escolarização primária no município de Colombo - Paraná (1882-1912)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) UFPR.

⁷ KISTMANN, Virginia Borges et. al. *Op. Cit.* p. 20

comentadas a seguir poderiam ser tomadas como fontes secundárias representativas da memória instituída e reproduzida após o encerramento das atividades da fábrica, em 1926.

O curitibano Romário Martins enumerou vários nomes que julgou importantes para o cenário político e socioeconômico paranaense, organizando-os através de verbetes que vão desde o século XVI até o século XIX, em seu livro de 1944, *Terra e gente do Paraná*⁸. Um deles é Zacarias de Paula Xavier, a quem Martins atribui a façanha de introduzir a cerâmica artística no Paraná. Tratando-se de um parágrafo curto, no entanto, o autor não vai além de lembrar a boa fama dos produtos fabricados em Colombo.

Já na década seguinte, em 1953, a Revista Paulista de Indústria publicou uma edição especial em homenagem ao centenário da emancipação política do Paraná, chamada *O Paraná e suas indústrias*⁹. Abordando a economia paranaense desde o século XVI até aquilo que é chamado de "ciclo industrial", o leitor encontra mais uma vez um verbete atribuindo a Xavier a fundação da fábrica de louças. Semelhante a esta publicação é a obra *O Paraná, seus homens e suas empresas*¹⁰, editada pela Revista Divulgação Paranaense em 1966, repetindo a mesma informação dentro de um capítulo sobre a Associação Comercial do Paraná, da qual o coronel foi presidente em três ocasiões.

Sobre esta mesma associação, David Carneiro produziu em 1981 o livro *Perfil histórico da Associação Comercial do Paraná e galeria dos presidentes*¹¹, a pedido da própria instituição. Encontram-se nesta publicação informações sobre a sociedade firmada entre Zacarias e Busato, que teria sido estabelecida no intuito de fundar a fábrica, e as dificuldades enfrentadas até a I Guerra Mundial.

Por outro lado, numa perspectiva mais abrangente que trata do histórico do município onde se localizava a fábrica, seria seguro afirmar que o autor mais prolífico seja Sebastião Ferrarini. Suas três publicações - *A imigração italiana na Província do Paraná e o município de Colombo*; *Colombo: Centenário da imigração italiana* e *O município de Colombo*¹² - abordam Colombo desde sua fundação, então colônia Alfredo Chaves, até a década de 1990, trazendo dados sobre a comunidade e sobre a situação socioeconômica da época da fábrica, inclusive reproduzindo documentação primária em suas páginas. Em geral, seu conteúdo traz

⁸ MARTINS, Alfredo Romário. *Terra e gente do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1995. (Coleção Farol do Saber)

⁹ PICCOLI, Ivo A. Cauduro (dir.) *O Paraná e suas indústrias*: Edição especial da Revista Paulista de Indústria. Órgão de divulgação de realizações industriais. n. 17, ano III, 6º bimestre, 1953. São Paulo/Rio de Janeiro.

¹⁰ VELLOSO, Arnaud Ferreira (dir.) *O Paraná, seus homens e suas empresas*. Promoção da Revista Divulgação Paranaense. 2ª edição. Curitiba: 1966.

¹¹ CARNEIRO, David. *Perfil histórico da Associação Comercial do Paraná e galeria dos presidentes*. Curitiba: REPROSET, 1981.

¹² FERRARINI, Sebastião. *A imigração italiana na Província do Paraná e o município de Colombo*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1974; _____. *Colombo: Centenário da imigração italiana*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1979; _____. *O município de Colombo*. Curitiba: Editora Champagnat, 1992.

cronologicamente as informações coletadas através de visitas frequentes aos arquivos municipais, estaduais e nacionais, além de trechos extraídos de depoimentos orais dos colombenses.

As obras citadas foram classificadas neste trabalho como *memória oficial* por resultarem de pesquisas encomendadas aos autores por instituições ou grupos que desejam marcar seu lugar na memória histórica. Entretanto, a fonte secundária mais rica e interessante no que diz respeito à Fábrica *Colombo* talvez seja o pequeno catálogo que Newton Carneiro elaborou a partir da mostra "Os Italianos no Paraná", realizada pelo Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP) na década de 1970¹³. Intitulado *A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil*, relata a experiência da fábrica através de um levantamento minucioso de documentos escritos, depoimentos orais, fotografias e, principalmente, peças de louça, trazendo grande detalhamento cronológico.

Os estudos levantados, heterogêneos entre si, apresentam algumas semelhanças na forma como abordam a referida fábrica. Priorizando a inserção política ou econômica do estabelecimento e dos seus proprietários, nenhum dos autores problematiza a potencialidade interpretativa das peças de louça para pensar sobre o presente em que foram produzidas e consumidas. Da mesma forma, contribuem para a formação e consolidação de uma determinada memória sobre a instituição sem, no entanto, refletir sobre como este processo implica na ressignificação da cultura material ali fabricada.

O que surge na bibliografia consultada é, de uma maneira geral, uma instituição pouco conhecida em plano nacional na atualidade, mas suficientemente importante em termos de memória coletiva paranaense para ser lembrada em repetidos momentos por autores que ressaltam seu valor na história do estado do Paraná. Contudo, ao se partir em busca de testemunhos primários plurais acerca da fábrica, um cenário muito mais amplo se revela e, na delimitação das fontes a serem analisadas, encontra-se o material documental do qual parte esta dissertação.

A documentação primária da Fábrica Colombo: possibilidades do dizer

Verificada a bibliografia disponível e o tratamento tradicionalmente reservado ao estudo da Fábrica de Louças *Colombo* considerou-se que uma discussão fundamentada também nos seus vestígios materiais poderia trazer nova luz ao entendimento do sistema cultural do grupo específico envolvido, de forma direta ou indireta, na produção da instituição. Além disso, uma abordagem diferenciada que coloque em diálogo a

¹³ CARNEIRO, Newton. *A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil*. Curitiba: BADEP, 1979.

documentação escrita e a cultura material, apresenta uma perspectiva de potencial inovador com dados e significações antes não contemplados. Visando compreender quais condições, gerais ou específicas, permitiram a instalação de uma fábrica, cujo produto até o momento era algo majoritariamente importado pelo Brasil, em meio a uma comunidade de origem italiana recém estabelecida, utilizando mão-de-obra e tecnologia estrangeiras, num período de pouca expressão da indústria nacional, foram selecionadas peças de fabricação atribuída à instituição e documentos textuais que tratam da mesma. Estabelecendo a cronologia das fontes disponíveis, definiu-se um recorte temporal entre 1897 e 1924. A data inicial corresponde aos exemplares de louça mais antigos analisados, ainda que se encontrem textos posteriores afirmando que a fábrica teria sido fundada em 1880. A data final, por sua vez, refere-se ao último registro escrito encontrado, embora outros autores indiquem que as atividades produtivas só teriam se encerrado em 1926, com um incêndio nas instalações.

O processo de seleção desta documentação, assim como os demais registros que foram recuperados, mas não fizeram parte do conjunto final, será tema de um tópico específico no primeiro capítulo, que versa sobre as opções teóricas e metodológicas que guiaram este estudo de caso. Basta, no momento, esclarecer que desde os primeiros passos da pesquisa trabalhou-se com a noção de uma documentação fragmentada que, muito embora não possibilite generalizações, fornece respaldo para a compreensão das ambiguidades inerentes à sociedade.

Dessa forma, tinha-se em mente que os documentos escritos contemporâneos à fábrica possibilitavam conhecer a imagem criada em torno do estabelecimento e dos seus diretores, assim como o cenário social que dava forma ao seu contexto, mas como os textos são apenas um registro parcial, ligado às camadas letradas de um determinado nível social, buscou-se na cultura material um contato com outras possibilidades interpretativas, que não apenas chegavam até os não ditos do discurso escrito como também permitiam uma observação diferenciada daquela imagem pública divulgada pela imprensa. Com as peças, portanto, o cotidiano da produção e as tensões étnicas relevadas pelos textos poderiam vir à tona. Entretanto, é importante ressaltar que as peças compuseram igualmente uma documentação fragmentária, uma vez que atualmente não se tem acesso ao conjunto total ou mesmo a amplas estimativas da produção cerâmica da instituição durante seu intervalo de funcionamento. Sendo assim, o estudo da louça de Colombo esteve restrito a um conjunto que apresentava maior quantidade de exemplares comemorativos, devido a especificidade do processo de preservação da memória ao qual estes artigos foram submetidos.

Todavia, o acesso a apenas uma fração do passado não desqualifica este estudo de caso. Sem o objetivo de reconstruir a totalidade dos eventos, o que se busca, enfim, é construir um saber sobre tempos pretéritos que traga luz a sujeitos e acontecimentos

preteridos pela historiografia tradicional, mas que revelam a diversidade de situações e as ambiguidades próprias da vida em sociedade ao longo do tempo. Também dessa forma tem-se um entendimento de como opera o presente e o pesquisador, conforme redireciona seu olhar para temas e abordagens inovadoras.

Estrutura da dissertação

A subdivisão do estudo de caso visa organizar as ideias não de maneira cronológica, mas de acordo com o desenvolvimento do trabalho com as fontes. Sendo assim, o capítulo inicial, “*Considerações teóricas, metodológicas e conceituais*”, traz uma explanação que delimita a postura adotada ao longo da análise. De acordo com Austin, a

[...] teoria é central não apenas para a arqueologia, mas para o estudo histórico como um todo, pois a teoria trata da natureza do comportamento humano [e da cultura material] nos seus contextos de espaço e tempo [...]¹⁴

Portanto, atribui-se importância ao esclarecimento do debate acadêmico recente acerca do estatuto do passado, dirigindo-se especial atenção às transformações ocorridas nas ciências humanas desde a década de 1970. Como se trata de uma proposta dialógica, buscaram-se historiadores e arqueólogos que se preocuparam em repensar os conceitos e paradigmas tradicionais de suas disciplinas, para esclarecer a inspiração teórica que fez com que este estudo de caso procurasse novas perspectivas do saber sobre a Fábrica *Colombo*.

Dessa forma, o primeiro capítulo oferece um grande destaque a considerações sobre a Arqueologia Histórica, em sua vertente pós-processualista, elucidando o direcionamento assumido no trabalho com as diferentes categorias de fonte. Sobre as mesmas, aliás, é dedicado um tópico para expor como se deu a formação do *corpus* documental, apresentando-se, ainda, algumas reflexões sobre a metodologia aplicada para cada tipo de documento. Por fim, é traçado um panorama de como tais observações teórico-metodológicas se aplicam a cada capítulo, ressaltando o eixo comum ao trabalho: o estudo das variadas formas de identidades.

O segundo capítulo, “*Uma questão nacional: discursos sobre a Fábrica Colombo*”, dá início ao estudo propriamente dito das fontes, concentrando-se nos registros escritos produzidos acerca da instituição pela intelectualidade da época. A análise leva a uma discussão acerca da constituição da identidade nacional no Brasil da Primeira República, em

¹⁴ No original, "theory is central not just to archaeology alone but to historical study as a whole, because theory is about the nature of human behaviour [and material culture] in its contexts of space and time". AUSTIN, D. *apud* FUNARI, Pedro Paulo A.; JONES, Siân; HALL, Martin. Introduction: archaeology in history. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; HALL, Martin; JONES, Siân (eds.) **Historical archaeology**: back from the edge. London: Routledge, 1999. p. 9

cujo contexto foi formada uma imagem pública da fábrica apoiada quase totalmente na pessoa de Zacarias de Paula Xavier.

Desse modo, são abordadas questões como a do fundador e o ano de início das atividades, dados conflitantes que remetem à construção discursiva nacionalista que tomou a Fábrica *Colombo* como objeto e seria, mais tarde, replicada pela historiografia. Outro aspecto importante abordado é o dos silenciamentos promovidos pelos autores consultados, perceptíveis especialmente em relação à composição étnica do corpo de funcionários da fábrica. A discussão das fontes escritas que fazem referência à reinauguração de 1903 permite distinguir as particularidades entre as abordagens dos autores nacionais e a do único texto redigido por um italiano, ainda que prevaleça a noção da fábrica como um empreendimento exemplar para o contexto brasileiro de apologia ao progresso.

O terceiro capítulo, “*A cultura material de Colombo: abordagens da etnicidade*”, tem a atenção voltada para a cultura material produzida pela fábrica. Devido às especificidades apresentadas por tal categoria documental, os silenciamentos encontrados na documentação analisada no capítulo precedente puderam ser, de certa forma, suplantados a partir de uma perspectiva que buscou compreender a participação dos imigrantes, vindos da Itália e da Alemanha recém-unificadas, na produção de louça em Colombo.

Para tanto, explorando as discussões historiográficas acerca da imigração no período em questão, procurou-se construir uma abordagem diferenciada que destacava a cultura material como uma das manifestações possíveis do processo formador de identidades étnicas coletivas e individuais. De maneira a tornar a análise mais específica, bem como mais clara para o leitor não especializado, foi estruturado um catálogo descritivo, seguido da problematização de algumas temáticas desenvolvidas com base nas peças selecionadas.

Finalmente, o último capítulo, “*A Fábrica Colombo no contexto das exposições*”, propõe-se a transpor o recorte temporal da virada do século XIX para o XX, traçando uma espécie de ‘arqueologia’ da documentação. Centrado na temática das exposições, num sentido amplo, a preocupação inicial está em discutir a participação da fábrica nos eventos comemorativos do início do século, dos quais restaram registros escritos que manifestam o mesmo cunho político abordado no segundo capítulo. No entanto, parte-se desta problematização para compreender o que fez com que determinados textos e peças fossem preservados, numa tentativa de elucidar o processo de legitimação a que foram submetidos tais documentos.

Assim, o estudo de caso culmina na temática da *memória*, fundamental para um melhor entendimento das especificidades apresentadas ao longo de todo o trabalho. Construindo uma reflexão acerca dos contextos expositivos nos quais a louça esteve presente

em períodos mais recentes, argumenta-se como pessoas e grupos continuam a estabelecer formas identitárias amparadas na memória da fábrica, mesmo que esta resulte em formas diferentes das constituídas pelos sujeitos no passado.

O objetivo central a que se pretende chegar com a soma de todos os capítulos é o de proporcionar uma reflexão acerca da amplitude de possibilidades. Mesmo que se trate de um estudo de caso limitado a uma fábrica de louças da região metropolitana de Curitiba, provoca uma apreciação da complexidade e das ambiguidades inerentes a qualquer sociedade, sugerindo que um olhar mais atento a particularidades pode trazer o enriquecimento deste objeto, histórico e arqueológico, que se convencionou chamar de *passado*.

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS, METODOLÓGICAS E CONCEITUAIS

O estudo de caso da Fábrica de Louças *Colombo* transita por dois tipos distintos de categorias documentais, portanto, é fundamental estabelecer os critérios teóricos e metodológicos assumidos diante do tipo de informação específica que cada fonte pode oferecer. Admite-se, aqui, que o estudo da cultura material promovido pela Arqueologia, superando as barreiras que tradicionalmente seriam impostas ao seu debate com a História, tem um grande valor e traz importantes contribuições ao conhecimento do passado. Conforme Ucko,

[...] a adoção de qualquer abordagem teórica específica envolve a seleção daquilo que é considerado como mais apropriado dentro de uma plethora de ideias acadêmicas ou sociais disponíveis [...]¹⁵

Sendo assim, este primeiro capítulo trata da proposta de um diálogo entre História e Arqueologia, contemplando fonte escrita e material evitando hierarquizá-las. Nesta relação dialógica, entende-se a oposição entre teoria e prática como algo *artificialmente construído*¹⁶, uma vez que as opções metodológicas de um pesquisador derivam de suas escolhas teóricas. Assume-se que a História não é feita apenas com o documento escrito e a Arqueologia não é uma mera prática de campo, no entanto, o que se pretende é dialogar e não confundir. Para tanto, é crucial neste momento estabelecer a inspiração teórica que guia este trabalho e compreender o debate maior no qual a articulação destas diferentes áreas se insere.

1.1. Crise: o passado em nova perspectiva

Por volta da década de 1970 o mundo acadêmico sofreu uma série de abalos que iriam atingir as disciplinas de maneira profunda e marcante. Com a crescente ideia de que o conhecimento tornara-se muito normativo e pouco fecundo¹⁷, alguns conceitos e abordagens seriam a partir de então alvo de reflexão e discussão dentro de novas questões. Vários temas culturais surgiram no âmbito da História nesse período, influenciados em boa medida pelo

¹⁵ No original, “the adoption of any particular theoretical approach involves the selection of what is considered to be the most appropriate from a plethora of available academic or social ideas”. UCKO, Peter J. Archaeological interpretations in a world context. In: UCKO, Peter J. (org.) **Theory in archaeology**. A world perspective. London/New York: Routledge, 1995. p. 14

¹⁶ JOHNSON, Matthew H. Rethinking historical archaeology. In: FUNARI, Pedro Paulo; HALL, Martin; JONES, Siân. **Historical archaeology**: Back from the edge. London/New York: Routledge, 1999. p. 32

¹⁷ RIOUX, Jean-Pierre. Um domínio e um olhar. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.) **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 18-19

escritos de Michel Foucault¹⁸, autor que desestabilizou certezas e sinalizou rupturas que não mais poderiam ser ignoradas, apontando para o papel do intelectual como sujeito ativo na construção do conhecimento. Muitos autores se inspiraram nas ideias do filósofo francês para refletir sobre a relação renovada entre passado e presente que se desenvolveu a partir de então, entre eles Falcon, Albuquerque, Jenkins e Munslow.

Segundo Falcon, o centro da referida crise está na crítica ao racionalismo e à visão racionalista formados no século XIX apoiados em conceitos como *progresso* e *evolução*, sendo esta crítica resultante da não-concretização de promessas e perspectivas da modernidade¹⁹. Rejeitando a razão e o racionalismo modernos, surge o chamado *pós-moderno*, abrindo espaço à revisão dos preceitos iluministas aplicados anteriormente, muitas vezes, sem questionamento.

O autor afirma que a crise implica na alteração do conceito de representação, devido aos questionamentos acerca do *real*. Sendo este um referente fundamental para o historiador, a disciplina entra em crise - não há apenas o fim de uma ideia ou concepção de História, mas uma série de dúvidas é lançada sobre o próprio ofício do historiador. Restaria, conclui, desvincular-se do *real* e ater-se às intertextualidades da historiografia:

[...] como “representação”, o texto histórico é um “artefato” linguístico elaborado segundo princípios literários que remetem às estruturas da “narrativa”, sendo sua referencialidade unicamente de ordem intra e intertextual [...]²⁰

A relação do historiador com suas fontes, com seu ofício, é vista de maneira diversa por muitos autores, mas a perspectiva de Falcon encontra ressonância também em outros pesquisadores. Albuquerque Jr., cujos trabalhos tratam com frequência da relação possível entre História e Literatura, parte dos mesmos pressupostos de Falcon quando afirma que “a realidade não é um antes do conceito, é um conceito”²¹. Dessa forma, o que ambos procuram esclarecer é o papel da narrativa que o historiador constrói ao se valer de vestígios específicos do passado e, também, o estado consciente desse processo construtor.

Ainda com relação à seleção desses vestígios, Albuquerque Jr. ressalta que, além de parcial, a visualização do historiador sobre os elementos do passado e a importância dos mesmos para construir a narrativa é ajustada pela reflexão que põe em evidência ou centraliza determinados aspectos a fim de dar sentido à análise que propõe. O autor observa, enfim, que

¹⁸ FALCON, Francisco J. C. **História cultural**: uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 12

¹⁹ FALCON, Francisco J. C. *Op. Cit.* p. 18

²⁰ FALCON, Francisco J. C. *Op. Cit.* p. 21

²¹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 25

não são *fatos* que se impõem ao historiador como provas irrefutáveis de uma única verdade, mas o historiador, no presente, que os organiza e os seleciona²².

Falcon e Albuquerque Jr. são historiadores que exemplificam como as críticas de Foucault foram recebidas pelos acadêmicos brasileiros, embora não seja possível traçar com isso generalizações. Apesar da aproximação feita nos parágrafos acima, também seria possível encontrar dessemelhanças entre os dois autores, uma vez que ambos percorreram trajetórias diferentes e concluíram sua formação em períodos e instituições distintas. Entretanto, é interessante perceber como a sensibilidade de ambos acerca da relação entre passado e presente foi profundamente influenciada pelo destaque que o filósofo francês insistiu em dar para o lugar histórico e social daquele que constitui o saber.

Com certeza a influência de Foucault não se restringe aos autores brasileiros, podendo também ser citadas *A História Repensada* de Keith Jenkins e *Desconstruindo a História* de Alun Munslow, como referências importantes. Refletindo sobre a situação da disciplina histórica e do seu profissional diante de um presente complexo e contraditório, na opinião de Jenkins, o historiador exerce uma prática discursiva na qual o tempo presente sonda e reorganiza o passado conforme sua perspectiva, dando visibilidade aos aspectos que lhe convém destacar²³. Munslow, com uma reflexão mais direcionada ao desenvolvimento de uma História Cultural como postura desconstrucionista preocupada com o processo que constitui o conhecimento e impõe significados ao passado, destaca a importância da historiografia entendida como discurso²⁴. Retorna-se aqui, de certa forma, à questão do historiador que analisa suas fontes movido pela contemporaneidade na qual vive, conduzindo a reconstrução narrativa de um passado marcado por aquele que o estuda.

Mas Jenkins ainda aponta para uma maior conscientização da pluralidade de interpretações no espaço e no tempo, assim como a não exclusividade da História no que diz respeito ao estudo de acontecimentos pretéritos. Em suas palavras,

[...] não há método que estabeleça significados definitivos; a fim de terem significado, todos os fatos precisam inserir-se em leituras interpretativas que obviamente os contêm, mas que não surgem pura e simplesmente deles [...]²⁵

Sendo assim, a História é *uma* prática discursiva, entre outras, que busca dar sentido ao passado, e varia ao longo do tempo devido à imprevisibilidade das leituras que novos pesquisadores poderão vir a apresentar. Além disso, um aspecto importante que transpõe fronteiras e remete à inspiração foucaultiana, encontrado tanto na publicação de Jenkins

²² ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Op. Cit.* p. 31-32

²³ JENKINS, Keith. *A história repensada* . São Paulo: Contexto, 2007. p. 104

²⁴ MUNSLOW, Alun. *Desconstruindo a história* . Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9

²⁵ JENKINS, Keith. *Op. Cit.* p. 61

quanto em Albuquerque Jr., é a chance de dar visibilidade a certos aspectos desconsiderados ou omitidos do passado, a partir das novas leituras ou da revisão de conceitos. Não se trataria de uma busca por justiça ou de uma inversão nas hierarquias já construídas e consolidadas, mas um esclarecimento de que o passado é muito mais diversificado do que os modelos normativos tradicionais dariam a entender. Nesse sentido, Albuquerque Jr. ilustra a proposta com uma reflexão interessante sobre as críticas que rodeiam as comparações entre o Menocchio de Ginzburg e o Rivière de Foucault, lembrando que, enquanto o autor italiano tenta superar os silêncios que encontra em suas fontes, o autor francês busca justamente ressaltá-los, denunciá-los, para demonstrar como se constroem os discursos e como estes marcam os sujeitos²⁶.

Guardadas as diferenças entre os autores, é a percepção do *passado* como construção discursiva do *presente* que deve receber destaque aqui. Vislumbrando a subjetividade do sujeito-pesquisador e respeitando a pluralidade do objeto-passado, procura-se, por inspiração em autores como os citados, realizar um estudo de caso que traga novos olhares sobre como se constrói (e como foi antes construído) de maneira ativa o conhecimento.

1.2. Arqueologia Histórica: diálogo em exercício

Uma vez que se pretende trabalhar com um universo de fontes diversificado, questão a ser explorada mais a fundo ainda neste capítulo, o diálogo entre História e Arqueologia é crucial. Algumas considerações devem ser feitas, entretanto, para que se compreenda como essa perspectiva de trabalho se insere na discussão teórica introduzida até o momento, tendo em vista que esta explanação é a base de toda a dissertação.

Concebida como complemento da História, visando preencher as possíveis lacunas da documentação escrita²⁷, a Arqueologia foi por muito tempo estigmatizada como mera análise técnica de culturas materiais passadas, em especial daquelas que não dispunham do registro escrito. Todavia, a disciplina vem consolidando cada vez mais sua independência e possui uma fundamentação teórica própria que é, com frequência, posta em debate entre estudiosos do mundo todo. Ainda assim, é uma área que não perdeu e que talvez nunca perderá seu caráter multi e interdisciplinar, pois o trabalho de campo, de laboratório e a análise e compilação subsequente dos dados são tarefas que envolvem uma equipe de profissionais com especialidades bem definidas, numa constante relação de troca.

²⁶ Sugere-se a leitura do original para melhor compreensão do argumento do autor, em ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Op. Cit.* p. 111

²⁷ FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 84

Da mesma forma que a “crise” do pensamento científico colocou em cheque a História tradicional, os arqueólogos se encontraram diante de uma renovação da postura que assumiam como construtores de conhecimento. O chamado *pós-processualismo*, com influências do Estruturalismo, do Neomarxismo e da Hermenêutica, levantou-se contra modelos dicotômicos que ignoravam a intencionalidade humana na produção da cultura²⁸. Além disso, visando inserir-se nas preocupações teóricas mais abrangentes entre as ciências sociais, o discurso arqueológico passou a ser tomado como uma construção textual do passado voltada para o presente²⁹, o que levou à revisão do estilo tradicional de escrever Arqueologia³⁰.

O pós-processualismo assume várias formas e deu origem a muitas ramificações, enfatizando o debate e a diversidade, mas seu surgimento é localizado por muitos no mundo anglo-saxão com autores como Ian Hodder, Michael Shanks e Christopher Tilley. Um dos objetivos desta corrente é examinar

[...] os modos pelos quais similaridade e diferença, continuidade e mudança, são construídos através da cultura material, e interpretar o modo pelo qual estas construções brindam um papel na relação dialética entre as estruturas e o evento [...]³¹

Para executar tal análise, portanto, a figura central da questão é o homem e sua característica que o distingue dos demais objetos de estudo: o simbolismo. Schiavetto afirma que arqueólogos, antropólogos e historiadores devem ter em mente esta particularidade, pois “de trás de toda a espécie de produção material humana há algo mais do que a funcionalidade”³².

Preocupados com a variabilidade do comportamento humano, com o papel do caráter simbólico da cultura material na ação dos homens³³, os pós-processualistas valorizam a subjetividade de tal forma que este se tornou um dos principais argumentos dos seus críticos. Esta priorização do particularismo em detrimento das generalizações levou os críticos à acusação de *anti-ciência*, na qual a cultura política do presente tomaria o lugar do conhecimento positivo do passado³⁴. No entanto, os pesquisadores comprometidos com a postura pós-processual consideram que não há motivos para negar que são pessoas que fazem

²⁸ SILVA, Fabíola Andrea. Arqueologia, arqueologias e a tensão paradigmática contemporânea. In: **Cadernos de metodologia e técnica de pesquisa**: revista anual de metodologia de pesquisa. Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação, n. 6, 1995. p. 128

²⁹ SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. **A arqueologia guarani**: construção e desconstrução da identidade indígena. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003. p. 26

³⁰ HODDER, Ian *apud* SILVA, Fabíola. *Op. Cit.* p. 130

³¹ HODDER, Ian *apud* SILVA, Fabíola. *Op. Cit.* p. 129

³² SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. *Op. Cit.* p. 41

³³ HODDER, Ian *apud* SILVA, Fabíola. *Op. Cit.* p. 126

³⁴ SHANKS, Michael; HODDER, Ian. Processual, postprocessual and interpretative archaeologies. In: WHITLEY, D. S. (ed.) **Reader in archaeological theory**: postprocessual and cognitive approaches. London: Routledge, 1998. p. 69

arqueologia e estas mesmas pessoas são constituídas por subjetividades em condutas históricas³⁵.

Em suma, destaca-se que a Arqueologia Pós-processual é uma postura teórica adequada ao presente trabalho devido a sua preocupação com a reconstrução dos significados subjetivos da cultura material e à ênfase no papel da ação simbólica humana. Na verdade, a contribuição desta perspectiva vai além da Arqueologia como análise de um conjunto de fatores que não se restringe à cultura material, pois consiste em valorizar o mérito de hipóteses alternativas dentro do pensamento arqueológico³⁶, ou seja, não só existe uma relação natural de diálogo com disciplinas diversificadas conforme já apontado, mas mesmo dentro da Arqueologia há um aproveitamento das reflexões concorrentes.

A chamada *Arqueologia Histórica* é marcadamente conhecida por equilibrar com maior destreza a relação entre artefato e documento escrito. De uma maneira geral, a disciplina se dedica ao estudo do passado a partir de fontes escritas e materiais, o que contempla no meio acadêmico europeu desde a Antiguidade até os dias mais atuais, enquanto que no continente americano os registros escritos surgem apenas a partir do contato com exploradores e colonizadores europeus no final do século XV e início do XVI. No Brasil, a preocupação com esta área do conhecimento recebeu influências mais fortes dos pesquisadores norte-americanos que, desde meados do século XX, desenvolveram um grande interesse pelo estudo da civilização branca, anglo-saxônica e protestante³⁷, numa perspectiva bastante etnocêntrica. Porém, a realidade sul-americana logo trouxe a necessidade de superar as limitações dessa importação direta, uma vez que os sujeitos do passado brasileiro diferiam do norte-americano. A arqueóloga Rosana Najjar, em publicação didática sobre a Arqueologia Histórica produzida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2005, afirma que a disciplina começou a se estabelecer no país na década de 1960 com os primeiros estudos sistemáticos da ocupação espanhola do século XVI e das ruínas jesuíticas do século XVII³⁸.

Com o aumento na diversidade dos sítios arqueológicos chamados históricos, assim como sua profundidade temporal cada vez menor, o capitalismo tornou-se um elemento fundamental para caracterizar o mundo estudado pela disciplina. Assim, a Arqueologia Histórica

³⁵ Esta é a conclusão a que chegam os autores Shanks e Hodder em seu artigo acima referenciado. Sugere-se a leitura completa do texto para uma melhor compreensão das críticas e das conclusões a que chegam os autores.

³⁶ UCKO, Peter. *Op. Cit.* p. 21-22

³⁷ FUNARI, Pedro Paulo Abreu; BRITTEZ, Fernando R. (comp.) **Arqueología histórica en América Latina: temas y discusiones recientes**. Mar del Plata: Ediciones Suárez, 2006. p. 17

³⁸ NAJJAR, Rosana. **Arqueologia Histórica: manual**. Brasília: IPHAN, 2005. p. 17

[...] deixou de ser uma ferramenta que pretendia vincular os documentos escritos em função dos restos materiais da cultura dos povos do passado para ser um campo disciplinar que aborda os processos gerados pela expansão europeia. Mas, na construção do termo, não se desvincula o conceito de Arqueologia da perspectiva histórica, já que se está, enfim, *reconstruindo* uma história a partir dos materiais que se encontram em campo, mas não só é uma história a partir dos objetos, mas também uma história de nossa formação como arqueólogos, que tem um papel importante na hora de produzir conhecimento e de desenhar os marcos interpretativos com os quais dinamizamos a *performance* desses objetos [...]³⁹

Com crescente interesse na miríade de questões relacionadas à expansão do capitalismo, a Arqueologia Histórica colocou-se lado a lado com as preocupações básicas das ciências sociais. Autores como Funari, Thiesen, Orser e a já citada Najjar indicam como nas últimas duas décadas os arqueólogos históricos têm se voltado às características materiais do capitalismo e seus mecanismos de dominação e resistência⁴⁰, às mudanças sociais, econômicas e culturais decorrentes de sua consolidação⁴¹, à conformação da sociedade moderna⁴² e a temas como gênero, etnicidade e paisagem em situações de contato étnico e de conflito⁴³.

Estas mudanças na temática que compete e interessa ao arqueólogo são sintomáticas do período de revisão e questionamento no meio acadêmico explorado no tópico anterior. A História reviu seus conceitos de fonte, refletiu sobre os pares dicotômicos como objetividade/subjetividade, sobre o que significa ser historiador, passando por uma turbulência que ainda hoje é fruto de discussão. A Arqueologia, por sua vez, viu-se dando um passo além da busca pela origem do homem ou pelas grandes civilizações das quais os grupos hegemônicos acreditar-se-iam herdeiros. Os pesquisadores agora procuravam dar voz também às pessoas comuns, como forma de *democratizar* o passado⁴⁴.

Na busca por novas perspectivas, o diálogo entre as fontes exerce importante papel, mas o trabalho da Arqueologia Histórica exige um olhar próprio, ajustado a cada tipo de

³⁹ No original, “pasó de ser una herramienta que pretendía vincular los documentos escritos en función de los restos materiales de la cultura de los pueblos del pasado a ser un campo disciplinar que aborda los procesos generados por la expansión europea. Pero en la construcción del término, no hay que desvincular el concepto de Arqueología a la perspectiva histórica, ya que en últimas estamos *re-construyendo* una historia a partir de los materiales que se encuentran en campo, pero no solo es una historia a partir de los objetos, sino también una historia de nuestra formación como arqueólogos, que juega un papel importante a la hora de producir conocimiento y de diseñar los marcos interpretativos en los cuales dinamizamos el *performance* de esos objetos”. SANDOVAL, Javier Rivera. Sepulturas abiertas en la Nueva Granada: reflexiones sobre una arqueología histórica de la muerte. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; BRITTEZ, Fernando R. (comp.) **Arqueología histórica en América Latina: temas y discusiones recientes**. Mar del Plata: Ediciones Suárez, 2006. p. 140-141

⁴⁰ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. A arqueologia histórica em uma perspectiva mundial. In: **Arqueologia e patrimônio**. Erechim: Habilis, 2007. p. 28

⁴¹ THIESEN, Beatriz Valladão. Arqueologia industrial ou arqueologia da industrialização? Mais uma questão de abrangência. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 4, 2006. p. 1

⁴² ORSER, Charles E. *apud* BRANCHELLI, Fabiano Aiub. **Vida material e econômica na Porto Alegre oitocentista**. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUC-RS, 2007. p. 19

⁴³ NAJJAR, Rosana. *Op. Cit.* p. 17

⁴⁴ BRANCHELLI, Fabiano Aiub. *Op. Cit.* p. 15

documento e consciente de que qualquer registro possibilita múltiplas leituras e requer uma análise crítica do processo específico pelo qual passou⁴⁵. Contudo, o inglês Ian Morris acredita ser comum que arqueólogos que utilizam textos e historiadores que transitam pela arqueologia cultivem o mau hábito de concentrar-se em um único tipo de evidência, se apoiando em sínteses secundárias sobre o outro⁴⁶. A solução ao problema, segundo o autor, está no reconhecimento do potencial de cada fonte e no respeito aos limites das mesmas.

A distinção entre História e Arqueologia, ainda que o mundo acadêmico de hoje esteja menos fragmentado em disciplinas fechadas e isoladas umas das outras, continua a existir mesmo que ambas permitam lidar com ampla variedade de classes documentais. Conforme o arqueólogo Matthew Johnson, a distinção permanece em termos acadêmicos e de organização profissional, porém a dificuldade em vê-la com tanta clareza quanto no passado não implica em um problema, mas em uma oportunidade ao diálogo. Neste ambiente, a Arqueologia Histórica ressurgiu como um extenso conjunto de práticas dentro de uma teoria interdisciplinar da cultura material⁴⁷.

Além disso, segundo Shanks e Hodder, refletir sobre um artefato numa perspectiva histórica poderia reduzir o significado de um trabalho cultural a uma expressão voluntária ou involuntária - o vasilhame expressa a sociedade, ou o artesão, ou a época. Seria uma abordagem válida, porém os autores lembram que há também “o vasilhame em si, sua materialidade inequívoca, seu mistério e incerteza, que o abrem à interpretação”⁴⁸.

Um artefato, assim como o mundo social, é substancialmente *polissêmico*, ele pode ser classificado de acordo com a sua forma e decoração, mas há sempre mais a ser dito ou feito com o objeto, e o que não se encaixa na taxonomia não deve ser ignorado, pois interessa pensar também naquilo que *não é*, nas irregularidades⁴⁹. Mesmo assim, na prática,

[...] é difícil separar significados funcionais, tecnológicos do âmbito simbólico, assim como símbolos claramente tem funções sociais pragmáticas. No mundo material, a função contribui para o significado simbólico abstrato [...]⁵⁰

Estas numerosas possibilidades de significado constituem a *eloquência do artefato*: para compreendê-la é necessário um intenso trabalho interpretativo, conectando diferentes

⁴⁵ COURTNEY, Paul. Historian and archaeologists: an English perspective. In: **Historical Archaeology**, v. 41, n. 2, 2007. p. 40

⁴⁶ MORRIS, Ian. Archaeology as cultural history. In: **Archaeology as cultural history: words and things in Iron Age Greece**. Oxford: Blackwell Publishers, 2000. p. 32

⁴⁷ JOHNSON, Matthew. *Op. Cit.* p. 32

⁴⁸ No original, “the pot itself, its equivocal materiality, its mystery and uncertainty, which opens it to interpretation”. SHANKS, Michael; HODDER, Ian. *Op. Cit.* p. 91

⁴⁹ SHANKS, Michael; HODDER, Ian. *Op. Cit.* p. 75

⁵⁰ No original, “it is difficult to separate functional, technological meanings from the symbolic realm, and conversely symbols clearly have pragmatic social functions. In the material world function contributes to abstract symbolic meaning”. SHANKS, Michael; HODDER, Ian. *Op. Cit.* p. 84

vestígios para dar sentido ao passado, considerando sua eficiência e sua produtividade, estimando seus objetivos e propósitos, questionando inclusive suas características técnicas, tais como sua fidelidade à existência material do passado - artefatos, afinal, trabalham de maneira material, sujeitos a processos materiais universais⁵¹.

Uma vez estabelecidos os posicionamentos teóricos cabe discutir os procedimentos metodológicos derivados. Procurando manter sempre clara a distinção e não-hierarquização das fontes, é também importante aprofundar a discussão acerca de como se deu forma à documentação selecionada e de como se pretende trabalhar com a mesma.

1.3. Formação do corpus documental da Fábrica Colombo

Em correspondência ao que vem sendo discutido desde o início deste capítulo, a formação do *corpus* de documentação a partir do qual se constrói este estudo de caso é um dado essencial para compreender de onde vem este trabalho e quais são seus objetivos em termos de constituição de um novo saber acerca da Fábrica *Colombo*. Citando mais uma vez o trabalho de Albuquerque Jr., cujas observações sobre o ofício do historiador poderiam aqui ser estendidas àquele que se dedica ao estudo do passado de uma maneira geral, o autor acredita que

[...] consultando arquivos, [o pesquisador] compila uma série de textos, leituras e imagens deixadas pelas gerações passadas, que, no entanto, são reescritos e revistos a partir dos problemas do presente e de novos pressupostos, o que termina transformando tais documentos em monumentos esculpidos pelo próprio historiador, ou seja, o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em História [...]⁵²

Portanto, recupera-se a seguir o processo de busca, identificação e seleção da documentação primária, bem como algumas considerações sobre as diferentes relevâncias de cada categoria documental para o estudo de caso proposto.

Ao proceder ao levantamento bibliográfico⁵³ que diz respeito à história da Fábrica *Colombo*, em maior ou menor grau, encontrou-se na leitura dos textos a ideia da industrialização crescente e dos laços políticos que a envolveram. Vez ou outra, a fábrica estava associada ao movimento imigratório, como um marco de labor ancestral que não deveria ser esquecido. Entre os autores, há uma predominância do uso de documentação oficial, de textos comemorativos e, em menor intensidade, de depoimentos orais.

⁵¹ SHANKS, Michael; HODDER, Ian. *Op. Cit.* p. 79-80

⁵² ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Op. Cit.* p. 63

⁵³ O levantamento aprofundado encontra-se na Introdução desta dissertação.

Na busca pela documentação primária, encontraram-se textos em jornais e em almanaques, reproduções fotográficas, diplomas, além de algumas informações orais fornecidas por descendentes e outros pesquisadores que se dedicaram ao estudo da fábrica no passado, o que também serviu como instrução na busca por mais dados, de certa forma direcionando o olhar na consulta aos arquivos. Entretanto, partindo de um ponto de vista marcado pela Arqueologia Histórica, o presente estudo de caso procurou em especial por fontes materiais, uma vez que seria este o universo inexplorado pela historiografia anterior.

A documentação escrita foi recuperada com relativa facilidade, pois a cidade de Curitiba conta com várias instituições de guarda de arquivos textuais referentes a todo o estado do Paraná, com um bom índice de conservação dos mesmos. Na eventualidade de um volume faltante, havia disponibilidade de cópias em outros estabelecimentos, todos acessíveis ao público especializado. No que diz respeito à cultura material, no entanto, a dificuldade se mostrou maior. Até o momento, não houve intervenção arqueológica no local onde a fábrica se situava, com a exceção de uma coleta de vestígios superficiais conduzida nas proximidades do local⁵⁴, na qual se recuperou o fragmento de uma base de recipiente com o selo da instituição. Além disso, não foram encontradas peças guardadas pelas famílias residentes em Colombo e não havia nenhum museu no município que pudesse contribuir com seu acervo.

Todavia, devido à proximidade de Curitiba, trabalhou-se com a possibilidade de encontrar peças nos acervos museais da capital do estado, hipótese que se provou correta. O Museu Paranaense dispunha de três peças em sua reserva técnica, obtidas por meio de doação, além de sua biblioteca conter almanaques e jornais do início do século que se mostraram fecundos para a finalidade do estudo. Outras peças puderam ser encontradas na residência de um colecionador particular que dispôs as mesmas para análise, permitindo o aprofundamento do seu estudo. As demais peças das quais se tinha notícia através do catálogo produzido em 1979 por Newton Carneiro⁵⁵, embora não tenham sido localizadas na atualidade, poderiam ser exploradas a partir dos registros fotográficos e descrições de pormenores deixadas pelo autor da publicação.

Com isso obteve-se um *corpus* documental diversificado e, a partir de então, algumas escolhas puderam ser feitas. Em suma, tratava-se de três universos distintos disponíveis: o textual, o cerâmico e o fotográfico. O primeiro, a documentação escrita, fora muito explorada

⁵⁴ A coleta de materiais aflorados foi conduzida como parte do “Projeto de caracterização do patrimônio arqueológico do estudo ambiental complementar da área de abrangência do aquífero Karst”, que compreendia o norte da região metropolitana de Curitiba, inclusive o município de Colombo. PARELLADA, Claudia Inês; MORALES, Martha H. L. Becker. **Relatório final de caracterização do patrimônio arqueológico do estudo ambiental complementar da área de abrangência do aquífero Karst**, norte da região metropolitana de Curitiba-PR. Relatório de pesquisa, 2007.

⁵⁵ CARNEIRO, Newton. **A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil**. Curitiba: BADEP, 1979.

por outros autores, o que inclusive trouxe facilidade em sua localização. Insere-se nessa categoria uma variedade de tipos discursivos, tais como artigos jornalísticos, produções textuais amplas e chamadas rápidas de almanaques, legislação estadual e títulos comprobatórios de premiações. O segundo, as peças em louça, contavam com três exemplares do acervo do Museu Paranaense, quatro de coleção particular e dois encontrados na Casa de Cultura de Colombo. O terceiro universo compunha-se de quatorze fotografias que integravam o acervo da Casa de Memória de Curitiba, arquivadas pela instituição com referência ao nome “Fábrica de Louças Colombo”, além de cinco peças das quais não se sabe o paradeiro atual, exibidas em imagens no catálogo de Carneiro.

A cultura material era fundamental para o desenvolvimento da proposta de trabalho, uma vez que um dos objetivos principais era explorar novos aspectos e abordagens, mas era igualmente necessário selecionar outro tipo de documento para que se estabelecesse o diálogo. Para tanto, optou-se pela documentação encontrada em jornais e almanaques. O amplo uso desse tipo de documentação nos estudos anteriores contribuiu para a escolha final: tendo sido os textos consideravelmente discutidos pelos demais autores, a introdução da cultura material enriqueceria o debate com um olhar renovado, inclusive abrangendo temáticas mais diversificadas, uma vez que a consideração de uma nova categoria de fonte traria essa possibilidade.

Todavia, embora as fontes dessa dissertação sejam referenciadas como *escritas* e *materiais*, a divisão final da documentação selecionada é mais complexa do que aparenta a primeira vista. No rol das fontes textuais, por exemplo, destacam-se frações de almanaques e artigos jornalísticos, com diferenças profundas entre si, mas não se descartam menções a trechos de legislação estadual, ou outras passagens observadas em autores contemporâneos à fábrica para fins de contextualização dos documentos. Como item principal da documentação escrita optou-se pelos almanaques, visto que tais veículos textuais foram privilegiados como fontes de grande importância para construir o histórico da fábrica na perspectiva de vários autores, o que permitiria expandir a análise às leituras posteriores que tais fontes sofreram. São textos encontrados no *Almanaco del Fanfulla*⁵⁶, de 1905, no *Almanach dos Municípios*⁵⁷, de 1922, e n’*A vida fecunda dos municípios do Paraná*, de 1924, que serviram de base para a argumentação de diversas construções históricas, assim como os volumes comemorativos de 1905, *Exposição do Cincoentenário (1853-1903)*, e de 1923, *O Estado do Paraná na Exposição do Centenário (1822-1922)*. No mesmo sentido, optou-se pela inclusão de jornais,

⁵⁶ ROTELLINI, Vitaliano. **Almanaco del Fanfulla**. San Paolo, Brasile: s/e, 1905. Documento reproduzido em FERRARINI, Sebastião. **A imigração italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1974.

⁵⁷ FIGUEIRA, Alberico (dir.) **Almanach dos Municípios**: Edição especial do centenário da Independência do Brasil. Curitiba: s/e, 1922.

embora a procura não tenha se mostrado tão fecunda quanto no caso dos almanaques. Foram consultadas edições dos periódicos *A República* e *Dezenove de Dezembro*, condizentes com o recorte temporal proposto, sendo que apenas o primeiro apresentou artigos que foram incluídos na documentação final. Embora limitados a um período específico da produção no início do século XX, tais artigos foram fundamentais para enriquecer a análise de referências ao mesmo período encontradas nos almanaques.

A cultura material selecionada, por sua vez, inclui também as peças que não foram recuperadas, mas das quais se dispunha do registro fotográfico. Concretamente, foram encontradas as três peças do Museu Paranaense, além do fragmento recuperado por prospecção que foi incorporado ao acervo desta mesma instituição, e quatro peças de um colecionador particular. As peças sob a guarda da Casa de Cultura de Colombo, associadas à fábrica por tradição oral, não puderam ser identificadas de maneira conclusiva devido à ausência de qualquer marcação ou período de fabricação, logo, optou-se por desconsiderá-las, embora tenham sido incluídas no rol de fontes em um trabalho preliminar⁵⁸. O catálogo de Carneiro apresentava a maioria das peças mencionadas, além de cinco outras, com consideráveis dados descritivos, ainda que a totalidade de suas imagens estivesse em preto e branco. Como se procurava trabalhar com uma noção bastante ampla não apenas do que é *documento*, mas do que é *cultura material* e de como se procede ao seu estudo, tornou-se possível inserir as imagens destas cinco peças faltantes no universo das fontes materiais. Dessa forma, obteve-se uma amostra bastante específica de artefatos pouco ligados a uma funcionalidade cotidiana, o que levou à retirada do fragmento recuperado em prospecção do conjunto de fontes a ser estudado, pois a análise foi direcionada aos objetos íntegros produzidos pela fábrica e ao uso a que foram submetidos, em termos práticos ou simbólicos, pela sociedade que os consumiu na época e ao longo do século XX. Maiores observações a respeito das peças em si serão desenvolvidas ao longo do capítulo reservado para a análise da cultura material, tendo sido esclarecido aqui o que motivou a sua seleção.

Por fim, quanto aos registros fotográficos disponibilizados pela equipe da Casa de Memória de Curitiba, optou-se por não incluí-los na seleção final de fontes. Tanto a validade quanto a contribuição deste tipo de documento são reconhecidas como importantes subsídios à construção de saber acerca do passado, portanto, a opção não implica na omissão de algumas considerações que podem ser embasadas na observação deste tipo de registro ao longo do trabalho. É apenas importante que se compreenda que a análise aprofundada das

⁵⁸ Trata-se de monografia de graduação em História, concluída em 2006 e publicada parcialmente na forma do artigo MORALES, Martha H. L. Becker. Proposta teórico-metodológica para o estudo de caso da Fábrica de Louças *Colombo* (1897-1926). *História e-História*, 2008 (On-line, disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=111>)

fotografias poderia trazer aspectos diferenciados que não necessariamente estão em foco neste estudo de caso. Permanece como um recurso a mais para estudos futuros, ampliando sobremaneira as possibilidades do pesquisador, mas carece de verificação minuciosa, pois é perceptível que há uma generalização do termo “Fábrica de Louças Colombo” que implica na inclusão de fotografias de diferentes instituições de um período temporal próximo sob um mesmo título no arquivamento da informação.

1.4. Sobre fontes: breves considerações conceituais e metodológicas

Julio Aróstegui, em sua publicação *A pesquisa histórica: teoria e método*, afirma que “os objetivos da pesquisa condicionam a adequação das fontes”⁵⁹. A relação de diálogo entre documento escrito e cultura material proposta está apoiada na concepção resultante da renovação do conceito de *fonte* que acompanhou a transformação já comentada, resumida por Aróstegui como

[...] “fonte para a história” pode ser, e de fato é, qualquer tipo de documento existente, qualquer realidade que possa aportar um testemunho, vestígio ou relíquia, qualquer que seja sua linguagem [...]”⁶⁰

Assim sendo, ao lado dos almanaques comemorativos e artigos publicados em jornal, estão as peças produzidas pela fábrica de louças que figuraram como personagens tais quais estes textos, não de maneira descritiva, mas como veículo de representação e legitimação. Contudo, é preciso esclarecer que, como categorias diferentes, a documentação selecionada sobre Colombo recebe tratamento distinto, que considera desde sua origem, sua autoria e o seu contexto até sua composição física, sua materialidade.

Um documento escrito pode ser original ou uma cópia, de conteúdo adulterado ou não; o autor pode ter manipulado informações de forma deliberada ou levantado a bandeira da neutralidade. A cultura material, por sua vez, não é um reflexo passivo da sociedade que lhe deu origem, muito pelo contrário: de certa forma, ela cria a sociedade por meio da ação dos indivíduos⁶¹. Um artefato pode representar ideias, crenças, simbolizar pessoas e coisas, pode informar sobre a vida. O objeto recebe um sentido que seu produtor desloca a partir de relações socioculturais ou econômicas e não há garantia de que este sentido será absorvido pelo pesquisador no futuro, mas não é o artefato que “fala”; o pesquisador faz a sua leitura,

⁵⁹ ARÓSTEGUI, Julio. Uma teoria da documentação histórica. In: **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: EDUSC, 2006. p. 507

⁶⁰ ARÓSTEGUI, Julio. *Op. Cit.* p. 489

⁶¹ HODDER, Ian. **Interpretación en arqueología: corrientes actuales**. Barcelona: Editora Crítica, 1988. p. 19

conforme seu referencial teórico e as questões que estabelece, produzindo um discurso a seu respeito.

Ainda que ao longo do tempo tenha-se reconhecido que as chamadas “fontes históricas tradicionais” (ou seja, as fontes escritas) constituem perspectivas parciais e fragmentárias de um passado por apresentarem pontos de vista de seções particulares da sociedade, permanece entre alguns nichos acadêmicos a ideia de que a evidência material fornecida pela arqueologia seria um tipo “mais objetivo” de fonte⁶². Esta é uma observação feita pela arqueóloga inglesa Siân Jones, cujo trabalho sobre a etnicidade trouxe-lhe a necessidade de refletir sobre as categorias de fontes disponíveis. De acordo com a autora, assim como os documentos escritos devem ser estudadas nos termos dos contextos sociais e políticos nos quais foram produzidas e considerando, sempre, os interesses dos autores e dos receptores dos textos, a cultura material deve receber o mesmo tratamento, e ambas constituem perspectivas subjetivas do passado, pois, além de ser o resultado de processos de sobrevivência específicos, são fontes de interpretação no presente. Em sua opinião, a tentativa de ignorar a subjetividade do material impede o desenvolvimento de perspectivas críticas que visam examinar as representações subjetivas do passado e compreendê-las como parte de negociações e construções de identidade cultural⁶³.

Na análise da cultura material e da documentação escrita de uma mesma sociedade há sempre a possibilidade do pesquisador deparar-se com semelhanças e/ou divergências; podem haver perspectivas complementares ou contraditórias, assim,

[...] quando a informação é contraditória deve-se revisar a origem e a procedência, como também o processo que a gerou. Nesse caso, podem-se abrir outras possibilidades, ou corrigir eventuais erros no método de obtenção. Todo esse processo permitiria aumentar as possibilidades do conhecimento, fomentar métodos mais rigorosos e alcançar níveis mais profissionais [...]⁶⁴

ou seja, não há razão para ignorar a divergência entre as fontes. A missão de um trabalho crítico é justamente explorar heterogeneidade⁶⁵, apontar as lacunas das impecáveis ordens explicativas do passado, abrindo novos caminhos ao trabalho de pesquisa.

⁶² JONES, Siân. Historical categories and the praxis of identity: the interpretation of ethnicity in historical archaeology. In: FUNARI, Pedro Paulo; HALL, Martin; JONES, Siân. **Historical archaeology: Back from the edge**. London/New York: Routledge, 1999. p. 222

⁶³ Esta discussão está presente ao longo de todo o artigo de Jones, citado acima. Recomenda-se a leitura do texto completo para melhor compreensão das ideias da autora.

⁶⁴ No original, “cuando la información es contradictoria se debe revisar el origen y la procedencia, como también su forma de generarse. En ese caso, se pueden abrir otras posibilidades, o corregir eventuales errores en el método de obtención. Todo este proceso permitiría aumentar las posibilidades del conocimiento, fomentar métodos más rigurosos y alcanzar niveles más profesionales”. RAMOS, Mariano. El proceso de investigación en la denominada arqueología histórica. In: **Arqueología Histórica Argentina**. Actas del 1º Congreso Nacional de Arqueología Histórica. Buenos Aires: Corregidor, 2002. p. 648

⁶⁵ SHANKS, Michael; HODDER, Ian. *Op. Cit.* p. 92

Em síntese, retomando o trabalho de Jones, é preciso que fique claro que não é possível encontrar o mesmo tipo de representação ou manifestação identitária no vestígio material e no registro escrito⁶⁶. É na relação incerta e inesperada das fontes que o diálogo se situa, no que elas podem revelar a sua própria maneira que se tornam igualmente valiosas para construir o conhecimento do passado.

Segundo Trindade e Andrezza, a cerâmica - como outros artefatos - é um signo de diferenciação tecnológica e cultural, sendo, a princípio, destinada à função de utensílio, mas também acompanhando a complexificação social, ganhando sofisticação de forma, cor e motivos decorativos⁶⁷. Assim, a produção cerâmica vai-se ajustando às necessidades e crenças da sociedade que a produz.

Os estudos sobre a produção cerâmica ao longo do tempo, conforme Robrahn-González, passaram por diferentes fases, culminando hoje em uma necessidade de classificar o material em tipologias - incentivando, assim, o estudo da fonte de matéria-prima, textura, antiplástico, etc. - aliada à análise da cronologia, do desenvolvimento tecnológico e da distribuição da cerâmica⁶⁸.

Tendo em vista a variedade de definições existentes, a divisão dos tipos cerâmicos que melhor se aplica a este trabalho é a desenvolvida por Carle e Oliveira, relacionada à cerâmica dita *doméstica*. Esta seria

[...] todo o artesanato de barro queimado em forma de recipiente para o uso doméstico, sem fins estruturais, que servem para cozimento, guarda, decoração ou outras funções não-arquitetônicas, normalmente composta por objetos móveis [...] ⁶⁹

A este grupo pertencem os vasilhames engobados, as terracotas, as faianças, as faianças finas, as porcelanas, as cerâmicas vidradas, o grês cerâmico e outros. Conforme os autores, a faiança, a faiança fina e a porcelana, por serem consideradas “artefatos de uma cerâmica mais refinada, utilizados indistintamente no meio doméstico”⁷⁰, são designadas com o nome genérico de *louça*. Aristides Pileggi, autor ao qual a grande maioria dos estudiosos da cerâmica faz referência, afirma que a denominação *louça*⁷¹ compreende “todos os produtos

⁶⁶ JONES, Siân. *Op. Cit.* p. 224

⁶⁷ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. A formação da sociedade paranaense. In: **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED/PR e UFPR, 2000. p. 14

⁶⁸ ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. Teoria e métodos na análise cerâmica em Arqueologia. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, v. 8, 1998. p. 287-288

⁶⁹ CARLE, Claudio Baptista; OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte. O Solar da Travessa do Paraíso: exemplo de arqueologia histórica no município de Porto Alegre. In: **Coleção Arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 1, v. 2, 1995-6, p. 366

⁷⁰ CARLE, Claudio; OLIVEIRA, Alberto. *Op. Cit.* p. 367

⁷¹ Pileggi lembra que “a expressão 'louça' é usada quase que exclusivamente no idioma português (loiça) e o espanhol (loza). Em outros países, por exemplo, são usadas as seguintes expressões mais ou menos equivalentes em inglês, 'earthenware'; em italiano, 'stoviglie'; em alemão, 'steingut'; em francês, 'faïence’” (p. 188). Em estudo

manufaturados de cerâmica, compostos de substâncias minerais, sujeitas a uma ou mais queimas”⁷².

Em suma, a **faiança** é uma louça muito porosa e pouco resistente, de fácil identificação em contextos arqueológicos devido ao seu esmalte que se destaca da base “como se fosse uma pele”⁷³. A **porcelana**, por sua vez, pode ser dividida em *dura* e *mole*, sendo a primeira de fabricação oriental e a segunda, europeia. Tratava-se de um tipo de louça destinado ao consumo das famílias nobres, pois, ainda que o florescimento da indústria e a consolidação econômica da burguesia nascente permitissem o consumo de porcelana por outros níveis sociais, seu custo sempre foi alto e suas peças encontram-se mais associadas às classes abastadas⁷⁴. A **faiança fina**, categoria intermediária entre a faiança e a porcelana, é uma louça de pasta dura e opaca na qual a aplicação direta da decoração é mais fácil, sob ou sobre o esmalte, com um custo de produção mais baixo e um maior alcance de consumidores⁷⁵.

Feita esta breve explanação acerca das chamadas “louças brancas”, cabe ressaltar que é necessário ter cuidado com a inserção direta das louças produzidas no Brasil dentro desse quadro classificatório. A maioria dos arqueólogos da bibliografia consultada está se referindo a fragmentos de peças importadas, encontrados em sítios brasileiros, produzidas em geral entre os séculos XVIII e XIX na Europa. Conforme se popularizaram as fórmulas de produção desse artigo e as fábricas foram instalando-se nos mais diversos contextos espaciais e temporais, a composição química foi modificada para fins de melhora da qualidade e/ou adequação à disponibilidade da matéria-prima.

Nenhuma das peças de Colombo encontrava-se fragmentada e não foram submetidas a qualquer tipo de análise de composição físico-química, mas com base no corpo dos artefatos como um todo é possível inferir que se trata de uma variedade de faiança fina. As fontes escritas referem-se à fábrica como produtora de peças de “granito e pó de pedra”⁷⁶, variedades encontradas na bibliografia especializada associadas à faiança fina.

Conforme Pileggi, a composição química da louça pó de pedra ou de granito, por sua semelhança com a porcelana, chegou a ser designada no comércio, para fins de propaganda,

mais recente, Tocchetto *et al* indicam os termos da literatura de língua espanhola, na América Latina, que, além de *loza*, compreenderia também *loza fina*.

⁷² PILEGGI, Aristides. **A cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958. p. 194

⁷³ ZANETTINI, Paulo Eduardo. Pequeno roteiro para a classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia**, v. 5. Curitiba, 1986. p. 120

⁷⁴ GARCÍA, Patricia Fournier. **Evidencias arqueológicas de la importación de cerámica en México, con base en los materiales del ex-convento de San Jerónimo**. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1990. (Série Arqueología) p. 131

⁷⁵ JULIANI, Lúcia Cardoso Oliveira. Material de louça. In: CALDARELLI, Solange (coord.) **Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista**. São Paulo: DERSA, 2003. p. 120

⁷⁶ CAPRI & OLIVERO. **A vida fecunda dos municípios do Paraná**. São Paulo: Empresa Editora Brasil, 1924.

de “meia porcelana”, “semi-porcelana” e “louça porcelanizada”⁷⁷, conferindo certo *status* ao produto. É possível, inclusive, encontrar sobre as peças de Colombo o registro de um caso semelhante lembrado por Newton Carneiro: por ocasião de uma visita ao Paraná em 1903, o jornalista Arthur Dias constatou a existência, na Vila Colombo, “entre outras fábricas, uma de porcelana e louça fina, da qual tive oportunidade de admirar o trabalho absolutamente artístico”⁷⁸.

Após a identificação física, um segundo estágio quando se toma essa cultura material como fonte é a interpretação e a construção de conhecimento em torno do artefato, mais importante do que determinar sua função e limitar a análise ao suposto uso original a que foi submetido. Conforme o arqueólogo David Burley, um artefato individual não é apenas um material adaptável e com ligação direta a um papel funcional, mas faz parte de um grupo que, quando analisado em conjunto, forma um código social com muitos significados embutidos⁷⁹. O autor conclui que, dentre esses significados, a cultura material desempenha um papel em uma dimensão não material que inclui a organização e a integração social. Não são poucos os autores que compartilham desta perspectiva, como Symanski, que considera o papel determinante da louça na estruturação e na reprodução das relações sociais⁸⁰, e Jones, que acredita que a produção e o consumo de estilos distintos de cultura material derivam da intersecção de disposições perceptuais e práticas das pessoas envolvidas e seus interesses dentro de um contexto social⁸¹. Guardadas as especificidades de cada autor, sejam elas teóricas ou metodológicas, são seus trabalhos voltados ao entendimento do âmbito imaterial da cultura material que auxiliam esta pesquisa na busca pela compreensão da etnicidade expressa pelo conjunto de faianças finas produzidas pela Fábrica *Colombo*.

Entretanto, a louça como elemento isolado não constitui necessariamente uma unidade cultural de comportamento, encontrando-se indissociável dos demais aspectos não materiais da cultura. Sendo assim, articulando as duas esferas - escrita e cerâmica - podem ser discutidos aspectos políticos, sociais, econômicos, ideológicos, entre tantos outros, que circunscrevem uma comunidade.

⁷⁷ PILEGGI, Aristides. *Op. Cit.* p. 195-196

⁷⁸ No original, “tra l'altre fabbriche, una di porcellane e terraglie fini, della quale ebbi occasione di ammirare lavori assolutamente artistici”. DIAS, Arthur *apud* CARNEIRO, Newton. **A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil**. Curitiba: BADEP, 1979. p. 9

⁷⁹ BURLEY, David. Function, meaning and context: ambiguities in ceramic use by the Hivernant Metis on the Northwestern Plains. In: BRAUNER, D. R. (comp.) **Approaches to material culture research for historical archaeologists**. Uniontown: The Society for Historical Archaeology, 2000. p. 405

⁸⁰ SYMANSKI, Luis Claudio Pereira. Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In: ZARANKIN, Andres; SENATORE, Maria Ximena (ed.) **Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul**: cultura material, discursos e práticas. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 2002. p. 31

⁸¹ JONES, Siân. *Op. Cit.* p. 228

Conforme já foi argumentado, o principal grupo de textos selecionados para formar o corpo da documentação escrita consiste em **almanaques**. De acordo com Chartier, o almanaque é um gênero ao mesmo tempo literário e editorial, podendo ser utilizado com o intuito de difundir textos de natureza muito diferente⁸². O historiador francês atenta, porém, ao perigo de classificar com precipitação o almanaque como *popular*, pois este seria voltado a todo tipo de público, inclusive aos iletrados, devido ao seu amplo uso de imagens. Trata-se, enfim, de um objeto cultural.

A escrita de um almanaque pode ser inserida no que Le Goff define como o desenvolvimento de duas formas de memória, sendo a primeira a *comemoração* - que celebra através de um monumento comemorativo o acontecimento memorável - e, a segunda, o *documento escrito num suporte especialmente destinado à escrita* - neste caso, o papel⁸³. O almanaque, como suporte escrito da memória, armazena informações, fornecendo ao homem um processo de marcação, memorização e registro, e também reexamina, reordena e retifica frases ou palavras isoladas quando da passagem da esfera auditiva à visual⁸⁴.

O *documento escrito* transforma-se em *monumento* - comemorativo ou não - conforme sua utilização pelo poder, pois nada mais é do que um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força então dominantes⁸⁵. Como exemplo dessa transformação, Le Goff cita a pesquisadora Monique Clavel-Lévêque, cuja conclusão a que chegou ao estudar a retratação da Gália e dos gauleses em um texto literário é de que um documento é composto de elementos que funcionam como um inconsciente cultural, intervindo para orientar uma apreensão, um conhecimento, uma apresentação daquilo que se dispõe a tratar⁸⁶.

O almanaque, como construção característica de sua época, reconta histórias para instruir seus leitores, objetivando dar-lhes *gosto pelo que aconteceu*, ao tratar de assuntos inseridos em sua contemporaneidade. Os textos, assim como as peças da fábrica, expõem uma visão própria da produção que se desenvolvia na instituição, no que diz respeito não só à produção *material*, mas também à produção *imaterial*.

Associados aos almanaques, neste trabalho, estão os textos oficiais que regulamentam exposições estaduais e nacionais. Enquanto os almanaques noticiam e divulgam os acontecimentos das exposições, estes textos listam com minúcia todas as regras que guiam o evento comemorativo, desde as categorias em que é possível se inscrever até as premiações a

⁸² CHARTIER, Roger *apud* PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil. São Paulo: FAPESP, 1999. (Coleção História de Leitura) p. 9-10

⁸³ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 427

⁸⁴ GOODY, Jack *apud* LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.* p. 429

⁸⁵ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.* p. 535-536

⁸⁶ CLAVEL-LÉVÊQUE, Monique *apud* LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.* p. 537

serem distribuídas entre aqueles que se destacarem. O tipo de premiação hierárquica revelada nestes textos, por medalhas de ouro, prata e bronze, ou ainda moedas, placas e monumentos, é identificada por Le Goff como um novo instrumento de suporte apropriado pela comemoração - uma festa a serviço da memória - a partir de meados do século XIX. Aquilo que o autor chama de *maré da comemoração*⁸⁷ é uma propriedade característica do pensamento conservador e nacionalista, para quem a memória é um objeto e um instrumento do governo. Reflexão instigante, o tema da memória e da comemoração será aprofundado nas discussões do quarto capítulo desta dissertação.

As reportagens de jornal compõem o último grupo de fontes escritas. Meio fecundo para compreender ideias e valores de uma época⁸⁸, um jornal *informa* ao mesmo tempo em que *forma* opinião. Assim como qualquer outra fonte, deve ser encarado como parte do discurso de um autor que está inserido num campo maior de ideias e que daí inspira suas palavras.

Todas as fontes apresentadas devem ser submetidas a tratamento adequado as suas particularidades, disso não resta dúvida. Mas o que não pode ser perdido de vista é que estas não são documentações soltas no tempo e no espaço, mas pertencentes a um contexto específico. Portanto, ao longo do desenvolvimento dos capítulos, será trabalhado na medida do possível o contexto que deu origem a estas fontes, assim como a historiografia que se valeu das mesmas para construir análises a partir das mais diversas perspectivas e abordagens teórico-metodológicas.

1.5. Estudo de caso: a fábrica no passado e no presente

A análise das fontes selecionadas oferece muitos caminhos à pesquisa histórica, sendo que este trabalho em especial direciona seu foco sobre questões referentes às identidades *formadas* e *afirmadas* nos e pelos registros do passado. Conceito de difícil definição, a identidade como campo de discussão vem sendo associada ao que autores como Bauman chamam de *crise do pertencimento*⁸⁹. Inserida no mesmo contexto da crise do campo científico discutida neste capítulo, em um presente de incertezas e fronteiras maleáveis, os intelectuais estariam intrigados pela noção do *eu*, do *outro*, uma vez que sua aparência fixa e natural se esvanece a olhos vistos.

⁸⁷ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.* p. 458

⁸⁸ ALVES, Ana Elizabeth Santos; SILVA, Lígia Maria Portela da. Fontes históricas documentais e os estudos sobre o trabalho e a educação. In: **Revista HISTEDBR On-line**, [www.histedbr.fae.unicamp.br] v. 14, 2004.

⁸⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 23

Deste contexto, surgiu um volume bastante grande de estudos e pesquisas relacionadas à preocupação em estabelecer o ponto de origem ou o elo que justifica a unidade de um grupo ou comunidade – e, junto ao conceito de identidade, desenvolveu-se o de *alteridade*. Sob o olhar dos especialistas, a identidade e seus discursos se mostraram, enfim, como construções, formulações conscientes em constante mutação. Para compreender a complexidade das múltiplas formas de identidade é necessário observar com certo cuidado o contexto que a definiu, o objetivo que constituiu a sua lógica e selecionou os elementos a serem jogados em sua construção e manutenção⁹⁰.

Para além de um estudo das identidades que no passado se formaram a partir da documentação aqui selecionada, este trabalho transita por um recorte temporal mais abrangente, que culmina no presente. O capítulo seguinte é dedicado à análise das fontes escritas, utilizadas em profusão para contar a história da Fábrica *Colombo*, cujo desenvolvimento das ideias se revelará bastante atrelado a uma questão nacionalista que marcou o período em que a instituição esteve em funcionamento. Embasado principalmente nos almanaques e artigos de jornal, procura definir qual a imagem da fábrica que tais aparatos textuais trazem ao público leitor contemporâneo e ao pesquisador posterior.

Já o terceiro capítulo se remete à cultura material, utilizada como apoio e confirmação de dados textuais nos estudos prévios acerca da fábrica, mas ainda carente de uma observação crítica. Com a sua análise, em oposição ao capítulo precedente, o conflito é ressaltado. A identidade nacional que marca os textos é posta em xeque quando se avalia a contribuição do componente étnico na produção cerâmica, aliada às referências latentes aos imigrantes na documentação escrita levantada. A partir daí, é traçado um panorama que busca pluralizar o conhecimento que se tem acerca da Fábrica *Colombo*, não para torná-lo um modelo a ser aplicado a outros contextos e situações, mas para apontar a especificidade de um passado que não se encaixa no padrão tradicional de estudos sobre industrialização ou imigração. O objetivo do capítulo é, em suma, indicar a complexidade e a diversidade encontrada em situações de contatos étnicos, uma vez que se considerem fontes também plurais.

A partir de tais observações, o quarto capítulo encerra o trabalho conduzindo o leitor para um novo recorte temporal. Dessa forma, busca-se compreender de que forma e através de qual perspectiva se contou a história da fábrica ao longo do século XX, após o encerramento de suas atividades. A discussão passa, então, aos processos de *formação* e *afirmação* da memória. Com isso, não se perdem de vista as considerações anteriores sobre as identidades nacional e étnica, inserindo-as em uma análise mais abrangente de como a memória

⁹⁰ CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 176

construída direciona os holofotes para uma ou para outra, seguindo uma série de interesses que não são fixos nem naturais, assim como a identidade.

2. UMA QUESTÃO NACIONAL: DISCURSOS ACERCA DA FÁBRICA *COLOMBO*

Conforme discutido no capítulo inicial, a dissertação adota uma separação na análise das fontes visando, principalmente, explorar (e respeitar) as diferentes perspectivas e possibilidades que cada registro poderia oferecer. Assim, optou-se por dar prosseguimento ao estudo das fontes mais exploradas pela bibliografia acerca da Fábrica *Colombo*, para então trazer a marca diferencial – a cultura material – deste estudo no próximo capítulo e encerrar com uma reflexão que contemple o panorama geral construído ao longo das diferentes análises. A temática a ser desenvolvida a partir da documentação escrita está centrada na *identidade nacional*, como um projeto intelectual da virada do século XIX para o XX.

No Brasil, desde o final do século XVIII, há uma preocupação por parte dos intelectuais com as questões da identidade nacional⁹¹. Para enfatizar a unidade da nação brasileira não conviria tratar de “tensões, separações, contradições, exclusões, conflitos, rebeliões, insatisfações”⁹², mas de um sentimento de brasilidade que agregasse os cidadãos, pelo bem da nação, em especial no período em que se construía uma imagem de República. Para tanto, acentuam-se os traços de semelhança e homogeneidade que nos unem, e a diferença entre o *nós* e o *outro*. Nas palavras de Stuart Hall,

[...] as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas [...]⁹³

Essas histórias da nação foram veiculadas com amplitude pela imprensa brasileira no período pesquisado, sendo possível constatar uma clara construção de um país empreendedor e progressista, com a participação fundamental de grandes homens para pôr em prática planos de desenvolvimento não só industrial, mas da nação em si.

Um trabalho interessante sobre a presença do discurso modernizador na imprensa paranaense da época é o da historiadora Maria Regina Luz, *A modernização da sociedade no discurso do empresariado paranaense*, cujo recorte temporal vai de 1890 a 1925. A autora acredita que estes discursos fossem práticas sociais que reclamavam a urgência de se assumir uma série de requisitos que “levassem à equiparação com as sociedades mais progressistas e civilizadas do país”⁹⁴ e, em sua pesquisa, encontrou com frequência referências à aplicação de

⁹¹ GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini. O ensino de história e a construção de identidades. In: **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**. Curitiba, n. 20, setembro 2006. p. 25

⁹² VON MARTIUS, Karl *apud* GEVAERD, Rosi. *Op. Cit.* p. 26

⁹³ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 51

⁹⁴ LUZ, Maria Regina. **A modernização da sociedade no discurso do empresariado paranaense**. Curitiba, 1890-1925. Dissertação (Mestrado em História) UFPR, 1992. p. 10

capital na indústria como forma de viabilizar o progresso e elogios aos empresários que o faziam, por seu espírito moderno e racional.

A documentação escrita acerca da Fábrica *Colombo*, como será analisada a seguir, é permeada quase em sua totalidade por discursos apologéticos. Sendo assim, é possível buscar compreender como a instituição serviu de inspiração para tais discursos e como se construiu uma determinada imagem diante do público leitor que, de certa maneira, foi perpetuada pela historiografia posterior.

Alguns autores, como Lucia Lippi Oliveira, oferecem boas contribuições para a discussão do tema da identidade nacional no Brasil da Primeira República. A cientista política propõe um estudo da produção intelectual do período de 1870 a 1914 para compreender como a construção desta identidade no país se deu de maneira associada a uma ideia de modernização⁹⁵. Dessa forma, a partir da leitura desta documentação, a autora conclui que a própria campanha republicana fazia parte de uma etapa de “atualização” do país que o faria ingressar no “século civilizado” em que a Europa já se encontrava.

Oliveira constata que em diferentes momentos o projeto nacionalista oscilava entre maior ou menor apropriação de conceitos europeus, como *civilização* e *progresso*, observação partilhada pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento, que lembra que “absorver as “idéias novas” européias e fazer parte do Ocidente progressista eram, assim, uma meta e um ideal-tipo do qual o Brasil culto devia procurar, se não atingir, pelo menos aproximar-se”⁹⁶. Mas ambas as autoras atentam que esta era uma apropriação que se dava em um contexto muito diverso da Europa, o que requer cuidado na análise.

Recém saído de um regime monárquico, o Brasil vinha de um passado colonial longo e era constituído por uma diversidade de grupos étnicos, de maior ou menor expressão social, econômica e política. No entanto, se havia a necessidade de se construir uma unidade em termos identitários que atendessem à proposta nacionalista, a diversidade étnica deveria ser, de alguma forma, adequada a um discurso crível. Como um projeto de agregação política, enfim, a construção do ideário nacionalista suaviza conflitos e elimina diferenças sociais⁹⁷, em nome de uma coesão que, muitas vezes, é apenas territorial ou está somente no papel.

Além de disseminar a ideia de que o Brasil, com a República, estava enfim entrando na modernidade, a imensidão e a diversidade territorial deveriam ser levadas em consideração. A isso, o federalismo forneceu a solução: identidades regionais poderiam,

⁹⁵ OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPQ, 1990. p. 81

⁹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais**. Espetáculos da modernidade no século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 62

⁹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op. Cit.* p. 53

assim, ser construídas sem entrar em choque com o Governo Central, contribuindo à Nação como “a soma de suas partes”⁹⁸.

Dessa forma, o regionalismo paranaense não se formou de maneira conflituosa em relação ao projeto identitário nacional. De acordo com Luís Fernando Pereira, o imaginário político adotado no estado foi predominantemente republicano, positivista e ortodoxo, assim como foi assumido um imaginário social de apologia à modernidade⁹⁹. O trabalho de Pereira traz uma importante reflexão para o entendimento do Paraná da Primeira República, abordando-o como uma *invenção* moldada pelos parâmetros que regiam a construção da identidade nacional no mesmo período. O autor conclui que se formou uma sociedade paranaense de pretensões industriais com base na ideia de modernidade propagada pela intelectualidade dos principais centros do país.

No entanto, o uso do termo *industrial* deve ser posto em discussão. Quanto a isso, Pereira providencia uma resposta: é tudo uma questão de imagem. E continua

[...] os avanços técnicos não foram tão absolutos e definitivos, em particular na retraída Curitiba onde havia uma carência de energia elétrica, instalações precárias, incêndios (...). O importante era não retratar a realidade, mas construir uma imagem do real que, por sua força simbólica, se tornaria mais forte que o próprio real [...]¹⁰⁰

É ainda importante salientar o quão abrangente o termo “indústria” é nesse final de século. Pesavento informa que mesmo a agricultura ou a criação de gado poderiam ser assim classificadas, uma vez que a palavra encerrava “toda e qualquer forma de atividade humana, independente do grau de beneficiamento, do emprego da tecnologia ou das relações sociais subjacentes”¹⁰¹. Inserido no imaginário modernizante, o termo adquire uma aura de “chave para o ingresso na modernidade”, conforme apontado pela autora, tornando mais compreensível a utilização generalizada da expressão “sociedade industrial” como um objetivo à coletividade paranaense e à nacional como um todo.

Uma discussão acerca da construção da identidade paranaense não pode ignorar a criação do Movimento Paranista e a sua participação na empreitada. Muitos pesquisadores, como Pereira, atribuem ao movimento a construção de uma identidade cultural impregnada por valores científicos e fé no sistema republicano¹⁰². Surgindo na Curitiba do início do século XX, em pleno surto econômico da erva-mate, o paranismo cresceu em torno da necessidade de novas representações políticas e tradições regionais, e acabou dando forma à

⁹⁸ PEREIRA, Luís Fernando. O imaginário paranaense da I República. In: **Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da Primeira República**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 84

⁹⁹ PEREIRA, Luís Fernando. *Op. Cit.* p. 53

¹⁰⁰ PEREIRA, Luís Fernando. *Op. Cit.* p. 62

¹⁰¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op. Cit.* p. 105

¹⁰² PEREIRA, Luís Fernando. *Op. Cit.* p. 63

ideia de que fora a República responsável pelo franco desenvolvimento que fizera do Paraná mais que uma *área de passagem*¹⁰³.

Esta condição de território de passagem, reproduzida por muito tempo pela historiografia, está associada à prática do tropeirismo, que ligava, por exemplo, Viamão a Sorocaba, em caminhos que atravessavam o atual território do Paraná, para venda de gado em diversos pontos do país. Pereira, no entanto, no que diz respeito à criação desta expressão, afirma que embora a definição do Paraná como área de passagem seja vista como responsável pela falta de identidade ou falta de consciência de identidade e tradições típicas paranaenses, haveria certo interesse por parte da intelectualidade em difundir a noção de um Paraná quase sem passado, de maneira a se tornar imperativo não só escrever uma história regional e forjar uma identidade própria, mas destacar que a história do Paraná começa apenas com a sua emancipação política do estado de São Paulo, em 1853, e, então, progride com o advento da República. Apaga-se o passado, visto como “atrasado”, assim demonstrando a rapidez com que se moderniza o jovem estado sob a égide do pensamento republicano.

No esforço por forjar a identidade paranaense, em um estado de conteúdo heterogêneo, opta-se por denominar o movimento de *paranista*, pois assim poderia “abarcas todas as culturas presentes em seu território para a construção deste novo Paraná e não se apegaria ao termo nativista na medida em que poucos dos seus componentes eram nascidos no Estado”¹⁰⁴. Para filiar-se à proposta do movimento, conclui o autor, bastava ter “afeição sincera” pela terra paranaense e nela deixar suas marcas de algo digno à coletividade.

2.1. Uma questão de fundamento: Busato ou Zacarias?

Romário Martins, importante nome do Movimento Paranista, muito escreveu sobre aqueles que, em sua opinião, deixaram uma herança à coletividade paranaense. Em seu livro *Quantos somos e quem somos*, listou os “nomes líderes, representativos de valores autênticos, das gerações que contribuíram para a exploração e a defesa da terra, para a nossa formação social”¹⁰⁵. Para tanto, dividiu em categorias¹⁰⁶ tais nomes, sendo uma delas reservada aos

¹⁰³ PEREIRA, Luís Fernando. *Op. Cit.* O estudo do Movimento Paranista é o cerne da obra do autor, recomendando-se a leitura da mesma para maior aprofundamento na questão.

¹⁰⁴ PEREIRA, Luís Fernando. *Op. Cit.* p. 76-77

¹⁰⁵ MARTINS, Romário. **Quantos somos e quem somos.** Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Empresa Grafica Paranaense, 1941. p. 11

¹⁰⁶ As categorias são as seguintes: alta política, ministérios do império e presidências das províncias; glória da independência; benemerência da abolição; vitória da República; sacerdócio, na tribuna sagrada; catequese; magistratura; armas; indústrias; e artes e letras.

destaques das indústrias. Neste item, encontra-se o nome de Zacarias de Paula Xavier, “pioneiro do fabrico de louça artística no Paraná”¹⁰⁷.

Há certo conflito nas fontes textuais da Fábrica *Colombo* sobre quem seria seu fundador, se o imigrante italiano Francisco Busato ou o paranaense Xavier, ou ainda ambos. Busato é um personagem lembrado com frequência pela historiografia da Colônia Alfredo Chaves, sendo identificado por Sebastião Ferrarini, historiador com extensa pesquisa sobre o município de Colombo, como um pioneiro com “espírito de liderança” por suas “iniciativas, cooperação e laboriosidade”¹⁰⁸, confirmado ao ser escolhido para exercer o cargo de Prefeito Municipal, após sua naturalização, no período de 1909 a 1913 - o que faria de Busato, ressalta o autor, o primeiro imigrante a ocupar tal cargo no Paraná. Em texto de 1905, Rotellini afirma que “apreciando a riqueza natural do país no qual estava, idealiza uma fábrica de cerâmica”¹⁰⁹, ou seja, seria no contato com as camadas de argila da região que Busato teria percebido o potencial do caulim para a produção de louça branca. Porém, antes de passar à discussão do que consta na documentação primária, convém explorar um pouco mais a versão difundida na literatura posterior, compreendendo-a como tão sintomática de um processo específico de formação da memória quanto as peças que sobreviveram para serem analisadas.

No levantamento bibliográfico foram encontrados diversos autores, alguns historiadores, outros não, que fazem referência à fábrica. A *Revista Paulista de Indústria*, de 1953, e *O Paraná, seus homens e suas empresas*, de 1966, ambas fora de uma perspectiva historiográfica, apontam Xavier como o introdutor da cerâmica artística no Paraná através da fundação da Fábrica *Colombo*, a primeira do Brasil¹¹⁰. Em estudos especializados sobre cerâmica, apenas Carneiro deu nome ao fundador: Francisco Busato¹¹¹. Há ainda Ferrarini, Maschio e Kistmann *et al*¹¹², autores mais recentes que atribuem a fundação a Busato, muitas vezes fazendo referência ao trabalho de Newton Carneiro.

¹⁰⁷ MARTINS, Romário. *Op. Cit.* p. 14, grifo meu.

¹⁰⁸ FERRARINI, Sebastião. **Colombo: Centenário da Imigração Italiana**. Curitiba: Editora Lítero Técnica, 1979. p. 169

¹⁰⁹ No original, “apprezzando le ricchezze naturali del paese in cui giungsva, ideà una fabbrica di ceramiche”. ROTELLINI, Vitaliano. **Almanaco del Fanfulla**. San Paolo, Brasile: s/e, 1905. Documento reproduzido em FERRARINI, Sebastião. **A imigração italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1974. s/p

¹¹⁰ PICCOLI, Ivo A. Cauduro (dir.) **O Paraná e suas indústrias**: Edição especial da Revista Paulista de Indústria. Órgão de divulgação de realizações industriais. n. 17, ano III, 6º bimestre, 1953. São Paulo/Rio de Janeiro; VELLOSO, Arnaud Ferreira (dir.) **O Paraná, seus homens e suas empresas**. Promoção da Revista Divulgação Paranaense. 2ª edição. Curitiba: 1966.

¹¹¹ CARNEIRO, Newton. **A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil**. Curitiba: BADEP, 1979.

¹¹² FERRARINI, Sebastião. **O município de Colombo**. Curitiba: Editora Champagnat, 1992; MASCHIO, Elaine Catia Falcade. **A constituição do processo de escolarização primária no município de Colombo - Paraná (1882-1912)**. Dissertação (Mestrado em Educação) UFPR, 2005; KISTMANN, Virginia Borges *et al.* **A produção de cerâmica branca de mesa e de decoração de Campo Largo e o design**: estudo sobre a situação das micro, pequenas e médias indústrias e as possibilidades de desenvolvimento do setor através do *design*. Curitiba: UFPR, 2003.

Percebe-se aí uma separação: os textos de cunho mais jornalístico, temporalmente mais próximos do intervalo em que a fábrica esteve em funcionamento, congratulam Xavier por seu pioneirismo. O mesmo se dá com Martins, ressaltando que, além da sua publicação citada no início deste tópico, há também outro livro de sua autoria¹¹³, da mesma década de 1940, no qual elogia a façanha de Zacarias de maneira semelhante.

A ruptura está nos textos posteriores, a partir da década de 1970: Carneiro, Ferrarini, Maschio e Kistmann *et al*, por exemplo, constroem discursos preocupados em valorizar o papel desempenhado por grupos imigrantes no contexto paranaense e, dessa forma, ainda que Xavier seja lembrado como membro da empreitada colombense, os louros da fundação são entregues sem ressalvas ao italiano Busato.

É uma questão que remete, em grande parte, aos objetivos dos autores e ao presente que cada um vivencia. Na primeira metade do século XX, em especial nos anos do *milagre econômico*, há uma ênfase na industrialização do país, enquanto na segunda metade do século crescem os estudos sobre a imigração. Martins, um paranista declarado, tende a enaltecer os paranaenses que trouxeram o *progresso* ao seu estado; as outras duas publicações citadas prestam-se à construção de discursos sobre a industrialização nacional como consequência direta da ação dos brasileiros mais ilustres. Como será visto adiante, as fontes escritas, concentradas nas primeiras décadas do século XX, compartilham desse discurso, talvez servindo mesmo como base aos autores que o difundiriam mais tarde – de fato, a documentação primária acerca da Fábrica *Colombo* é quase completamente sustentada pela figura do Coronel Zacarias de Paula Xavier e, muitas vezes, omissa ou reticente à participação de Francisco Busato.

Entretanto, conforme cresce o interesse acadêmico em estudar grupos de passado silenciado e algumas comunidades se mobilizam no sentido de “resgatar” sua memória e tradição, há uma busca e até um engrandecimento de personagens com representação tímida na documentação oficial. Talvez seja por esse motivo que os autores citados no segundo momento tenham recorrido, em sua maioria, ao apoio secundário das fontes orais, coletando depoimentos de contemporâneos ou descendentes envolvidos na produção da louça de Colombo.

As diferenças que marcam a bibliografia levantada estão relacionadas às intenções que regiram cada estudo e aos seus contextos. Dessa forma, mais do que procurar aqui o *estabelecimento da verdade* por trás de cada texto, de cada autor, procura-se esclarecer que se tratam de criações discursivas representativas de momentos históricos distintos, com suas

¹¹³ MARTINS, Alfredo Romário. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1995. (Coleção Farol do Saber)

próprias prioridades e contribuições. É esta a postura que permite construir novos saberes sobre um passado que é revisitado vez após vez, pelos mais diversos pesquisadores, trazendo novos olhares e possibilidades, reconhecendo sujeitos destacados ou silenciados conforme um propósito muito mais do presente do que de sua própria época.

2.2. *Discursos sobre Colombo: a união faz a força?*

Conforme o historiador Dennison de Oliveira existe uma “percepção geral de que os empresários são portadores dos interesses universais da sociedade”¹¹⁴, o que estaria refletido, no caso da difusão da industrialização, na ascendência política, social, econômica e cultural dos donos dos meios de produção. Dada essa percepção, o discurso da imprensa e as leis de privilégio seriam formas de manter acesso àquilo que o autor denomina *arena decisória*, um instrumento de influência em jogos de poder. Em interpretação similar a de Oliveira, quando Pasquale Petrone reflete sobre a participação da imigração italiana nas origens da industrialização nacional, observa que “a concentração sempre maior do capital acabou por marginalizar ou modificar o papel daqueles que já haviam dado uma contribuição inegável para a formação do caldo de cultura do processo de industrialização”¹¹⁵.

As observações destes autores, guardadas as particularidades de seus objetos, auxiliam na compreensão do discurso enaltecido que cerca Xavier, a ser aprofundado a seguir. Também relevante neste sentido é o trabalho de Luz, já citado como exemplo em termos de interpretação do discurso da imprensa na Curitiba da Primeira República. Em sua análise, percebeu que os requisitos principais para o progresso por meio da industrialização eram a iniciativa corajosa, o espírito empreendedor, a perseverança - dessa forma, o sucesso material e, por conseguinte, social se devia ao esforço individual de homens norteados pelo trabalho, transformando-os em exemplos aos paranaenses na busca pelos ideais modernos¹¹⁶.

No entanto, a autora afirma que esse discurso modernizante era muito mais uma estratégia de afirmação e promoção do empresariado como agente condutor da sociedade ao progresso do que uma realidade concreta verificável¹¹⁷, como Pereira observara sobre a propaganda nacionalista. O comércio e a indústria no Paraná, pelo contrário, encontravam-se aquém do ideal veiculado pela imprensa, conforme teriam constatado especialistas da época.

¹¹⁴ OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção história do Paraná; textos introdutórios) p. 42

¹¹⁵ PETRONE, Pasquale. A influência da imigração italiana nas origens da industrialização brasileira. In: DE BONI, Luis Alberto (org.) **Presença italiana no Brasil**, vol. I, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1987. p. 499

¹¹⁶ LUZ, Maria Regina. *Op. Cit.* p. 10

¹¹⁷ LUZ, Maria Regina. *Op. Cit.* p. 69

Mas, em termos de discurso, se encontra sobre a Fábrica *Colombo* o ideal modernizador, apoiado na figura de Xavier. O jornal *A República*, em reportagem que anunciava a festa de inauguração de maio de 1903 - a ser trabalhada no próximo tópico - não dispensa elogios ao “esforço titanico do mais emprehendedor dos nosso patricios”, aplaudindo sua “iniciativa industrial”¹¹⁸.

A qualidade de “empreendedor” merece atenção especial. Segundo Regina Weber, este é um adjetivo que só pode ser concretizado havendo capital para embasar o empreendimento, mas o senso comum atrelado ao termo atribui-lhe um sentimento que se assemelha ao de “vencedor”, dentro dos parâmetros de uma sociedade capitalista competitiva¹¹⁹. A notícia de 28 de abril não é a única a se apropriar do termo neste sentido, sendo lembrado o “espírito verdadeiramente emprehendedor”¹²⁰ de Zacarias na reportagem que alude às comemorações de 2 de maio. Além disso, entre os almanaques consultados, também se encontra referência ao “espírito emprehendedor e homem affeito ao labor”¹²¹ que seria o coronel.

Convém lembrar que se está lidando com dois tipos de fontes textuais, jornais e almanaques. Retomando algumas questões metodológicas discutidas no capítulo inicial, o jornal é um veículo discursivo periódico que tanto informa quanto forma opinião, sendo um meio fecundo para analisar as ideias e valores de um determinado contexto. O almanaque, por sua vez, costuma ter uma periodicidade mais eventual, podendo também noticiar acontecimentos, mas dedicando maior esforço à transformação, à marcação de tal evento na memória de uma coletividade.

Em relação a Xavier, somando jornais e almanaques, outros termos podem ser listados, associando a ideia de empreendedorismo à atividade industrial, tais como *illustre industrial*, *honrado industrial*, *esforçado industrial*, *industrial inteligente*, *respeitável industrial*, ou, numa perspectiva conscientizadora dos papéis de gênero da época, pode ainda ser citada a “mascula energia” que define a “ação persistente de homem forte e laborioso”¹²².

Além dos adjetivos de Xavier, encontra-se qualificada a própria fábrica que “faz honra á industria paranaense” como “um dos mais importantes estabelecimentos fabris que ultimamente se tem mostrado no Paraná, e podemos dizer no Brazil”, um “estabelecimento

¹¹⁸ **A República**. Órgão do Partido Republicano Federal. Propriedade de Augusto Silveira. Curityba. Terça-feira, 28 de abril de 1903. p. 2

¹¹⁹ WEBER, Regina. O avanço dos "italianos". **História em Revista**. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas, UFPel. Pelotas (RS), n. 10, 2004. p. 83-84

¹²⁰ **A República**. Órgão do Partido Republicano Federal. Propriedade de Augusto Silveira. Curityba. Segunda-feira, 4 de maio de 1903. p. 2

¹²¹ SÁVIO, João A. Fabrica de Louças "São Zacharias". In: FIGUEIRA, Alberico (dir.) **Almanach dos Municípios**: Edição Especial do Centenário da Independência do Brasil. Curytiba: s/e, 1922. p. 69

¹²² SÁVIO. João A. *Op. Cit.* p. 70

industrial de primeira ordem”¹²³. Uma “importante fabrica”, representando um “poderoso elemento da grandeza e vida industrial do Paraná”¹²⁴; veio, afinal, “concorrer poderosamente para a nossa prosperidade economica, e ao mesmo tempo, dilatando a nossa expansão commercial com as mais importantes praças do paiz e do estrangeiro”¹²⁵.

Os trechos extraídos poderiam muito bem compor a redação de um único texto, tal sua unissonância, mas as referências correspondentes a cada um deles mostram que se tratam de palavras escritas por diversos autores, em diferentes momentos. O que as torna tão associadas, ou mesmo repetitivas, é o contexto discursivo no qual se encontram, permeado por uma visão nacionalista do que significa ser moderno.

A ideia de promover uma festa de inauguração para a Fábrica *Colombo* em 1903, sendo que a premiação recebida em exposição estadual de 1900 indica que ela já estava em funcionamento antes disso¹²⁶, está carregada de um sentido de novidade. Assim sendo, não se encontra nas fontes a palavra *re*-inauguração, como a renovação de algo que já existe, mas a palavra *i*-nauguração, solenidade de fundação, de implantação de algo novo. Além disso, a instalação de um estabelecimento industrial *novo* pode remeter ao pretense pioneirismo da fábrica, uma vez que se institui uma produção que antes não havia, seja no Paraná, seja no Brasil, pois, se havia outra fábrica de louças em funcionamento no período, os autores não a tomaram sequer como digna de menção¹²⁷. Cria-se uma situação de ruptura com um passado rural visto como atrasado, em nome do acompanhamento da marcha do progresso.

Pela visão do jornalista que relata a festa de 1903, tem-se ali um acontecimento que atesta o “nosso progresso”¹²⁸. João Sávio, escrevendo para o *Almanach dos Municípios*, complementa: as premiações recebidas comprovam que a Fábrica *Colombo* é “para o nosso Estado uma fonte de prosperidade e grandeza, confirmando de modo brilhante o progresso da ceramica no Paraná”¹²⁹. Além de tudo, o progresso é coletivo - os autores optam pela primeira pessoa do plural na redação de seus textos. Conforme o linguista José Luiz Fiorin, o uso da primeira pessoa do singular em um discurso cria efeito de *subjetividade*, enquanto que sua não-utilização produz um efeito de sentido *objetivo*, como se o próprio fato narrasse a si

¹²³ **A República**. *Op. Cit.* 04/05/1903. p. 2

¹²⁴ FOLCH, Francisco. **A exposição do cincoentenário (1853-1953)**: promovida pela Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná sob os auspícios do Governo do Estado. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1905. p. 64

¹²⁵ SÁVIO, João A. *Op. Cit.* p. 69

¹²⁶ Diploma reproduzido por FERRARINI, Sebastião. **A imigração italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1974. p. 275

¹²⁷ Seria precipitado afirmar que a produção de cerâmica branca inexistia antes da iniciativa de Busato, pois essa é uma informação que carece de um levantamento mais específico e detalhado que considere outras manifestações semelhantes durante o período colonial brasileiro, além do cuidado em se definir precisamente o que seria uma manifestação *isolada* ou uma manifestação de padrões *industriais*, ou ainda o que poderia ser considerado como “louça branca” num contexto nacional.

¹²⁸ **A República**. *Op. Cit.* 04/05/1903. p. 2

¹²⁹ SÁVIO, João A. *Op. Cit.* p. 70

mesmo, ganhando um caráter de “verdade”¹³⁰. Seria interessante acrescentar a essa observação que o uso de verbos conjugados a partir do “nós”, conforme verificado nas fontes, cria um laço e uma unidade que atribui a mesma pertença ao locutor e ao interlocutor, o que poderia sugerir interesses em comum.

A conduta que leva ao progresso também é veiculada nos textos quando se referencia a atitude exemplar dos empreendedores. Pode ser citada a descrição que *A República* faz do espaço físico da fábrica, antecedida pela seguinte frase: “a fabrica de louça Colombo faz honra á industria paranaense (...) pela disposição methodica de suas diferentes partes, a que presidiu o mais perfeito espirito de ordem, de administração e de conveniência technica”¹³¹. A ordenação de um saber enciclopédico, regido pelo homem disciplinado, é o ideal do projeto nacionalista do período, obscurecendo qualquer conflito que pudesse sugerir o contrário.

Representativa desse processo é, também, a ideia de *união*, que pode ser exemplificada pela faixa com os dizeres *A união faz a força*, suspensa no salão do banquete na ocasião da festa de 1903¹³². Privilegiando unidade e totalidade, a construção da identidade nacional não enfatiza diferenças no espaço social¹³³, o que traz de volta a questão da presença/ausência de Busato nas fontes textuais.

Quando *A República* anuncia a convocação da comunidade para a inauguração da Fábrica *Colombo*, os remetentes do convite são os “srs. Zacarias & C.”¹³⁴. No relato da festa no mês seguinte, o primeiro parágrafo estabelece a propriedade da mesma forma, “srs. Zacarias & C.”, mas mais adiante é pormenorizado: “seu digno proprietario, o sr. coronel Zacharias de Paula e (do) seu activo socio, o sr. Francisco Busato”¹³⁵. Conforme a festividade é narrada, o autor deixa evidente que o anfitrião dos cento e cinquenta convidados é Xavier, sempre lembrado nos discursos das autoridades presentes.

Em outra narrativa da festa, escrita por um jornalista italiano que também imigrara para o Brasil, a presença de Busato é maior. Seu texto começa com o histórico da fábrica fundada, segundo ele, por Busato que, enfrentando dificuldades, firma sociedade com o filho da viúva Sauron e Xavier, criando-se a firma “Zacarias, Busato & C.”¹³⁶. Em 1901, retira-se o sr. Sauron, Zacarias assume o comando da fábrica e Busato fica apenas como sócio. Ao fim, o autor conclui que *querer é poder*, pois a perseverança de Zacarias culmina na “inauguração”

¹³⁰ FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2000. Série Princípios. p. 38

¹³¹ **A República**. *Op. Cit.* 04/05/1903. p. 2

¹³² ROTELLINI, Vitaliano. **Almanaco del Fanfulla**. San Paolo, Brasile: s/e, 1905. Documento reproduzido em FERRARINI, Sebastião. **A imigração italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo**. Curitiba: Editora Litéro-Técnica, 1974. s/p

¹³³ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Op. Cit.* p. 12

¹³⁴ **A República**. *Op. Cit.* 28/04/1903. p. 2

¹³⁵ **A República**. *Op. Cit.* 04/05/1903. p. 2

¹³⁶ ROTELLINI, Vitaliano. *Op. Cit.* s/p

dois anos mais tarde. É este o texto que menciona a faixa d'A *união faz a força*, lembrando que ali se reuniam diversas nacionalidades em nome do progresso comum. Essa é uma questão a ser retomada, mas, continuando com a participação de Busato nos textos, é um documento que menciona mais de uma vez sua iniciativa, embora preze também pela pessoa de Xavier.

No almanaque que relata a exposição ocorrida no final desse mesmo ano de 1903, Busato inexistente. Por dois momentos ao longo da publicação em que se faz referência às coleções de louça expostas, a fábrica da Vila Colombo é “do Sr. Zacharias de Paula Xavier”¹³⁷. Avançando no tempo, no relato da exposição de 1922, a Fábrica de Louças *São Zacharias*, “antiga Fábrica de Louças Colombo”¹³⁸, surge como propriedade de Xavier, não havendo qualquer menção ao nome de Busato.

Finalmente, no almanaque de 1924 sobre os municípios do Paraná, algumas diferenças: a propriedade é da firma Roth & Cia., formada por “Adão Roth, como tecnico; João Vianna Seiler, commanditario; Waldomiro Camargo, socio solidario e Americo Veiga, socio gerente”¹³⁹. Busato não é mencionado, nem o antigo nome, mas a fundação é atribuída ao “benemerito paranaense Cel. Zacarias de Paula Xavier”¹⁴⁰. De acordo com o trabalho de Newton Carneiro, após as dificuldades enfrentadas por Xavier, este arrendou a fábrica em duas ocasiões, primeiro, para o rio-grandense Oto Brutski, que tencionou comprar o estabelecimento, mas teve sua oferta recusada, e, já na década de 1920, a fábrica foi assumida pela firma Roth & Cia., sendo Adão Roth casado com a filha de Xavier, Leocádia¹⁴¹.

A menção ou a omissão de Busato parece ligada aos propósitos de cada texto. Como se pôde notar, o italiano ganha maior destaque, não por acaso, na descrição promovida por outro imigrante e, passada a festividade, Busato desaparece dos textos, sendo necessário destacar que há a possibilidade de ter-se retirado da sociedade. Por outro lado, Zacarias não deixa de ser lembrado nem mesmo no texto que contempla a nova direção da fábrica, publicado no mesmo ano em que, segundo a Revista Divulgação Paranaense já citada, Xavier veio a falecer.

Acompanhando a flutuação nas informações da iniciativa e da propriedade, o ano de fundação é outro ponto conflitante. Os jornais citados tomam a ocasião festiva de 1903 como o ponto zero; o jornalista italiano lembra os esforços de seu conterrâneo desde 1880; o almanaque da exposição de 1922 marca o ano de 1902; e o de 1924, retrocede a 1900. Há um

¹³⁷ FOLCH, Francisco. *Op. Cit.* p. 55 e p. 64

¹³⁸ SÁVIO, João A. *Op. Cit.* p. 70

¹³⁹ CAPRI & OLIVERO. **A vida fecunda dos municípios do Paraná**. São Paulo: Empreza Editora Brasil, 1924.

s/p
¹⁴⁰ CAPRI & OLIVERO. *Op. Cit.* s/p

¹⁴¹ CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 16

paralelo a ser traçado: justamente o texto que alude ao importante papel de Busato na empreitada fornece a data mais recuada. Conforme o imigrante deixa de ser mencionado, é a partir do comando das atividades por Zacarias que os autores consideram o início das mesmas, embora divirjam quanto ao ano exato. A certa altura, também se percebe a modificação do nome da instituição, sobre o qual convém ponderar.

Embora não tenha sido encontrada documentação que aborde essa questão, Newton Carneiro comenta em seu catálogo que, na primeira década do século XX, além das dificuldades financeiras que Xavier enfrentou, houve uma ação de má-fé no município,

[...] as pequenas cerâmicas, que foram surgindo estimuladas pelo êxito e o prestígio do seu bem equipado estabelecimento, não só produziam louça inferior e grosseira que procuravam vender como das *fábricas de Colombo*; como acabaram por congregarem-se em cooperativa e o impediram judicialmente de usar o nome de origem como marca. Diz-se que o haviam registrado em silêncio [...]¹⁴²

Dessa forma, foi necessário alterar o nome, sendo escolhida a alcunha São Zacarias que se encontra nos almanaques dos anos 1920, conforme referenciado. Seria esta uma opção também prática: Xavier já tinha a marca de sua erva-mate registrada, com um Z maiúsculo no rótulo. A marcação da louça, conforme será analisado no capítulo seguinte, também sofre alteração de acordo com as mudanças na direção da fábrica.

Avançando na análise, outro aspecto das relações identitárias é a festa de inauguração, ou reinauguração. Dado o detalhamento acerca deste evento encontrado nas fontes, além do marco que representou na produção material, como poderá ser verificado a seguir, acredita-se ser importante dedicar um tópico a sua mais aprofundada discussão.

2.3. A fábrica inaugurada: festa del lavoro

Foi citado, ao longo da análise acima, o texto escrito por um jornalista de origem italiana, o imigrante Vitaliano Rotellini. Encontrado no *Almanaco del Fanfulla*¹⁴³, é a única fonte consultada redigida em língua italiana, uma característica do *Fanfulla*, que chegou a ser um diário na virada do século. Conforme Boris Fausto,

[...] tais jornais, escritos na língua do imigrante, continham notícias do país de origem e principalmente matérias que diziam respeito à inserção do agrupamento étnico na vida da cidade. Eram, pois, um instrumento valioso no esforço da

¹⁴² CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 15

¹⁴³ Embora Ferrarini reproduza a passagem referenciando-a como "Almanaco del Fanfulla", este é um jornal da virada do século XIX para o XX. O que pode ser inferido é que o autor que o reproduziu consultou um volume compilado de publicações, recebendo, assim, o título de "almanaque".

primeira geração para manter-se fiel às raízes e buscar transmiti-las a seus descendentes [...]”¹⁴⁴

É provável que seja esse compromisso em relatar atividades bem-sucedidas de imigrantes que tenha resultado no texto que mais congratula Busato, ainda que reconheça em Xavier o novo sócio majoritário. Há um equilíbrio entre os dois personagens, a nova indústria que honra o Paraná é “iniciativa do senhor Francisco Busato e impulsionada pelo senhor Coronel Zacarias de Paula Xavier, digno homem, intrépido industrial”¹⁴⁵. O *laborioso* italiano é “favorito do Governo daquele Estado”¹⁴⁶, o que justificaria a concessão da lei nº 240 em 1897, favorecendo a implantação da fábrica a partir de materiais importados¹⁴⁷.

No momento da inauguração, Rotellini faz longa citação do jornal *Correio do Paraná*, além de lembrar todos os colegas da imprensa que se deslocaram para Colombo a convite de Xavier e Busato. Entre eles, o correspondente d'A *República*, Chichorro Junior, cujo relato também já foi citado nesta análise. Se o paranaense fala de Xavier como o anfitrião dos 150 convidados, Rotellini é democrático: “os senhores Zacarias, Müller e Busato foram incansáveis em servir os convidados, gentis e corteses com todos (...) qualquer elogio seria pouco”¹⁴⁸.

O trecho de Rotellini inclui Hormino Müller que, em outra passagem do mesmo texto, é apresentado como sócio de Xavier ao lado de Busato. Entretanto, este é um personagem que não se encontra referenciado em nenhum outro documento, e mesmo Rotellini não oferece maiores pistas, o que torna difícil inferir sobre seu grau de participação na Fábrica *Colombo*. É importante lembrar que há uma crescente participação de imigrantes alemães no processo produtivo da fábrica neste período, a ser discutida ao longo da análise da cultura material, e ainda, segundo Carvalho e Arantes, os imigrantes de origem germânica, na virada do século em Curitiba, “eram donos de casas comerciais especializadas em ferragens, louças e artigos domésticos”¹⁴⁹. Poder-se-ia pensar, portanto, que Müller seria um sócio envolvido na comercialização das peças fabricadas em Colombo, sendo pouco lembrado em relação à

¹⁴⁴ FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) **História da vida privada no Brasil**, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 37

¹⁴⁵ No original, “iniziata dal signor Francesco Busato e spinta dal signor Colonnello Zacarias de Paula Xavier, degno uomo, intrepido industriale”. ROTELLINI, Vitaliano. *Op. Cit. s/p*

¹⁴⁶ No original, “favorito dal Governo di quello Stato”. ROTELLINI, Vitaliano. *Op. Cit. s/p*

¹⁴⁷ Assim consta: “Art. 1º Ficam isentas de impostos as máquinas e materiais importados para a fábrica que montar Francisco Busato, destinados à confecção de artefatos de louças de diversas qualidades. Art. 2º Ficam igualmente isentos, por 15 anos, dos impostos devidos ao Estado, os produtos da mesma fábrica. § único – O prazo acima estabelecido será contado da data em que começar a funcionar o estabelecimento”, assinada pelo governador José Pereira Santos Andrade. Reproduzido por FERRARINI, Sebastião. **O município de Colombo**. Curitiba: Editora Champagnat, 1992. p. 432-433

¹⁴⁸ No original, “i sigg. Zacarias, Müller e Busato furono instancabili nel servire gli invitati, gentili e cortesi con tutti (...) ogni elogio sarebbe superfluo”. ROTELLINI, Vitaliano. *Op. Cit. s/p*

¹⁴⁹ CARVALHO, José Luiz de; ARANTES, Aimoré Índio do Brasil. **O comércio no Paraná: uma história de conquistas**. Curitiba: Sistema Fecomércio, SESC, SENAC, 2008. p. 104

produção em si, logo, ausente dos históricos e das narrativas analisadas. Ou, ainda, o alemão poderia ter sido suprimido dos textos por motivos afins aos discutidos sobre a ausência de Busato, situação plausível, dadas as condições contextuais das narrativas.

A questão central das duas narrativas sobre a festa - uma em português, de Chichorro Junior, para *A República*, outra em italiano, de Vitaliano Rotellini, para o *Fanfulla* - é a ênfase nas personalidades que ali se encontraram. O jornalista d'*A República* destaca que, logo na entrada da Vila Colombo, um escudo recebia os convidados com os dizeres: *Viva o Estado do Paraná!*¹⁵⁰. E prossegue, enumerando as autoridades representantes do governo, do exército e da Igreja, para completar mencionando os cônsules da Alemanha, da Itália e da Áustria-Hungria, que se reuniam diante do estabelecimento para serem fotografados com suas famílias. Segundo o autor, todo o evento dignifica o seu estado e o seu país, a banda do regimento de segurança toca o hino nacional ao fim do discurso de Octavio do Amaral, em nome do governador do Paraná, e Xavier saúda o Estado e seu dirigente agradecendo os votos de prosperidade.

O banquete, descrito por Chichorro Junior, coloca os convidados em determinada ordem hierárquica, ao longo da mesa em forma de ferradura. Na cabeceira, o representante do governador, ladeado a sua direita pelo cônsul alemão, o cônego e um coronel; e a sua esquerda, pelo alferes, o vice-governador e os demais cônsules presentes. Nos lugares restantes acomodam-se a imprensa, órgão divulgador da grande festa, o prefeito de Colombo, orgulhoso em ter seu município como sede de tão ilustre evento e indústria, comerciantes, oficiais do exército e demais convidados. As senhoras acomodam-se em um único lado, separadas de seus maridos que estabelecem contatos e aprofundam seu relacionamento com indivíduos de alto *status* social, e a família Xavier ocupa um dos extremos da mesa.

Busato não é localizado na mesa do banquete por Chichorro Junior, assim como este não cita a faixa d'*A união faz a força*. Mas Rotellini, comprometido em interpretar o evento como a absoluta prova de que o elemento imigrante engrandece o país que o acolhe, cita ainda as famílias Hauer, Maisner, Hormino Müller, o sócio obscurecido, e Paulo Kanold, o diretor técnico. A família de Busato, ou o próprio, também não são localizados na mesa por Rotellini, mas o *pioneiro* é lembrado lado a lado com Xavier nos discursos que o jornalista italiano transcreve: Octavio do Amaral recorda que “Zacarias e Busato, com força de vontade, trabalho e perseverança, cooperaram com o progresso do Estado do Paraná, simbolizando a união de duas forças que representam a arte e a indústria”¹⁵¹. O cônsul italiano se mostra

¹⁵⁰ *A República*. *Op. Cit.* 04/05/1903. p. 2

¹⁵¹ No original, “Zacarias e Busato a forza di volontà, lavoro e perseveranza, cooperarono al progresso dello Stato del Paraná, simboleggiando l'unione di due forze che rappresentano l'arte e l'industria”. ROTELLINI, Vitaliano. *Op. Cit.* s/p

orgulhoso em ver que “o nome italiano se encontra unido à grande empresa”, o cônsul alemão recorda que “nesta festa não se deve esquecer os nobres filhos da forte Alemanha”, e o cônsul austro-húngaro sintetiza com um brinde a ideia: “à saúde da força internacional”¹⁵².

Não há dúvida de que Chichorro Junior e Vitaliano Rotellini relatam a mesma festa. Provavelmente, contemplaram as mesmas faixas, ainda que cada um escolha apenas uma para se referir. Ambos falam do júbilo, do Paraná em festa, das bandeirolas espalhadas pelas ruas principais de Colombo e pela via que conduzia à fábrica, celebrando a indústria como a glória máxima de uma sociedade progressista. A diferença está no destaque maior ou menor à outra face do empreendedorismo paranaense: o elemento imigrante. Se *A República* é reticente sobre o assunto, não faltarão referências à mistura internacional que impulsiona a fábrica no texto redigido por um italiano que compartilha com muitos dos ali presentes a condição de emigrado. No entanto, o que fica bastante marcado tanto em um texto quanto em outro é o clima de celebração do sucesso do projeto nacionalista, pois, mesmo se tratando de filhos de uma terra estrangeira, encontram-se todos ali reunidos num mesmo esforço pela concretização do progresso brasileiro.

2.4. Documentação escrita: tendências e limites

Talvez, seja devido ao tipo de informação encontrada na análise da documentação escrita proveniente do contexto do final do século XIX e início do XX que a historiografia que transita pela questão imigratória no processo de industrialização apresente uma preponderância de estudos voltados às relações de trabalho e lutas de classe no espaço fabril. Mais escassas são as pesquisas sobre o cotidiano ou as relações afetivas estabelecidas entre indivíduos que circulam por esses espaços, ainda que a História Oral, por exemplo, tenha trazido importante contribuição ao estudo de temas mais subjetivos, como o processo formador de identidades.

Entretanto, tendo em vista algumas das questões levantadas ao longo deste capítulo acerca dos textos da Fábrica *Colombo*, poderia ser argumentado que a preferência de alguns autores por determinadas abordagens deriva de suas propostas, pois é possível trabalhar com temas mais diversificados que vão além dos âmbitos econômico e político quando se percebem também os silenciamentos produzidos ou inerentes a cada discurso analisado. A própria divergência entre um texto e outro apresenta uma pluralidade não contemplada pela historiografia posterior. Mas no caso de Colombo, em especial, a cultura material oferece a

¹⁵² Nos originais, “il nome italiano si trovi unito alle grandi imprese”; “in questa festa non si devono dimenticare i nobili figli della forte Germania”; e “alla salute delle forze internazionale”. ROTELLINI, Vitaliano. *Op. Cit.* s/p

possibilidade de uma maior aproximação a este universo inexplorado ou posto de lado de maneira deliberada pelos registros escritos, por se encontrar mais associada aos sujeitos produtores e utilizadores da cerâmica em si, como será exposto no capítulo seguinte.

Entretanto, de uma maneira geral os textos aqui apresentados, tão revisitados e consultados, dão acesso a um ambiente fabril em termos de imagem pública e propaganda, entendida como a difusão de uma mensagem de caráter informativo e persuasivo. Através de sua análise, vislumbra-se a criação de um símbolo chamado *Fábrica Colombo*, ligado nominalmente a pessoas (do sexo masculino) de expressão política e/ou econômica na sociedade da época, e anuncia-se seu reconhecimento pela comunidade na qual está inserida. Nos artigos e almanaques quase não se referenciam as pessoas (mais pluralizadas) que dão forma à produção material que sai dos seus fornos e se obscurece a origem estrangeira da empreitada. O que surge nas palavras dos autores é uma instituição sólida e exemplar, devendo seu florescimento aos ilustres homens da República que objetivam acima de tudo o progresso da Nação. Mais do que isso, uma instituição idealizada, onde o conflito inexistente e a diversidade étnica é mencionada apenas para glorificar o projeto de inserção em uma unidade nacional. De certa forma, são textos de cunho político, apologéticos e formadores de opinião e de identidade, mas muitos outros elementos presentes na redação podem ser explorados, uma vez que se ajuste o olhar a questões mais abrangentes.

Concentrar-se na documentação escrita sobre a *Fábrica Colombo* traz reflexões sobre a participação de vários componentes étnicos na produção de louça, questionando mesmo o quanto esta instituição corresponderia a uma empresa “nacional”, a partir das ambivalências exploradas nesse capítulo entre um autor e outro. Todavia, deve haver um cuidado da parte do pesquisador em não restringir a presença do imigrante ao discurso que associa a fábrica a uma busca quase generalizada pela modernização e pelo progresso, características intrínsecas à construção da identidade nacional, perceptíveis mesmo no texto do italiano Rotellini que reforça a diversidade étnica. O resultado de tal interpretação poderia muito bem ser plausível, mas há mais por trás do lugar e do papel do imigrante nesse contexto do que apenas sua contribuição ao projeto nacionalista de progresso.

Por esse motivo, inserir a cultura material produzida por essa mesma fábrica da qual se escreve a respeito no universo de fontes a ser contemplado abre novos caminhos de investigação que permitem aprofundar a análise para além do âmbito institucional. Os aspectos silenciados, a diversidade homogeneizada, os conflitos e confrontos étnicos ignorados ganham novo fôlego com a reflexão sobre a louça fabricada nesse meio. Trabalhar os discursos textuais da fábrica, redigidos no exterior da instituição, não contempla com profundidade a participação de diferentes sujeitos na produção de uma cultura material que,

mesmo devendo se adequar a uma demanda dos consumidores, não é desprovida de uma visão de mundo particular. Mas no encontro das duas análises está a relativização necessária para entender a construção complexa das identidades em solo brasileiro.

Os textos possibilitaram, neste capítulo, compreender o universo discursivo no qual a fábrica foi inserida pela intelectualidade do período, enquanto um empreendimento fabril. A partir das próximas reflexões, poder-se-á compreender o descompasso entre esta produção textual exterior e a cultura material originada em seu interior. Dada a diversidade de fontes, ressalta-se a multiplicidade de leituras possíveis aos pesquisadores, como o próprio levantamento bibliográfico demonstrou, algo representativo também do processo de formação identitária complexo ao qual a fábrica deu margem e que, ainda hoje, permite novas construções discursivas (textuais ou não) sobre a instituição e sua produção cerâmica.

3. A CULTURA MATERIAL DE COLOMBO: ABORDAGENS DA ETNICIDADE

Desenvolvidas as ideias presentes na documentação escrita, cabe agora avançar para a análise da cultura material, a fim de esclarecer sua contribuição para este estudo de caso. Para tanto, a atenção recai sobre o contingente imigrante da fábrica, uma vez que as peças de louça analisadas permitem vislumbrar um universo distinto daquele reforçado pelos autores dos textos estudados no capítulo anterior.

A fábrica foi estabelecida numa colônia de imigrantes italianos recém chegados do seu país natal. Aqueles envolvidos com a instituição, pelo menos em seus primeiros anos de funcionamento, eram originários de lugares onde o artesanato da cerâmica era atividade comum e o solo da região metropolitana de Curitiba forneceu matéria-prima ideal para a produção de louça. Isto é, tratava-se de um grupo que possuía o conhecimento técnico e os meios condicionantes para o empreendimento de uma fábrica de cerâmica branca.

A origem europeia do grupo, num final de século com políticas imigratórias bastante específicas, no momento em que nasce e se consolida a República, são todos dados relevantes ao estudo da cultura material. A tradição e os costumes que o grupo trazia em sua bagagem, os novos contatos interpessoais na América, as estratégias de sobrevivência, tudo interfere na cultura, algumas características permanecem, algumas mudam, outras se criam e se misturam. Antes de passar às fontes propriamente ditas, portanto, algumas considerações de ordem teórica devem ser aprofundadas.

3.1. A questão imigratória: historiografia e sentimento

Na segunda metade do século XIX intensificou-se o processo imigratório que, até 1939, totalizaria cerca de 4,8 milhões de estrangeiros ingressando no Brasil¹⁵³. Nadalin argumenta que haveria na época um consenso de que grandes regiões deveriam ser ocupadas, tanto demográfica quanto economicamente, trazendo “progresso” e povoando os chamados “vazios demográficos”¹⁵⁴. Se, de fato, num primeiro momento as políticas de colonização em teoria visavam ocupar os vazios populacionais, após 1850, segundo Drabik e Gonçalves, a vinda de imigrantes europeus de origem camponesa teria sido incentivada devido a um esperado efeito pedagógico decorrente do contato entre o imigrante e o nacional¹⁵⁵. Em meio

¹⁵³ NADALIN, Sergio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED/PR e UFPR, 2001. (Coleção História do Paraná; textos introdutórios) p. 17

¹⁵⁴ NADALIN, Sergio. *Op. Cit.* p. 63

¹⁵⁵ DRABIK, Belquis Ribeiro; GONÇALVES, Marcos. Notas sobre política imigratória na Província do Paraná. In: BOSCHILIA, Roseli (org.) **Reconstruindo memórias: os poloneses de Santo Inácio**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2004. p. 31

a esta concepção eugênica e romântica que via o imigrante *civilizador* contagiando o brasileiro, alguns pesquisadores hoje percebem um comportamento voltado à manutenção de uma cultura própria, ou, ainda, uma recriação de tradições do país de origem mescladas com a nova vida no Brasil.

A discussão sobre a imigração, a seguir, parte de três pontos principais: as tendências historiográficas que se apresentam ao pesquisador; o que condiciona e no que implica o ato de migrar, numa perspectiva que considera o âmbito dos sentimentos; e, na medida do possível, quem são os imigrantes. Com isso, pretende-se construir um panorama geral da bibliografia disponível e de como a imigração vem sendo abordada pelos especialistas.

O tema da imigração no Paraná apresenta uma grande diversidade de estudos. Autores como Nadalin, Trindade e Andrezza, por exemplo, comentam a imigração discutindo questões econômicas e raciais¹⁵⁶. Em geral, destacam o início do processo de industrialização e ressaltam que ainda hoje é tributado aos imigrantes um importante papel na diversificação das atividades artesanais e no desenvolvimento de pequenas e médias indústrias¹⁵⁷.

Por sua vez, Aparecida Bahls aponta que, embora haja uma constante reafirmação da necessidade de preencher os chamados vazios demográficos na documentação oficial acerca das políticas imigratórias, a ação do poder público, ao promover a instalação de núcleos coloniais nas cercanias de Curitiba, manteve a colonização em terras já historicamente ocupadas¹⁵⁸. Entretanto, mesmo não constituindo uma contribuição efetiva ao povoamento de regiões ‘vazias’, o historiador Dennison de Oliveira atribui à vinda do imigrante europeu para o Paraná o incentivo criador de um mercado local para bens de consumo, assim como a responsabilidade pela composição de um mercado de trabalho urbano e industrial¹⁵⁹.

Além dos aspectos econômicos, raciais e do povoamento de determinadas áreas, percebe-se na historiografia no Paraná, muitas vezes, um esforço por compreender o imigrante em um nível quase pessoal, procurando pôr em palavras o sentimento que o trouxe ao Brasil. Nadalin, citado acima, afirma que migrações são fenômenos sociais, relacionados à busca por algo melhor¹⁶⁰. Discutindo a “grande imigração” da segunda metade do século XIX e início do XX, o autor identifica sujeitos que viviam em primeira mão os efeitos da Revolução Industrial e emigravam, entre muitos motivos, em busca de novos horizontes¹⁶¹.

¹⁵⁶ NADALIN, Sergio Odilon. *Op. Cit.*; TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED/PR e UFPR, 2000.

¹⁵⁷ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. *Op. Cit.* p. 57

¹⁵⁸ BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. **A busca por valores identitários: a memória histórica paranaense**. Tese (Doutorado em História) UFPR, 2007. p. 36

¹⁵⁹ OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED/PR e UFPR, 2001. p. 24

¹⁶⁰ NADALIN, Sergio Odilon. *Op. Cit.* p. 9

¹⁶¹ NADALIN, Sergio Odilon. *Op. Cit.* p. 62

Refletindo sobre a historiografia da imigração no país em geral, Esmeralda Moura acredita que já foi demonstrado com rica documentação que é difícil deslocar o êxodo que marcou esse período da miséria como causa¹⁶². No entanto, a autora continua, este é um ato inscrito também no âmbito do processo de escolha de cada indivíduo, pois a emigração é um

[...] processo que, no plano das experiências individuais, estaria se concretizando associado simultaneamente a imposição e escolha, portanto, em meio a muito sofrimento. Imposição, porque a pobreza extrema associada ao aceno de possibilidades mais favoráveis de sobrevivência no Novo Mundo fazia com que milhares de italianos deixassem sistematicamente o país, movidos pela determinação de mudar de vida. Escolha, porque afinal não é possível omitir que, apesar da tendência a deixar a Itália, foram muitos os que ficaram, ainda que a miséria se tornasse mais aguda a cada dia [...]¹⁶³

Certamente, o ato de migrar compõe-se de determinado grau de compulsão, ansiedade, estranheza, expectativa. Não são poucos os autores que assinalam a experiência traumática que marcou a vida dos sujeitos que encontram em suas fontes. Como contraste, é possível citar o trabalho de Dilse Corteze, devido a sua intensa crítica à aproximação da historiografia da imigração aos termos e conceitos do tráfico negreiro. Concentrada na análise de relatos da travessia do Atlântico, a historiadora acredita ser compreensível que as experiências extraordinárias e trágicas sejam privilegiadas pela memória do imigrante, que passava pelo momento angustiante do abandono da terra natal, mas, apoiada em estatísticas de naufrágios e documentações pessoais como cartas e diários, insiste que a decisão final consistia ato livre e espontâneo¹⁶⁴.

Ainda que o impacto da migração abale um indivíduo, cada caso merece tratamento específico. Julita Scarano chama atenção para a *migração em cadeia*, conceito desenvolvido por John MacDonald para tratar de situações em que “o migrante em potencial conta com informações prévias ou durante o processo migratório, apoio e auxílio de pessoas que viajaram antes dele, partindo das mesmas áreas ou fazendo parte do grupo familiar do migrante em potencial”¹⁶⁵. Dessa forma, o processo de perda do referencial é amenizado pela diminuição do problema linguístico e os recém-chegados não precisam enfrentar a sociedade receptora como pessoas isoladas e desamparadas.

A questão do sentimento que envolve a imigração é, enfim, muito delicada e exige um cuidadoso olhar por parte do pesquisador. Os autores aqui citados não se propuseram

¹⁶² MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Imigrantes italianos em São Paulo na passagem para o século XX. In: PRIORE, Mary del (org.) **Revisão do paraíso: 500 anos e continuamos os mesmos**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000. p. 238

¹⁶³ MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. *Op. Cit.* p. 239-240

¹⁶⁴ CORTEZE, Dilse Piccin. A travessia maldita: mito e história. In: **Anais do VII Encontro Estadual de História - ANPUH-RS História, memória e testemunho**. CD-ROM. p. 4

¹⁶⁵ SCARANO, Julita. Imigração italiana para a área urbana - estudo de caso. In: DE BONI, Luis A. (org.) **A presença italiana no Brasil**, vol. III. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1996. p. 556

necessariamente a uma análise específica do tema, mas suas discussões estavam permeadas pelo reconhecimento da existência de um aspecto subjetivo fundamental no que move os sujeitos históricos.

Balhana ressalta que, nesse período da “grande imigração”, foi predominante a chegada de indivíduos ligados às atividades agrícolas, sendo os representantes de atividades artesanais, trabalhadores qualificados e profissionais liberais pouco numerosos¹⁶⁶. Contudo, a própria autora alerta ser essa uma informação capciosa registrada em documentos oficiais que visavam atender as exigências da política imigratória brasileira.

Embora houvesse uma variedade de pessoas chegando ao Brasil, é possível afirmar que certas regiões acolheram um número maior de trabalhadores rurais ou de mão-de-obra qualificada, com base nos diversos estudos sobre as economias específicas desenvolvidas em cada estado. De acordo com Pasquale Petrone, o estereótipo do imigrante pobre ou miserável acaba por obscurecer o fato de que a imigração também teve apelo entre a pequena burguesia e, por vezes, entre as categorias sócio-econômicas mais abastadas¹⁶⁷. O autor lembra que aqueles que aqui chegaram com alguns recursos financeiros, mesmo que não muito vultosos, puderam tomar iniciativas muitas vezes importantes no quadro econômico de então, principalmente em níveis locais ou regionais. Mesmo quando o recurso era escasso, em alguns casos a bagagem técnica especializada da qual o imigrante dispunha possibilitaria a aproximação com alguém que tivesse capital para uma iniciativa fabril¹⁶⁸. Esta se mostrará uma observação muito pertinente ao caso de Colombo.

É interessante lembrar que não é comum encontrar na historiografia da imigração trabalhos que partam da análise da cultura material, sendo mais usual a aplicação apenas ilustrativa de tais fontes. Entretanto, há pelo menos um exemplo ao qual convém fazer referência, o artigo da historiadora Cleci Eulália Favaro, intitulado *Imigração italiana e cultura material*, no qual, apoiada em autores como Roger Chartier e Michel Vovelle, analisou os panos de parede (ou de cozinha) de famílias imigrantes italianas como transmissores e preservadores de valores culturais. Por suas próprias palavras, seu propósito era

¹⁶⁶ BALHANA, Altiva Pilatti. Italianos no Paraná. In: DE BONI, Luis A. (org.) **A presença italiana no Brasil**, vol. I, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1987. p. 123-124

¹⁶⁷ PETRONE, Pasquale. A influência da imigração italiana nas origens da industrialização brasileira. In: DE BONI, Luis A. (org.) **A presença italiana no Brasil**, vol. I, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1987. p. 493

¹⁶⁸ PETRONE, Pasquale. *Op. Cit.* p. 494

[...] demonstrar como o estudo dos elementos da cultura material, principalmente aquela dos segmentos sociais não-dominantes e por vezes semi-letrados, pode contribuir para a compreensão de especificidades de uma realidade social [...]¹⁶⁹

Assim, a autora propôs abrir seu leque de análise a objetos de variadas natureza e finalidade para buscar seus modos de fazer e usar no grupo social em questão. Embora Favaro não se apoie em procedimentos teórico-metodológicos da Arqueologia para analisar a cultura material, seu trabalho apresenta uma problematização enriquecida, obtida pelo estudo do passado a partir de diversos tipos de fontes, sensível às particularidades de cada registro.

A partir dos autores citados é possível perceber uma grande diversidade no tratamento historiográfico da imigração, assim como podem ser selecionados diferentes tipos de fonte, tais como a documentação oficial ou a privada, os depoimentos orais, ou mesmo os objetos usuais do cotidiano, embora haja a predominância da análise tradicional de registros escritos. No que diz respeito às questões étnicas inerentes aos grupos de imigrantes, Mello afirma que, em termos de historiografia brasileira, há uma tendência em abordá-las pela perspectiva das relações de trabalho e do projeto de *branqueamento* nacional¹⁷⁰. Entretanto, estudos de autores estrangeiros sobre outros contextos, como o da inglesa Siân Jones, indicam que as marcas da etnicidade estão também muito presentes nas práticas e experiências cotidianas, refletindo condições e interesses imediatos que caracterizam situações particulares¹⁷¹. Dessa forma, o trabalho dialógico entre texto e cultura material pode favorecer a compreensão da intersecção entre disposições perceptuais e práticas das pessoas em questão e os interesses e oposições de um contexto social específico¹⁷².

A identidade étnica é um tema cada vez mais corrente nos estudos da imigração, mas isso não o torna de fácil compreensão. Uma ampla discussão teórica pode ser encontrada entre autores da Sociologia e da Antropologia, sendo que a História e a Arqueologia vêm buscando inserir suas próprias considerações acerca da etnicidade e seu papel na experiência social dos indivíduos e grupos. Para que se compreenda a importância desse debate para o estudo de caso proposto, algumas ideias e conceitos devem ser articulados no tópico seguinte.

¹⁶⁹ FAVARO, Cleci Eulalia. Imigração italiana e cultura material: iconografia e linguagens no processo de transmissão e preservação de valores culturais. In: **Primeiras Jornadas de História Regional Comparada**. Porto Alegre: Sonopress, 2000. p. 365

¹⁷⁰ MELLO, Eliane de. A manutenção de identidades em movimentos migratórios: poder econômico, político e cultural. In: **Anais do VII Encontro Estadual de História - ANPUH-RS História, memória e testemunho**. CD-ROM.

¹⁷¹ JONES, Siân. *Op. Cit.* p. 226

¹⁷² JONES, Siân. *Op. Cit.* p. 228

3.2. *Imigração e etnicidade*

O antropólogo Georges Vacher de Lapouge, no século XIX, criou o vocábulo *etnia* “para dar conta de uma solidariedade de grupo particular”¹⁷³ que não correspondia nem à organização política, nem à semelhança antropológica. Desde então, o conceito de etnicidade, deu margem a muitas reflexões no campo das ciências humanas, tornando-se um tema caro àqueles autores preocupados em estudar os aspectos subjetivos e simbólicos de grupos sociais.

Poutignat e Streiff-Fenart, em publicação que apresenta as diferentes vertentes teóricas da etnicidade que permearam o universo acadêmico ao longo do século XX, acreditam que esta não constitua um quadro *intemporal* e *imutável* de traços culturais transmitidos de geração a geração, mas um conjunto de traços selecionados e dotados de valor emblemático que visa construir critérios de consignação ou de identificação do ator com um grupo étnico¹⁷⁴. Atentam também que estes traços escolhidos não são sempre os mais importantes, mas a opção não chega a ser totalmente arbitrária, trata-se de uma resposta ao contexto experimentado. Assim, concluem,

[...] a etnicidade é simultaneamente perene e contingente: perene, já que representa um dado subjacente, sempre suscetível de ser ativado e mobilizado; contingente, já que as condições e as formas de sua emergência são historicamente determinadas [...]¹⁷⁵

ou seja, é um modo de identificação, entre muitos outros, que aplica os recursos disponíveis às situações sociais que se apresentam.

Em sua análise, observam que a noção de *grupo étnico* foi por muito tempo utilizada pela sociologia norte-americana para diferenciar os grupos nacionais de origem estrangeira¹⁷⁶. Com a revisão de alguns conceitos-chave, no entanto, hoje não mais se acredita que um grupo étnico seja definido *per se*, mas como “uma entidade que emerge da diferenciação cultural entre grupos que interagem em um contexto dado de relações interétnicas”¹⁷⁷. Disso, surge uma noção de íntima associação com a identidade étnica: a *alteridade*. Nesta questão, os autores se mostram influenciados pelo pensamento do antropólogo social Fredrik Barth, afirmando que

¹⁷³ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 34

¹⁷⁴ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Op. Cit.* p. 129-130

¹⁷⁵ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Op. Cit.* p. 140

¹⁷⁶ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Op. Cit.* p. 80

¹⁷⁷ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Op. Cit.* p. 82

[...] a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna saliente as identidades étnicas [...]¹⁷⁸

O conceito de *fronteira* de Barth pressupõe o contato cultural que ativa os traços culturais tidos como identificadores, e Poutignat e Streiff-Fenart veem surgir neste contato a alteridade que organiza a dicotomia *nós* e *eles*. Do seu ponto de vista, seria uma ingenuidade defender o isolamento geográfico e social como a “verdadeira” base da diversidade étnica, uma vez que a etnicidade somente se constrói como um sistema de separações e diferenciações em relação a outros e, mesmo que haja um fluxo de indivíduos cruzando as fronteiras, estas permanecem e definem o grau da interação. Além disso, a pertença a um grupo étnico implica a existência do não-pertencente, do excluído - aquele que não corresponde ao estereótipo predefinido.

Como partidários do pensamento de Barth, os autores tencionam somar às questões de limites e fronteiras o problema específico da etnicidade como elaboração ativa de símbolos identitários e da manutenção dos mesmos¹⁷⁹. De fato, em sua opinião, não convém mais discutir se a etnicidade é ou não importante, mas compreender *por que* ela o seria, e também “por que e quando a construção social da realidade se elabora em termos étnicos”¹⁸⁰. Em suma, o campo da etnicidade estuda

[...] processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores *identificam-se* e *são identificados pelos outros* na base de *dicotomizações Nós/Eles*, estabelecidos a partir de traços culturais que se supõe derivados de uma *origem comum e realizados* nas interações [...]¹⁸¹

Com propostas semelhantes a essa, muitas áreas de estudo se ocuparam do estudo da etnicidade. Nanci Oliveira lembra que no passado a Arqueologia, por exemplo, desenvolveu muitas interpretações que correlacionavam diretamente a cultura material a um determinado grupo étnico, partindo do pressuposto que a etnicidade seria “um fenômeno tangível, imutável e identificável”¹⁸² nos elementos materiais. Entretanto, a arqueóloga critica tal posicionamento, baseando-se nas considerações de Barth para estudar as fronteiras e características diferenciadoras de um grupo em relação a outro. Sua sugestão aos colegas de profissão é procurar correlatos materiais de comportamento especificamente étnico no registro

¹⁷⁸ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Op. Cit.* p. 124

¹⁷⁹ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Op. Cit.* p. 13

¹⁸⁰ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Op. Cit.* p. 84

¹⁸¹ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Op. Cit.* p. 141

¹⁸² OLIVEIRA, Nanci Vieira de. Arqueologia histórica e etnicidade: imagens de identidade. In: **Arqueología Histórica Argentina**. Actas del 1º Congreso Nacional de Arqueología Histórica. Buenos Aires: Corregidor, 2002. p. 911

arqueológico, sendo a etnicidade uma estratégia adaptativa a novos ambientes e situações que culmina em novos comportamentos¹⁸³.

As ideias de Oliveira encontram respaldo em teóricos da Arqueologia como Michael Shanks e Ian Hodder, quando estes afirmam que o mundo material fornece as condições para refletir sobre a negociação dos significados¹⁸⁴. No entanto, os autores alertam que tais significados só podem ser buscados pelo pesquisador se forem também considerados os contextos de uso, as similaridades e as diferenças.

Da mesma forma, Siân Jones aponta para a natureza dinâmica e contextual da identidade étnica, características que se estendem às crenças e práticas que lhe dão forma¹⁸⁵. Sendo assim, a autora conclui que o estudo da cultura material traz importante contribuição ao contexto de experiências e práticas entrecruzando e derivando de seu poder as representações escritas, ou discursivas, da etnicidade, e, mais do que isso, dá acesso a práticas multivocais que o estudo de fontes textuais nem sempre contempla¹⁸⁶.

A partir dessas considerações, ressalta-se que a identidade étnica assume um caráter subjetivo, simbólico e emblemático que se transforma no decorrer das circunstâncias sociais ou dos contatos interétnicos¹⁸⁷, e sua transformação se dá por meio de relações de poder, acarretando na escolha dos elementos constitutivos da identidade. Muitas vezes, mudanças nos padrões culturais consolidados são interpretadas como assimilação ou perda de identidade, entretanto, de acordo Jones, essas alterações refletem as condições e os interesses imediatos das pessoas e dos grupos, logo, os símbolos de etnicidade derivam de e influenciam práticas e experiências habituais¹⁸⁸. No caso deste trabalho, os traços culturais do grupo produtor estão presentes na cultura material e, uma vez que não se entenda a identidade como um mero reflexo passivo da cultura¹⁸⁹, a reelaboração de certas características no âmbito material não pode ser tida como *descaracterizadora*, mas como parte de um processo subjetivo de identificação. Dinâmica, a cultura não pressupõe um grupo étnico, mas é produto dele¹⁹⁰. Com isso em mente, procede-se ao estudo da cultura material em questão.

¹⁸³ OLIVEIRA, Nanci Vieira de. *Op. Cit.* p. 912

¹⁸⁴ SHANKS, Michael; HODDER, Ian. Processual, postprocessual and interpretative archaeologies. In: WHITLEY, D. S. (ed.) **Reader in archaeological theory: postprocessual and cognitive approaches**. London: Routledge, 1998. p. 91

¹⁸⁵ JONES, Siân. Historical categories and the praxis of identity: the interpretation of ethnicity in historical archaeology. In: FUNARI, Pedro Paulo; HALL, Martin; JONES, Siân. **Historical archaeology: Back from the edge**. London/New York: Routledge, 1999. p. 225

¹⁸⁶ JONES, Siân. *Op. Cit.* p. 229

¹⁸⁷ OLIVEIRA, Nanci Vieira de. *Op. Cit.* p. 915

¹⁸⁸ JONES, Siân. *Op. Cit.* p. 226

¹⁸⁹ JONES, Siân. *Op. Cit.* p. 224

¹⁹⁰ CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 116

3.3. *Especificidade e contexto: como trabalhar com a cultura material?*

Os arqueólogos Lucas e Shackel afirmam que, de uma maneira geral, objetos são social e culturalmente distintos. De uso cotidiano ou reservados para ocasiões especiais, de curta ou longa durabilidade, são adquiridos por grupos ou pessoas como mercadorias que podem criar identidades, alianças ou separações sociais e materiais¹⁹¹. Sendo assim, o estudo de artefatos exige um trabalho de especial atenção a particularidades contextuais e temporais.

Alguns autores identificam no século XIX, por consequência da Revolução Industrial, uma tendência significativa em incrementar o mobiliário e o ambiente residencial como um todo. Maria Lucília Araújo, por exemplo, afirma que no Brasil “as residências incorporaram aos poucos mais peças de decoração, mais salas, saletas, escritórios e, conseqüentemente, mais bens de consumo”¹⁹². Além disso, o estudo do norte-americano Jeffrey Needell sobre a elite do Rio de Janeiro e de São Paulo durante a *Belle Époque*, com base na consulta de documentação textual e depoimentos, aponta que os exemplares de origem europeia nos lares cariocas e paulistas adquiriam um sentido de *espetáculo*, servindo como demonstração pública de um *status* superior legitimado pela identificação com a Europa¹⁹³.

Entretanto, essa associação com a demonstração de *status* da família residente não pode ser tomada como um pressuposto e a arqueóloga Anne Yentsch alerta para um cuidado no tratamento da cultura material utilizada para validar tais questões. Em sua opinião, uma sociedade atribui significados muito fluidos aos itens que simbolizam alto *status*, pois, além de ser um meio efetivo de manter a dominação, também definem e estabelecem identidades de grupo. E, acrescenta,

[...] conforme indivíduos ou famílias de grupos sociais mais baixos ascendem na sociedade, adotam os símbolos que identificam como expressões de sua bem-sucedida penetração nos níveis mais altos. Da mesma forma, aqueles que estão perdendo *status* podem lutar para comprar e manter as poucas, pequenas possessões que simbolicamente os associam a sua situação social anterior [...]¹⁹⁴

Isso implica, portanto, na necessidade da avaliação do conteúdo material de uma unidade doméstica estar aberta às nuances da vida social daqueles que ali viveram. Do

¹⁹¹ LUCAS, Michael T.; SHACKEL, Paul A. Changing social and material routine in nineteenth-century Harpers Ferry. In: **Historical Archaeology**, 1994, 28 (4), p. 29

¹⁹² ARAUJO, Maria Lucília Viveiros. Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, v. 12, jan/dez 2001. p. 137

¹⁹³ NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 207

¹⁹⁴ No original, “as individuals or families from lower social groups move upwards in the society, they adopt the symbols they perceive as expressing their successful penetration of higher ranks. Conversely, those who are losing status may fight to purchase and keep the few, small possessions which symbolically associated them with their prior rank”. YENTSCH, Anne. Engendering visible and invisible ceramic artifacts, especially dairy vessels. In: **Historical Archaeology**, 1991, 25 (4). p. 133

contrário, corre-se o risco de produzir análises superficiais que não abarcam a complexidade das relações ali estabelecidas.

Para estudos de um passado recente como a virada do século XIX para o XX, as mudanças sutis no uso da cultura material são um importante tema de discussão¹⁹⁵. No que diz respeito ao uso da cerâmica, alguns arqueólogos acreditam que a mudança nos rituais associados a ela afetou o mercado de maneira significativa e, por consequência, a forma como hoje é estudada, enfatizando a natureza ativa dos bens materiais como criadores e afirmadores de condições sociais¹⁹⁶.

Durante muito tempo, arqueólogos que estudam esse período adotaram uma escala baseada na decoração da louça, desenvolvida por George Miller em 1980. A ideia central do autor neste artigo é a associação direta entre o *status* social de uma mercadoria e o seu preço de mercado, portanto, “aumentar a demanda baixando os preços parece ser um processo de mão única no qual o consumo aumenta, o *status* declina e, quando o mercado está saturado, a demanda cai”¹⁹⁷. Através desse princípio, arqueólogos históricos traçavam paralelos diretos entre os tipos de artefatos recuperados em escavações e o *status* sócioeconômico dos seus proprietários.

Entretanto, esta é uma abordagem muito criticada por autores mais recentes, como Cook, Yamin e McCarthy, que acreditam que ao inferir o *status* a partir da ocupação documentada do proprietário ocorre uma supervalorização do papel masculino de provedor. Por outro lado, os itens analisados são cerâmicas de mesa, objetos de forte associação também com o mundo feminino, mas, mesmo recebendo grande parte da atenção analítica, seus significados acabam reduzidos ao valor monetário apenas para medir o *status* do chefe da casa¹⁹⁸. O trabalho dos três arqueólogos tem por objetivo destacar ainda o papel da *escolha*, que muitas vezes fica submerso na noção de cultura de massa: os objetos são elementos importantes na manutenção de relações sociais e seus significados podem variar entre aquele estabelecido pela propaganda e o privado, definido por indivíduos.

Sendo assim, para manter a atenção voltada às especificidades da amostra material selecionada para este estudo de caso, propõe-se a disposição fotográfica das peças em forma de catálogo, com breves descrições, para então proceder à argumentação acerca das mesmas.

¹⁹⁵ ZARANKIN & SENATORE *apud* FREDEL, Karla Maria. Práticas de gênero e a cultura material na Província de São Pedro - Século XIX. In: **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, violência e exclusão ANPUH-SP**. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. CD-ROM

¹⁹⁶ LUCAS, Michael T.; SHACKEL, Paul A. *Op. Cit.* p. 29

¹⁹⁷ No original, “increasing demands by lowering prices appears to be a one way process in which consumption is increased, status declines and, when the market is saturated, the demand falls”. MILLER, George L. Classification and economic scaling of 19th Century ceramics. In: **Historical Archaeology**, 1980, 14. p. 9

¹⁹⁸ COOK, Lauren J.; YAMIN, Rebecca; MCCARTHY, John P. Shopping as meaningful action: toward a redefinition of consumption in historical archaeology. In: **Historical Archaeology**, 1996, 30 (4). p. 51

A ideia de confecção de um catálogo parte do princípio de que, ainda que a cultura material seja composta por um, ou vários conjuntos de elementos, dentro de seu domínio seria possível destacar determinados aspectos analisando-os separadamente para, em seguida, colocá-lo em diálogo com os demais que se deseja estudar.

Pretende-se, em suma, trabalhar com abordagens e problemáticas que o uso exclusivo de documentação escrita talvez não permitisse, como a atribuição de papéis masculinos e femininos, as relações sociais estabelecidas em situações de interação étnica, a busca pelo contato político em um contexto de formação e afirmação de um grupo produtor, entre outras. A cultura material tem um potencial explicativo maior do que sua mera atribuição funcional - é na diversidade e na ambiguidade de sentidos e significados que se encontra o objetivo da análise de tal registro do passado.

3.4. Catálogo de peças



**Peça 1 - calçado feminino produzido em faiança fina (1897-1901)
Em detalhe, selo de fabricação no verso da peça.**

A primeira peça compõe atualmente acervo particular. Trata-se da reprodução em faiança fina de um calçado feminino, com 25 centímetros de comprimento e 9 centímetros de altura. De estilo característico da virada do século XIX para o XX, é um sapato de salto alto, afivelado e de bico arredondado. O artesão, provavelmente João Ortolani, fez uso de motivos florais delicados e ramos, além de incluir dois detalhes em relevo moldado (superfície modificada antes do cozimento da louça): o botão no centro da peça e o ramalhete próximo a extremidade frontal. É uma peça de atribuição decorativa, reproduzindo um artigo de luxo do vestuário feminino da época.



**Peça 2 - leque produzido em faiança fina (1897-1901)
Em detalhe, selo de fabricação no verso da peça.**

Integrando o mesmo acervo, a segunda peça é uma reprodução em faiança fina de um leque, com comprimento máximo de 44 centímetros, da direita à esquerda. A técnica decorativa utilizada é bastante semelhante à escolhida para o sapato, com predominância de motivos florais de traços delicados e relevo moldado na representação das hastes, da armação e do pingente policromado. É muito provável que se trate também de uma produção de Ortolani.

O que permite a delimitação temporal das peças 1 e 2 são as marcas de fabricação reproduzidas no verso das mesmas, pintadas à mão em tom marrom. O “FB” encontrado em ambas possivelmente remete a Francisco Busato, o proprietário, e “C.bo Paraná” fornece a localização da fábrica, em Colombo.



Peça 3 - placa de homenagem a Antonio Augusto Chaves, em faiança fina (1899)

A terceira peça é também um exemplar decorativo, mas, mais do que isso, é uma homenagem a um personagem político. Trata-se de uma placa de 1,15 centímetros de espessura, de formato oval com diâmetro máximo de 37 centímetros. Há uma dedicatória pintada à mão em preto, onde se lê: *Ao Exmo. Senr. Dr. Antonio Augusto C. Chaves, D. Ministro do Interior. Offerece a fabbrica de louça de Colombo, Paraná. 4 - 11 - 1899.* Esta dedicatória, não muito bem centralizada, ocupa mesmo assim lugar de destaque no conjunto da peça, emoldurada por uma decoração em relevo moldado de motivos florais.

Não há marca ou selo de fabricante, entretanto, o próprio texto indica as localizações temporais e espaciais. Além disso, na extremidade inferior, abaixo dos detalhes em relevo, letras discretas em marrom claro dizem: *João Ortolani a fez.* A definição da autoria se coloca na mesma face do homenageado, no entanto, a sutil diferença de cores e a localização no contexto geral da peça não fazem com que uma inscrição rivalize com a outra pela atenção do observador - o homenageado político permanece a figura central da composição.

Parte do acervo do Museu Paranaense, a peça quebrou-se em dois grandes fragmentos e foi restaurada. Newton Carneiro afirma que esta seria parte de um conjunto de três medalhões, entregue ao Presidente do Estado, José Pereira dos Santos Andrade, e aos seus Secretários¹⁹⁹. Todavia, as outras duas peças não têm paradeiro conhecido.

¹⁹⁹ CARNEIRO, Newton. *A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil*. Curitiba: BADEP, 1979. p. 9



Peça 4 - vaso (floreiro) em faiança fina, com homenagem a parentes e amigos italianos (1900)
Em detalhe, o verso e a base da peça, com o selo de fabricação.

Novamente de acervo particular, a quarta peça é a única que apresenta texto em italiano. É um floreiro de 25,5 centímetros de altura, com decoração floral com algumas diferenças de técnica em relação às anteriores: a pintura à mão explora pinceladas mais espessas, com maior presença de folhagens, embora o verso da peça apresente alguns pequenos ramos, e não há superfície modificada, sem flores projetadas em relevo como no caso das anteriores. Em forma de faixa, em meio às flores, está pintado à mão, em marrom: *Operai della fabbrica Villa Colombo, manda saluti a parenti e amici. Righetto A. Ortolani G. Pavin L. Bosello M. Simonetto A. 2 - 6 - 1900.*

De acordo com o levantamento de Carneiro, esta peça teria sido produzida com a intenção de ser enviada a Vicenza²⁰⁰, embora não seja possível precisar como acabou permanecendo no Brasil. A dedicatória não inclui Busato, no entanto, o selo na base da peça apresenta um acréscimo em relação aos vistos até aqui - *tanti saluti*, ou “minhas lembranças”, com o nome do próprio.

²⁰⁰ CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 10



**Peça 5 - vaso (floreiro) em faiança fina, com homenagem a Venancio Trevisan (1900)
Em detalhe, selo de fabricação na base da peça.**

A quinta peça também compõe acervo particular e é a que mais sofreu com a ação do tempo²⁰¹. Ainda assim, a decoração e inscrição originais permanecem aparentes: trata-se de um floreiro de 32,5 centímetros de altura, decorado com motivos florais. Neste caso, há uma ênfase nas flores e folhas em relevo, e alguns detalhes em pinceladas finas espalhados pelo corpo da peça, em tom de verde. A dedicatória aparece em uma placa aplicada entre o corpo principal do vaso e as flores em relevo, dizendo: *Ao cidadão Venancio Trevisan I. Comerciante de Colombo oferece a fabrica de louça de [Colo]mbo. Paraná 26 - 10 - 1900.* O selo segue o padrão dos demais, sem adições, na base da peça.

Curiosamente, esta peça não é referenciada pela bibliografia em nenhum momento. Mesmo Carneiro que produziu um catálogo da fábrica, utilizando peças do mesmo acervo particular, não fez menção alguma a ela, embora cite a peça a seguir - que apresenta a mesma data na dedicatória.

²⁰¹ Conforme informação oral, o antigo proprietário aplicou esmalte azul sobre a peça, sendo posteriormente removido por solvente. Uma vez que não se tem registro de como era a peça originalmente, é difícil avaliar se houve alteração nas propriedades químicas da glazura, por exemplo, produzindo uma coloração amarelada que não se encontra nas demais peças.



**Peça 6 - vaso (floreiro) com homenagem ao Bispo D. José Camargo Barros (1900)
Reprodução fotográfica de Newton Carneiro, 1979**

Não foi possível localizar a sexta peça, sendo o catálogo de Carneiro o único acesso que se tem a ela. Como se trata de uma reprodução em preto e branco, não se pode determinar com precisão seus detalhes, mas é perceptível sua semelhança ao exemplar entregue a Venâncio Trevisan: o relevo floral emoldura uma placa aplicada ao corpo da peça, onde se encontra a dedicatória *Ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano D. José Camargo Barros oferece a fábbrica de louça Colombo, Paraná 26 - 10 - 1900*. Carneiro informa que este floreiro de 46 centímetros de altura não é o que foi, de fato, entregue ao Bispo, que teria recebido uma segunda versão melhor acabada²⁰². A versão preterida, conforme a legenda no catálogo, em 1979 estava em posse de Leocádia Roth, filha do Cel. Zacarias de Paula Xavier.

²⁰² CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 9

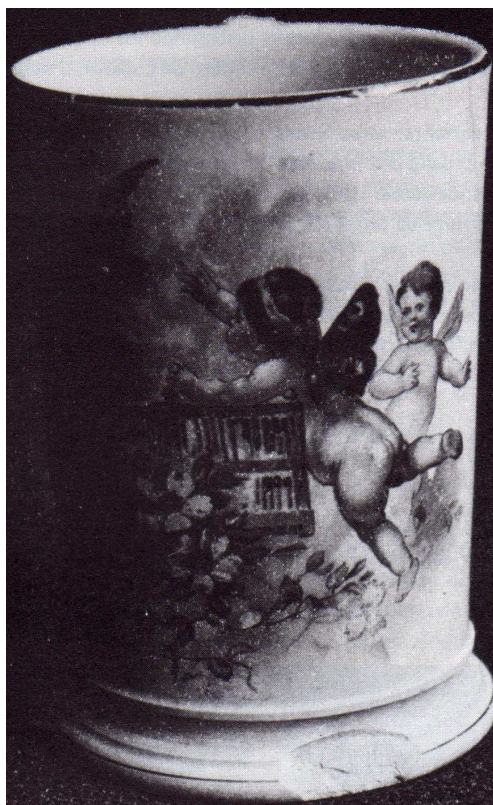


**Peça 7 - bule em faiança fina (1902-1909)
Em detalhe, selo de fabricação na base da peça.**

A sétima peça em análise é um bule, em faiança fina, de 22,5 centímetros de altura, que recebeu pintura à mão de motivos florais, em verde e azul, no corpo principal e na tampa. Faz parte do acervo do Museu Paranaense e a quebra em sua tampa foi restaurada, havendo perda de fragmento.

Como o selo na base indica, o nome de Francisco Busato como proprietário foi suplantado pelo do Cel. Zacarias de Paula Xavier. Esta marca de fabricação surge na primeira década do século XX, o que localizaria a produção do bule neste intervalo, com a decoração sendo atribuída ao alemão Germano Felsner por Carneiro²⁰³. Este tipo de marcação exige maquinário apropriado para transferir o selo à peça, de maneira sempre igual. Também se nota que a inscrição deixa de conter “Colombo, Paraná” e, no lugar, passa a apresentar “Curityba, Brazil Iron Stone”, o que poderia indicar uma intenção do fabricante à distribuição nacional de mercadorias ou mesmo à exportação, deslocando o centro de produção de um município pequeno, jovem e pouco conhecido para uma capital em crescente expansão no sul do Brasil. É interessante, no entanto, perceber que esse deslocamento se dá em um plano apenas simbólico, associado ao selo, pois a produção permaneceu fisicamente nas mesmas instalações às margens do rio Butiatumirim, em Colombo.

²⁰³ CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 16

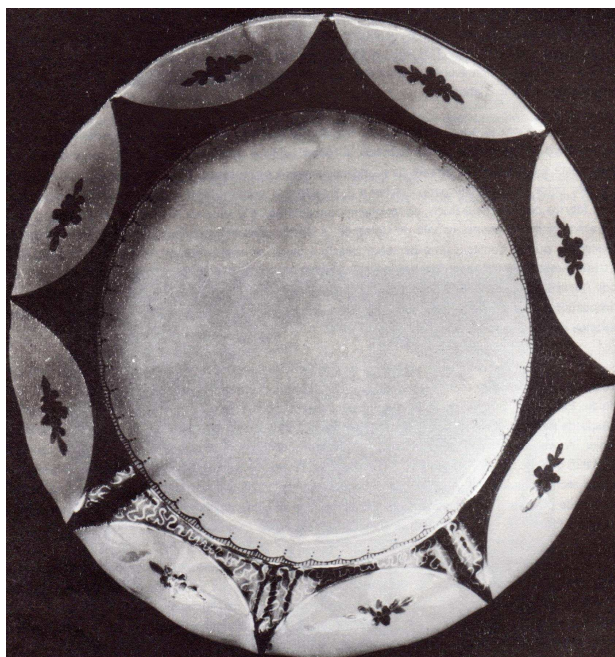


Peça 8 - caneca com aplicação de decalque (1902-1909)
Reprodução fotográfica de Newton Carneiro, 1979

A oitava peça é mais uma da qual somente se tem referência através do catálogo de Carneiro. O autor chama a atenção para a aplicação de frisos dourados na borda e na base da peça e para o uso de decalque na decoração central²⁰⁴. Tanto uma técnica quanto a outra foram bastante populares no início do século XX, sendo a *decalcomanie* uma técnica que permitia que gravuras coloridas fossem colocadas nos mais diversos tipos de materiais. A cena central nesse caso, anjos em traço barroco, pode ser vista como uma simbologia de ordem espiritual. Para alguns autores, o anjo, na qualidade de mensageiro, sempre porta uma boa notícia²⁰⁵.

²⁰⁴ CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 15

²⁰⁵ CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympo, 2006. p. 60-61



**Peça 9 - prato em azul cobalto e dourado (1902-1909)
Reprodução fotográfica de Newton Carneiro, 1979**

Esta é outra peça de paradeiro desconhecido, registrada por Carneiro. O que o autor informa é que se trata de um prato de decoração executada pelo pintor Ernesto Engelhardt, inspirada nos modelos da fábrica alemã Villeroy & Boch, com base nos catálogos trazidos da Europa por Paulo Kanold²⁰⁶. A combinação de azul cobalto com detalhes em dourado dava sobriedade à peça, embora desde o final do século XIX houvesse uma tendência no mercado à maior valorização de louças utilitárias totalmente brancas²⁰⁷.

²⁰⁶ CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 18

²⁰⁷ MILLER, George L. *Op. Cit.* p. 4



**Peça 10 - prato em faiança fina, com a efígie de Francisco Xavier da Silva (1903)
Em detalhe, selo de fabricação, impresso e em baixo relevo, e apêndice metálico no verso da peça.**

A peça em questão constitui atualmente o acervo do Museu Paranaense. Trata-se de um prato de dimensões pequenas (com diâmetro máximo de 22 centímetros), com duas técnicas decorativas: em formato de folha de parreira, teve sua superfície modificada de maneira a reproduzir as ranhuras da folha natural, recebendo um contorno em verde que realça sua borda; no centro, foi aplicada a efígie do governador do Estado pela técnica do *transfer printing*, em cor marrom, com os dizeres *Dr. F. Xavier da Silva Governador do Paraná 1900-1904*.

Conforme visto no detalhe, a base da peça apresenta duas marcas de fabricação, um selo impresso em marrom, similar ao visto no bule pintado por Germano Felsner, porém com o Z maiúsculo circundado por *Fabrica de Louça Colombo Zacarias & C.º*, além de *Curityba Paraná Brazil*, e um selo em baixo relevo com apenas um Z, sem pintura. Contém, ainda, na circunferência da base, um gancho metálico para sustentação.



**Peça 11 - travessa com aplicação de *transfer* (1903)
Reprodução fotográfica de Newton Carneiro, 1979**

Mais uma das peças selecionadas por Newton Carneiro em seu catálogo, o autor a identifica como parte do serviço comemorativo da inauguração, sem fornecer dimensões, apenas indicando ser uma travessa pequena com frisos de cor sépia²⁰⁸. Além do relevo moldado que acompanha a borda, o centro mostra uma vista da fábrica aplicada por *transfer*, com os dizeres *Fabrica de Louça Colombo Fundada em 1902 (Vista Original)*, no alto, e *Zacarias & C.º Villa Colombo Curityba - Paraná Brazil*, abaixo. Se há selo de fabricante no verso, não é possível determinar.

O processo de impressão por transferência (*transfer printing*) em objetos de louça, desenvolvido por ingleses, foi sendo aprimorado e simplificado com o passar do tempo²⁰⁹, variando de um estabelecimento para o outro. A criação deste método possibilitou a diminuição dos custos de produção, além da decoração de grande número de peças, com desenhos complexos, em tempo drasticamente reduzido²¹⁰. Outra vantagem era a reprodutibilidade quase infinita do mesmo desenho, tornando viável um alto grau de padronização, algo muito característico da produção industrial em série²¹¹. A peça 10, com a efígie do governador, demonstra, todavia, um acontecimento bastante comum dessa produção em série: a falha em sentido vertical no centro da figura.

²⁰⁸ CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 14

²⁰⁹ TOCCHETO, Fernanda Bordin; SYMANSKI, Luís Claudia Pereira; OLIVEIRA, Alberto Tavares; CAPPELLETTI, Ângela; OZÓRIO, Sérgio. **A faiança fina em Porto Alegre**. Vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2001. p. 29-30

²¹⁰ TOCCHETO, Fernanda Bordin *et al.* *Op. Cit.* p. 30

²¹¹ GARCÍA, Patricia Fournier. **Evidencias arqueológicas de la importación de cerámica en México, con base en los materiales del ex-convento de San Jerónimo**. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1990. Série Arqueología. p. 164



**Peça 12 - floreiro com aplicação de dourado e decoração floral (1922)
Reprodução fotográfica de Newton Carneiro, 1979**

A última peça do conjunto material das fontes sobre a Fábrica *Colombo* é a única produzida na década de 1920, momento em que a instituição encontrava-se arrendada para o genro de Xavier. Reproduzida por Carneiro em seu catálogo, o autor informa que foi este exemplar premiado com medalha de ouro na Exposição de 1922, tendo recebido decoração dourada nos detalhes da superfície modificada e pintura floral no centro, pelo pintor alemão Max Schlögel²¹².

²¹² CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 19

3.5. *Problematizações da cultura material*

Conforme exposto no primeiro capítulo, a seleção da cultura material para o estudo de caso se deu respeitando a disponibilidade de peças e a proposta de análise, culminando no conjunto acima descrito, formado por exemplares preservados em museus ou coleções particulares. Destaca-se, mais uma vez, que como não se pôde contar com amostras arqueológicas provenientes de intervenções no subsolo, o conjunto final resultou em peças de atribuição menos utilitária e mais decorativa, em geral conservados pelos indivíduos responsáveis por sua guarda como marcas de memória. Deve-se retornar ao tema da preservação da memória no quarto capítulo, em prosseguimento à análise que se inicia abaixo.

As peças 1 e 2 são artigos que chamam a atenção por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, por sua exclusiva atribuição decorativa, sem qualquer função utilitária. Em segundo lugar, ambas se apresentam ainda hoje intactas, de um ponto de vista qualitativo. Muito embora o leque tenha sofrido restauração no lado esquerdo e parte de sua extremidade superior direita tenha sido perdida, tanto este quanto o sapato apresentam uma cobertura lisa e uniforme de *glasura* que indica não só a boa qualidade da matéria-prima, mas o bem-sucedido processo de fabricação e aplicação do esmalte, que data de mais de cem anos.

Após essas considerações mais técnicas, algumas questões podem ser pensadas. São dois objetos decorativos produzidos em uma fábrica de imigrantes, por um homem, cuja simbologia poderia estar diretamente associada à indumentária feminina. Seria possível, talvez, inferir que se tratam de peças destinadas pelo artista ao adorno do interior da residência, como *bibelôs*, em um universo privado, logo, feminino. No entanto, possibilitam refletir sobre a ambivalência inerente aos papéis masculinos e femininos em um ambiente doméstico.

De acordo com Mary Whelan, o gênero tende a ser muito bem definido no registro material, uma vez que, para que suas categorias se estabeleçam e funcionem, devem ser marcadas não só no comportamento, mas também de forma material e espacial²¹³. Assim, a posse e o uso de determinados itens e a ocupação de certas instalações e espaços definem papéis de gênero, o que representa uma vantagem da Arqueologia Histórica, que pode dispor tanto da cultura material quando das descrições textuais dos proprietários.

O século XIX, com o desenvolvimento de um *ethos* burguês, teve na residência um importante campo de construção do gênero a partir do universo material. Segundo Vânia de Carvalho, a associação tradicional da mulher com o espaço doméstico e do homem com o

²¹³ WHELAN, Mary K. Gender and historical archaeology: eastern Dakota patterns in the 19th Century. In: SEIFERT, Donna J. (ed.) Gender and historical archaeology, **Historical Archaeology** (special issue), 1991, 25 (4). p. 25

público está parcialmente assentada em noções de *espaço perigoso* e *espaço de segurança*, embora essa atribuição varie de uma cultura para a outra²¹⁴. Entretanto, a autora alerta que esses pares dicotômicos, mulher/privado e homem/público,

[...] ocultam situações ambíguas ou complementares, como a atuação da mulher no cerimonial da sala de visitas, ou sua presença intersticial no ritual de alimentação comandado pelo homem na sala de jantar [...]²¹⁵

Portanto, o tratamento das ambiguidades entre os universos masculino e feminino, no que diz respeito à cultura material, deve cobrir muito mais do que a aparência. O leque e o sapato podem ter sido feitos sob encomenda ou presenteados pela instituição a algum personagem que requisitou determinadas características. Como fazem parte de um período em que a produção talvez ainda buscasse seu espaço no mercado, tentando ultrapassar qualquer resistência que o consumidor habituado à importação de louça poderia apresentar, estas peças podem ser exemplares cuja intenção era justamente encantar os olhos do espectador, homem ou mulher, tomando de empréstimo a beleza dos artigos luxuosos em demanda no mercado.

Entretanto, mais do que um julgamento da beleza estética dos artefatos ou uma consideração sobre o nível artístico empregado em sua elaboração técnica, estas são peças que comunicam a proposta produtiva em Colombo no final do século XIX. Ainda que possa ser argumentado que seu formato e sua feição decorativa atendam a um mercado específico formado naquilo que alguns autores convencionam chamar de *belle époque*, há de serem levadas em consideração todas as observações acima, acerca principalmente da complexidade nas relações domésticas. Talvez, com o passar dos anos e com a ressignificação a que foram submetidas nos diferentes contextos, as peças possam estar associadas a um universo estético que atribui valor a uma memória da “tradição imigrante”, expostas com considerável destaque em um interior residencial. Assim, qualifica-se a memória com base em uma série de pressupostos artísticos, no sentido de uma produção *superior* à atual, que caracteriza uma tradição perdida que deve ser preservada. No entanto, há de se pensar em seu contexto produtivo na virada do século, quando essa ressignificação ainda não tinha se operado. As formas que moldaram a argila, pelas mãos do artesão imigrante, estão associadas a uma cultura material elitista, em referência direta à indumentária do período. Um bibelô, como um pequeno objeto de adorno nem sempre de boa qualidade, poderia ser uma representação em miniatura de um artigo de luxo que o consumidor de condição econômica mais humilde não pudesse bancar em sua versão original. O sapato e o leque, com suas dimensões praticamente idênticas às dos produtos reais que representam, talvez estivessem apenas ao alcance do

²¹⁴ CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, v. 8/9, 2000/2001. p. 301

²¹⁵ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Op. Cit.* p. 314

consumidor de maiores posses, que os exporia em sua sala de visitas como um símbolo do seu poder de compra. Ou, no caso de se tratar de uma encomenda, as peças poderiam ser solicitações de um comprador interessado em imortalizar determinados objetos associados à realidade em que vivia, ou presentear alguém, numa relação afetiva perpassada pela atribuição de beleza estética aos artefatos.

A análise das peças a seguir poderia compartilhar de algumas considerações apresentadas acerca do leque e do sapato. No entanto, mesmo partilhando semelhanças com as anteriores, apresentam textos de homenagem a determinados personagens sociais, o que as torna uma seleção específica dentro do conjunto de cultura material do qual se dispõe: são peças que buscam com clareza firmar relações afetivas, de amizade ou profissionais em um momento de consolidação do estabelecimento fabril em Colombo.

As peças 3, 4, 5 e 6, portanto, tem em comum as suas dedicatórias, variadas entre si: homenageiam um político, amigos e parentes, um comerciante e um clérigo, em geral, homens com algum destaque social. Trazendo textos realçados pela decoração do entorno, códigos visuais são aliados a códigos verbais no corpo de cada uma das peças. Artigos como as placas entregues ao governador e seus secretários (peça 3), lembrando que, em 1897, Santos Andrade concedeu isenção de impostos às máquinas e materiais importados pela fábrica, assim como sobre os produtos confeccionados durante o prazo de quinze anos²¹⁶, forjam a identidade da instituição dentro do âmbito político daquilo que é *útil* ao estado do Paraná, numa perspectiva de crescimento econômico. Poderia ser um agradecimento, sim, mas é também uma demonstração da qualidade do trabalho que ali se desenvolve com mão de obra imigrante.

Da mesma forma, a homenagem ao representante da Igreja (peça 6), o primeiro Bispo de Curitiba e futuro Bispo de São Paulo, em sua segunda visita ao município de Colombo, associa a imagem da fábrica a outra importante esfera do poder. Manter boas relações com personagens como esses poderia fazer a diferença entre mais um empreendimento de pequeno porte levado a cabo por imigrantes que tentam vida nova em ambiente novo e uma iniciativa fabril que ultrapassa o nível local e concorre para o engrandecimento de um grupo de interesse maior. Além disso, conforme observa a historiadora Maria Regina Luz, as práticas de realização de visitas às fábricas no Paraná estão inseridas numa estratégia mais abrangente de formação de uma opinião pública favorável à industrialização e de obtenção de favores políticos²¹⁷.

²¹⁶ FERRARINI, Sebastião. **O município de Colombo**. Curitiba: Editora Champagnat, 1992. p. 432-433

²¹⁷ LUZ, Maria Regina. **A modernização da sociedade no discurso do empresariado paranaense**. Curitiba, 1890-1925. Dissertação (Mestrado em História) UFPR, 1992. p. 21

A visita do Bispo em outubro de 1900 pode ter envolvido um grupo de pessoas maior do que aparenta à primeira vista. Pelo menos em termos de cultura material, tem-se ainda o exemplar entregue a Trevisan (peça 5), comerciante local, imigrante italiano, talvez da mesma região que Busato e os demais, companheiro de labuta no Novo Mundo. O reconhecimento do comerciante pode parecer informação pouco significativa para alguns, como Carneiro, que optou por suprimi-lo de sua seleção (ou o autor não teria tido acesso à peça?), mas convém apontar que Venâncio Trevisan e seus familiares abririam sua própria fábrica de louças, em Curitiba, alguns anos mais tarde²¹⁸.

A homenagem aos amigos e parentes (peça 4) parece compreensível, uma vez que já se colocou em discussão o sentimento envolvido no ato da migração. Seja em busca de perspectivas melhores, seja por escolha pessoal ou profissional, como o caso dos que vieram exclusivamente para trabalhar na fábrica²¹⁹, o grupo chegou em uma terra nova e diferente, e deixou para trás toda uma vida. Quanto às diferenças formais que esta peça apresenta, também parecem claras as suas razões: se a intenção era enviar o floreiro a Vicenza, percorrendo um longo trajeto de navio através do Atlântico, não só a produção do relevo moldado mas a aplicação de uma placa de fina espessura contendo a dedicatória, como nas outras, poderia resultar em quebra no transporte. A pequena alteração no selo, assim como a escolha da redação em língua italiana denotam o receptor pretendido da mensagem, bastante distinto das demais.

Mais um aspecto a ser pensado é a opção pela produção de vasos floreiros. Muitos autores, historiadores e arqueólogos, tomam como fonte inventários do século XIX e início do XX para compreender determinados aspectos da vida material e econômica das sociedades do período. A já citada Maria Lucília Araújo observa que somente a louça de melhor qualidade figura com descrições mais detalhadas nesse tipo de documento²²⁰. A autora afirma também que, em meados do século XIX, os vasos floreiros cresceram em referência, tornando-se importantes elementos decorativos das salas.

Os floreiros de Colombo, oferecidos a personagens importantes, não estavam a venda. No entanto, não se pode afirmar que este tipo de artigo não estivesse disponível para consumidores interessados. Carneiro, baseado em um “caderno de apontamentos” de José Busato, filho do proprietário, cita copos grandes para cerveja, canecões com as efígies de Floriano ou de Deodoro com aplicações douradas, pratos com pinturas florais, pratos brancos

²¹⁸ **O Estado do Paraná na Exposição do Centenário (1822-1922)**. Rio de Janeiro, mandado imprimir por diversos expositores. 1923. p. 33

²¹⁹ O jornalista Vitaliano Rotellini afirmou que, em 1880, alguns especialistas foram feitos “vir da Itália” por Busato, para dar início às atividades de produção cerâmica.

²²⁰ ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. *Op. Cit.* p. 142-143

e serviços de toailete, com jarra, bacia, saboneteira, porta-pentes e caixa para pó de arroz²²¹. Além deste autor, há uma referência em almanaque de 1924 de que a fábrica produzia “pratos, chicharas, canecas, tijellas, etc., em todos os tamanhos, decorações e côres, e qualquer artigo de ceramica em geral”²²². Enfim, deve-se ter em mente que a fábrica devia manter-se no mercado para não fechar as portas, além de estabelecer relações e alianças como as que as dedicatórias indicam.

Entre as peças até o momento analisadas, tem-se em comum, além de sua função decorativa presumida, a técnica escolhida, com uma predileção não só pelos motivos florais, mas também pela modificação de superfície que produz relevos e elementos de destaque. Mas ainda que tenham sido elaboradas com um mesmo intuito funcional ou em um mesmo intervalo temporal, são as homenagens destacadas pela opção decorativa que fazem diferença em algumas delas. Nestes exemplares, é possível estabelecer com considerável clareza a proposta de inserção do grupo, buscando associar-se a determinados nomes, dando forma ao seu próprio. É aí que se percebe o que os teóricos da etnicidade discutem sobre as relações interétnicas que, longe de provocarem *aculturação* conforme se modela uma identidade, estabelecem elos e fronteiras de diferenciação.

Tratando-se de uma cultura material de produção imigrante, a diversidade encontrada nos destinatários das mensagens demonstra o quanto o processo constitutivo da identidade pode ser dinâmico. Houve a intenção de homenagear parentes e amigos, definindo um laço afetivo de ancestralidade partilhada com aqueles que não vieram para a América, assim como a cortesia é estendida ao conterrâneo que busca sucesso no ramo do comércio. Ao mesmo tempo, existe uma preocupação em se inserir no contexto político do período, marcado pela tendência em promover a fábrica nascente como parte de um projeto formativo da nacionalidade. Assim, além de marcar sua origem europeia, a cultura material de Colombo permite conhecer a forma como relações se estabeleciam entre as pessoas ali presentes, buscando a inclusão, ou minimamente uma associação, em um campo discursivo hegemônico. A partir das homenagens, também é possível perceber a ideia do meio político como um domínio masculino, seja pelos homenageados, seja pelo artesão que assina a criação, embora esse silenciamento do lugar e dos papéis femininos não seja suficiente e não deva resultar na inferência da sua completa ausência no cenário da produção cerâmica. Da mesma forma, os artigos decorativos não denotam um único tipo de consumidor pretendido ou uma ligação direta a um âmbito privado em oposição ao público, devendo ser considerados os diferentes valores que o contexto poderia atribuir a tais objetos, conforme argumentado. Nas peças

²²¹ CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 14

²²² CAPRI & OLIVERO. **A vida fecunda dos municípios do Paraná**. São Paulo: Empreza Editora Brasil, 1924. s/p

analisadas há um clima de constante negociação simbólica e afirmação identitária, de maneira a tornar maleáveis as interpretações acerca das mesmas.

Relacionadas estas peças a um período produtivo de equipe italiana majoritária, no entanto, com a entrada do século XX, o elemento alemão cresceu significativamente no corpo de funcionários e a mudança esteve refletida também no resultado material. Em texto de 1905, Rotellini afirmou que a Fábrica *Colombo* empregava um diretor técnico (Paulo Kanold), um artesão (João Ortolani), um mestre de seção e fabricação (Max Petzold), quatro pintores (Ernesto Engelhardt, Arrigo Righetto, Ugo Witich e Germano Felsner), um maquinista, trinta e seis operários e carregadores, seis aprendizes e quatro carroceiros, além do gerente contábil Carlos Roberto Moritz²²³. Isso demonstra uma diversidade étnica muito maior do que o primeiro momento, encabeçado por Ortolani, Righetto e Arcangelo Simonetto, conforme o próprio Rotellini menciona em outro trecho, além daqueles que figuram na dedicatória da quarta peça analisada e do próprio Busato.

As peças 7, 8 e 9 tem sua fabricação localizada neste período de composição mais mista, associadas aos nomes de Felsner e Engelhardt. Ao contrário das anteriores, possuem características mais utilitárias do que decorativas, sendo que apenas uma delas pôde ser recuperada para análise mais aprofundada. Isso se deve, entre outras possibilidades, a um aspecto de influência direta na preservação do registro material para a posteridade: o uso cotidiano. Louças são bens de duração relativa, pois os constantes manuseio e deslocamento podem resultar em fragmentação, bastando observar que muitas das peças analisadas apresentavam algum tipo de fratura. Na maioria das vezes, quando não há conserto, ocorre o descarte. Há também de se apontar que as peças preservadas em coleções particulares ou acervos institucionais correspondem àquilo que se optou por considerar mais representativo da fábrica, mais “significativo” a partir de uma construção discursiva em torno desta produção material. Dessa forma, infere-se que o bule se apresenta como um registro quase solitário devido a uma supressão da memória “alemã” em favor do que seria “mais italiano”, uma vez que a construção histórica da fábrica esteve com frequência associada à colonização italiana do município de Colombo²²⁴.

Entretanto, foram descritas ainda duas peças que pertencem ao mesmo intervalo produtivo, sem a indicação nominal de autoria, que estão ligadas a um evento comemorativo que certamente advogou em favor de sua preservação mais do que a responsabilidade de sua criação artística. Reinaugurada a fábrica em maio de 1903, conforme discutido no capítulo

²²³ ROTELLINI, Vitaliano. **Almanaco del Fanfulla**. San Paolo, Brasile: s/e, 1905. Documento reproduzido em FERRARINI, Sebastião. **A imigração italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1974. s/p

²²⁴ A inferência está baseada nos autores apresentados no levantamento bibliográfico apresentado na Introdução.

anterior, sob a propriedade do Cel. Zacarias de Paula Xavier, a notícia publicada pelo jornal *A República* trouxe minúcias sobre a cultura material gerada para marcar o evento na história:

[...] pelo digno proprietario da fabrica, foram os convidados presenteados com bellos exemplares de porta-cinzas, chicaras minusculas, objectos de louça de phantasia, uns com o retrato do sr. dr. governador do Estado, outros com os dois marechaes Floriano e Deodoro, tudo producto do estabelecimento que se inaugurava, e que eram como que uma recordação dessa bella festa [...] ²²⁵

As opções pelas cenas centrais das peças 10 e 11 podem ser interpretadas como parte de um processo de formatação iconográfica em relação ao futuro. Somadas, em especial, aos objetos com as efígies dos dois marechais que governaram o país em seus primeiros anos republicanos, estes são artefatos que, como as homenagens da placa e dos floreiros, buscam uma inserção em um meio social, político e econômico através de jogos de poder e relações estabelecidas entre os fabricantes e os homenageados.

A opção da vista da fábrica (peça 11) é tão significativa quanto a efígie do governador (peça 10). O estabelecimento é representado em pleno funcionamento, dadas as colunas de fumaça expelidas por suas chaminés, marcando na memória daqueles presenteados com a peça uma lembrança clara, apoiada na localização espacial e temporal escrita ao redor da cena, do empreendimento que concorria para o progresso coletivo. Nem um artefato nem o outro parece ter sido concebido como objeto de uso cotidiano, mas como souvenir de um momento histórico, como uma cultura material que visa informar ao futuro, a partir de determinada perspectiva, o que ali aconteceu. Ao menos no caso do prato, uma vez que não se tem a travessa em mãos, o verso da peça apresenta um gancho metálico que pode ser associado a sua função decorativa, apesar de suas dimensões reduzidas lembrarem as de um prato de sobremesa.

O evento de reinauguração reuniu um grande grupo de personalidades políticas, eclesiásticas e militares, além da imprensa convidada a relatar a festa para o grande público. Como os floreiros e a placa, a cultura material que daí derivou tem um cunho político e tem por objetivo a mesma aceitação neste domínio reservado para poucos. No entanto, enquanto as peças com dedicatórias são sustentadas pela técnica dos artesãos, os exemplares de 1903 marcam a entrada da Fábrica *Colombo* numa das mais avançadas tecnologias associadas à produção de louça na época, o uso do *transfer*, uma demonstração também da sintonia do estabelecimento com os grandes centros ceramistas estrangeiros onde tal tecnologia era desenvolvida. Dessa forma, a fábrica inclui-se no discurso de “modernidade” proferido por

²²⁵ **A República.** Órgão do Partido Republicano Federal. Propriedade de Augusto Silveira. Curitiba. Segunda-feira, 4 de maio de 1903. p. 2

aqueles a quem dirige suas homenagens, o que retoma a questão da negociação de uma identidade maleável aos campos discursivos dominantes na época.

Também ligado a um evento festivo do qual a fábrica tomou parte é o último exemplar catalogado (peça 12). Embora a questão das exposições seja retomada mais a frente, este é um importante aspecto na análise deste artefato. Trata-se de um floreiro, como outros antes analisados, que difere na forma assim como no objetivo. Enquanto os demais possuíam dedicatórias que os remetiam à posse de um indivíduo específico, conforme sua importância no contexto, esta é uma peça desprovida de homenagem textual, mas concebida para ser contemplada por uma coletividade que circulava em uma montagem comemorativa do centenário da independência do país. O conjunto expositivo do qual fez parte era, em si, uma grande homenagem e, se o floreiro entregue ao Bispo seria exibido com destaque às visitas na residência do clérigo, a visibilidade que o floreiro criado por Schlögel alcançaria em um evento nacional, de celebração *do* nacional, ganha proporções ainda mais fantásticas em termos de público e de reconhecimento popular. A participação em um evento dessa magnitude demonstra que a produção cerâmica de Colombo não estava limitada ao contexto da capital paranaense e de sua região metropolitana, inserindo-se na proposta de comemorações nacionais com sua cultura material de influência estrangeira.

Exibido (e premiado) o floreiro em tal evento, expunham-se também os idealizadores do produto. As peças 10, 11 e 12, entretanto, são fruto de contextos festivos que contrastam quanto à autoria pretendida. O uso do *transfer*, grande avanço tecnológico da indústria cerâmica, acaba por desvalorizar a figura do artesão, do artista que idealiza determinada decoração. Se na maioria das peças analisadas há uma indicação, pelo menos, de quem foi seu artesão, nas peças com impressão por transferência e com decalque, uma técnica similar ao *transfer*, tal informação não existe, talvez principalmente devido ao seu caráter de produção industrial em série. Já no caso do floreiro de 1922, a pintura à mão volta a ser a técnica decorativa do motivo central e o pesquisador que a buscou para formar um catálogo foi capaz de atribuir nominalmente sua autoria a um pintor de origem alemã. Carneiro, inclusive, chega a afirmar que nesta década há um esforço da direção da fábrica em “recuperar o prestígio dos produtos”²²⁶, ainda que 1926 marque o final abrupto das atividades por um incêndio. Talvez, a ideia de *prestígio* estivesse aí vinculada ao trabalho personalizado, e mesmo personalista, inerente às primeiras peças ou, numa outra hipótese, trata-se de um comentário nostálgico de um autor que busca relembrar a glória passada do seu objeto de estudo.

A nostalgia, aliás, é uma característica bastante forte no texto de Carneiro e um dado interessante na análise das peças encontradas nos acervos museais e particulares. O autor

²²⁶ CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 17

propôs uma série de periodizações para a instituição que, revisitadas, elucidam a construção de um determinado saber acerca da Fábrica *Colombo*. O catálogo por ele desenvolvido é fruto da exposição intitulada *Os Italianos no Paraná*, que celebrou o centenário da imigração italiana no estado, na década de 1970. Com tal proposta, convencionou dar ênfase ao *período do apogeu* (1897-1901), apontado como italiano, em oposição ao *período dinâmico* (1902-1909), de predominância alemã, com grande incremento no maquinário possibilitando avanço em termos tecnológicos, mas não mais o auge artístico vivenciado em outros tempos, identificando ainda uma busca por retomá-lo nos anos derradeiros.

Relativizando a produção historiográfica e considerando os processos de construção da memória, tem-se uma ideia do provável motivo deste estudo de caso contar com amostras tão específicas da cultura material. Os artefatos são uma parte visível da cultura que servem como lembretes contínuos das relações sociais, no entanto, quase sempre sobrevivendo aos seus idealizadores, jamais possuem “tradução literal”, apenas transitam por discursos e contextos que os ressignificam vez após vez.

A análise da cultura material, em sintonia com as discussões que abordam as manifestações de etnicidade no cotidiano dos indivíduos, traz destaque a aspectos importantes e pouco explorados nos estudos sobre a fábrica. Assim, pode-se tocar em assuntos como os papéis masculinos e femininos, os sentimentos envolvidos na elaboração de determinados artefatos, as relações interpessoais estabelecidas em um momento de consolidação da produção e, principalmente, a contribuição dos elementos étnicos imigrantes, na compreensão deste passado. A própria percepção destes elementos étnicos que contribuem com a produção torna-se menos restritiva quando se percebe a constituição mista e maleável da equipe responsável pelas diferentes etapas da fabricação cerâmica e a diversidade de situações não abarcadas pelos registros textuais.

Estas são todas observações que foram possibilitadas pela análise da manifestação material de uma determinada comunidade, em um contexto bastante específico. Cotidiana ou decorativa, sua produção implica em escolhas e revela intencionalidades diversas, adequadas a momentos bem definidos. A fábrica da qual os textos apresentados no segundo capítulo tratam parece tornar-se menos “nacional” conforme as peças são inseridas na discussão. Essa é uma observação assentada tanto no maquinário, quanto no operariado e nas opções decorativas, podendo-se vislumbrar que a tensão étnica presente no cotidiano da fábrica era muito maior que a homogeneização promovida pelos jornais e almanaques permitiria pensar.

A revisão historiográfica que abriu este capítulo propiciou o entendimento de que as colônias imigrantes nem sempre condiziam com as intenções da política imigratória que as estabeleciam, sendo possível notar uma série de continuidades próprias dos países de origem

dos habitantes, expressas na arquitetura, na educação, na religião, na língua do dia a dia, nas atividades profissionais e nas manifestações culturais. O investimento de Busato em uma atividade própria de sua região natal, produção excepcional no local onde estava estabelecido, implica em uma continuidade de ordem fundamentalmente cultural aliada à constatação da disponibilidade de matérias-primas essenciais a sua concretização. Por outro lado, não se trata de uma resistência à inclusão no novo ambiente, mas uma resposta às circunstâncias que provém de referenciais pré-estabelecidos. Mesmo associada à outra pátria, esta era uma atividade que concorria para o desenvolvimento econômico não só da municipalidade onde se encontrava, mas também da região na qual estava localizada. Sendo assim, tal iniciativa de maneira nenhuma seria algo a que as autoridades provinciais se mostrariam avessas, em especial num período histórico no qual a recém criada República buscava destacar-se do Império, tido como tradicional e atrasado.

Dessa forma, compreende-se o descompasso entre as análises dos diferentes registros, pois, se os textos demonstram uma necessidade quase imperativa de traduzir esta produção cerâmica de características estrangeiras em algo próprio da nação brasileira, inclusive surgindo da iniciativa e esforço de personagens laboriosos e progressistas do meio nacional, a heterogeneidade das peças se mantém nítida. A diversidade vem das técnicas decorativas aplicadas, dos seus artesãos de origens diferentes, vivenciando experiências novas longe da terra natal, buscando a inserção e o reconhecimento, firmando uma auto-identificação com peças que definem não só como veem o mundo, mas como querem ser vistos pelo mundo.

Contudo, como as peças foram repetidamente preteridas pelos autores que se dedicaram ao estudo da fábrica ao longo do século XX, esta é uma dimensão que deixou de ser observada. Mesmo nos estudos que associam a fábrica ao processo imigratório, valendo-se da História Oral para ir além dos não ditos da documentação oficial, a interpretação acabou se restringido a uma visão homogênea dos componentes étnicos envolvidos na produção, pois esteve associada à construção da 'origem italiana' do município de Colombo. A contribuição da Arqueologia Histórica com seu estudo da cultura material se encontra, portanto, na possibilidade de conhecer o universo complexo e plural que cercou a Fábrica de Louças *Colombo* na virada do século.

Considerando que neste estudo de caso se está trabalhando com uma percepção da disciplina arqueológica irrestrita à concepção técnica que a tornaria uma mera ciência auxiliar, valer-se da contribuição teórica e metodológica da Arqueologia Histórica para produzir a análise das peças marca a contribuição que diferencia esta das abordagens anteriores, pois, segundo Garraffoni, é uma ciência que, quando tratada de forma autônoma e desvinculada da tarefa de comprovar textos, pode propiciar um estudo amplo de múltiplos aspectos da

sociedade²²⁷. Uma vez que se entenda a relação entre artefato e etnicidade como ambígua e evanescente, alguns aspectos da cultura material podem ser relacionados à expressão de identidade étnica, mas não se pode perder de vista que muitos outros na maioria das vezes são compartilhados por mais de um grupo. Neste sentido, o cuidado está em refletir sobre os elementos à luz do contexto, dos processos pelos quais os grupos étnicos passaram tendo que se adequar e se adaptar a novas situações. A conexão do sinal material com a identidade é, afinal, menos direta do que uma observação superficial pode concluir, mas fornece elementos para traçar panoramas contundentes acerca da multiplicidade de leituras possíveis sobre um mesmo objeto, desde que sejam respeitados os potenciais de cada fonte.

²²⁷ GARRAFFONI, Renata Senna. Arqueologia e história: a busca por um diálogo. In: OLIVEIRA, Terezinha (org.) **Antiguidade e medievo: olhares histórico-filosóficos da educação**. Maringá: Editora da UEM, 2008. p. 57

4. A FÁBRICA *COLOMBO* NO CONTEXTO DAS EXPOSIÇÕES

O trabalho até aqui se estruturou de maneira a introduzir os procedimentos teórico-metodológicos adotados, realizar a análise da documentação escrita que se produziu acerca da Fábrica *Colombo* e refletir sobre a contribuição da cultura material no estudo do cotidiano do estabelecimento, com suas nuances e particularidades. O presente capítulo visa equilibrar os temas discutidos, como as identidades nacional e étnica, em contextos de exposições que ultrapassam o recorte temporal definido na introdução deste estudo de caso.

Novamente, as diferentes categorias documentais apontam para direções distintas na análise: enquanto os almanaques possibilitam construir uma discussão acerca da participação da fábrica, como instituição produtiva, em eventos comemorativos nacionais e regionais, a trajetória percorrida pelas peças ao longo do século XX permite inferir sobre questões como preservação e formação da memória do grupo que identifica a fábrica como um empreendimento imigrante. Portanto, o capítulo final se organiza sobre esses dois grandes eixos, para que se percebam as múltiplas experiências vividas a partir de uma mesma instituição e a diversidade implícita na leitura das fontes.

4.1. O contexto das exposições: progresso, técnica, indústria

Paul Ricoeur distingue as noções de *rememoração* e de *comemoração* afirmando que, enquanto a primeira remete a uma recordação individual do passado, a última exige um trabalho de construção coletiva²²⁸. Dessa forma, o ato de comemorar implica em uma extensa produção discursiva que abrange desde a preparação para o evento que se aproxima até as atividades comemorativas em si e a documentação probatória do que se passou na data planejada. Com isso, obtém-se um universo documental de amplo potencial, passando por relatórios oficiais, fotografias de divulgação e particulares, discursos transcritos das autoridades ou preservados em gravações de áudio, filmagens, suvenires, ou mesmo estruturas de grandes dimensões a serem reutilizadas para outros fins. A comemoração é, enfim, uma planejada ruptura no cotidiano que almeja continuar a existir na memória.

A virada do século XIX para o XX foi muito fecunda neste sentido. Grandes exposições internacionais, intituladas *universais*, foram realizadas pelo mundo, associadas à comemoração de datas-chave, referentes a acontecimentos do passado que se desejava manter vivos na lembrança do público. No Brasil deste período, exposições regionais e nacionais

²²⁸ RICOEUR, Paul *apud* BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. **A busca de valores identitários: a memória histórica paranaense**. Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2007. p. 13

marcavam a preparação do país para participar dos eventos europeus e norte-americanos, produzindo sua própria versão comemorativa das grandes datas da nação.

Conforme Bahls, a administração pública com frequência se apropriava da celebração de acontecimentos fundadores, adquirindo com isso poder sobre a seleção das lembranças e manipulando a memória coletiva²²⁹. De fato, a autora acredita que o voltar-se para os rituais comemorativos acontece na ocasião da ameaça de perda do laço unificador, resultando em um reviver coletivo que exalta os grandes valores e ideais comuns a um determinado grupo social²³⁰.

Não são poucos os pesquisadores que se dedicaram ao estudo deste tipo de evento na virada do século, podendo ser citados Pesavento, Hardman, Motta, Carneiro e Rankel como referências importantes para a reflexão que segue. Seus trabalhos partem de pressupostos diferenciados, mas trazem observações fundamentais sobre as mentalidades inerentes às comemorações no período.

Pesavento e Hardman direcionam seus textos para um entendimento aprofundado da ideologia capitalista por trás daquilo que identificam como os grandes espetáculos da industrialização, preocupando-se, em especial, com as exposições universais realizadas em países como França, Inglaterra e Estados Unidos na segunda metade do século XIX. De acordo com Pesavento, tais exposições eram

[...] produto de um mundo industrial já adulto e que se apoiava sobre o tripé do carvão, do vapor e das estradas de ferro. Nesse sentido, não há como negar sua dimensão propriamente econômica, de feira de mercadorias, mostruário de novos produtos, Meca de lucrativos negócios [...]²³¹

Entretanto, a própria autora observa que, para além de simples produtos a venda, as mercadorias expostas eram símbolos de progresso que corporificavam imagens, ideais e crenças pertinentes ao *ethos* burguês²³². Dessa forma, difundia-se a ideia de que empresários triunfavam por competência e perseverança e a fábrica figurava como *lugar de harmonia*, não de conflito. Pesavento conclui que, como festa efêmera, a exposição celebrava “com fausto e encantamento a sociedade industrial e a glória da ciência”²³³, da mesma forma que Hardman aponta para o fascinante mistério de territórios exóticos, a magia das artes mecânicas e o

²²⁹ BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. *Op. Cit.* p. 16

²³⁰ BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. *Op. Cit.* p. 13

²³¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais**. Espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997. p. 43

²³² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op. Cit.* p. 15

²³³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op. Cit.* p. 50

“transe lúdico do fetiche-mercadoria”²³⁴ experimentado pelo público ao frequentar tais eventos.

Motta, por sua vez, dedica-se apenas à análise das comemorações em torno do Centenário da Independência do Brasil, em 1922. Argumentando que a mobilização provocada por tal celebração pode ser atestada pela massa de relatórios, discursos, projetos e propostas à disposição do pesquisador, a autora percebeu que, ao contrário das exposições estudadas por Pesavento e Hardman, o evento brasileiro de pretensões universais se deu num momento em que a atividade se encontrava “fora de moda”, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Ainda assim, o país buscava com isso expor-se à comunidade internacional num momento-chave de rearticulação da economia e da política no pós-guerra²³⁵.

Todavia, não é apenas o público externo visado pelos organizadores que a autora pôde identificar em suas fontes, mas também “uma aula de civismo, preenchendo objetivos patrióticos, afastando o pessimismo mórbido dos maus brasileiros e promovendo a harmonia nos gestos e a paz no coração”²³⁶. Ainda que esta fosse uma exposição tardia no contexto da virada do século, Motta percebe a permanência do desejo de inserção na ordem moderna, urbana e industrial, prevalecendo ainda o culto à operosidade e ao progresso. Estas são características encontradas também por Rankel, que observa que as exposições congregavam ciência, técnica e indústria sob um projeto de estandartização e produção em massa²³⁷.

Tanto Rankel quanto Carneiro, embora também se dediquem ao contexto brasileiro, diferentemente de Motta procuram avaliar a participação de grupos paranaenses no *boom* de exposições da virada do século, momento em que as mostras universais inspiraram eventos similares de nível local que reunia elevado número de exibidores e visitantes²³⁸. Carneiro, inclusive, limita sua reflexão ao envolvimento de algumas autoridades paranaenses na promoção e organização de tais eventos. Como forma dos governos provinciais demonstrarem seus produtos e particularidades, sua relevância econômica, as exposições regionais e nacionais também se inseriam no projeto de aceleração e desenvolvimento da industrialização, embora a autora indique que ali também estavam expostas as riquezas naturais de cada região²³⁹.

²³⁴ HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 50

²³⁵ MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC, 1992. p. 69

²³⁶ MOTTA, Marly Silva da. *Op. Cit.* p. 71

²³⁷ RANKEL, Luiz Fernando. **A construção de uma memória para a nação: a participação do Museu Paranaense na Exposição Antropológica Brasileira de 1882**. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2007. p. 45

²³⁸ CARNEIRO, Cintia Maria Sant’ana Braga. **O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná (1902-1928)**. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2001. p. 103

²³⁹ CARNEIRO, Cintia Maria Sant’ana Braga. *Op. Cit.* p. 102

Em comum, os autores ressaltam o clima eufórico construído em torno da ideia de progresso e a participação incipiente do Estado nas diversas etapas que a comemoração envolvia. Dentro da documentação levantada para este estudo de caso encontra-se atestado o envolvimento da Fábrica *Colombo* neste clima expositivo do avanço da produção fabril, análise que merece maior discussão.

4.2. A Fábrica Colombo nas exposições: discursos do nacional

Quando se deu a seleção do *corpus* documental, explicitada no capítulo inicial, logo se detectou um desentendimento entre os autores quanto à data inicial da fabricação de louça branca em Colombo, questão já explorada. Mas, independentemente do ano em que as atividades começaram, o registro escrito mais antigo recuperado foi o diploma que conferia medalha de ouro a Francisco Busato, como prêmio “pela magnífica louça de sua fabrica da Villa Colombo”²⁴⁰. Concedido pela Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná, refere-se à Exposição Agrícola e Industrial realizada em 1900, em comemoração ao quarto centenário de descobrimento do Brasil. Sobre a participação da fábrica neste evento, nada mais foi encontrado, mas é com este diploma que se inicia uma série de documentos que associam a fábrica a exposições locais e nacionais, inserindo-a no clima comemorativo que contagia o país no início do século XX.

A reinauguração de 1903, em si, é também parte de um contexto similar às exposições, pois se tratou de um evento planejado e de ampla divulgação que expôs maquinaria e produção cerâmica aos seus convidados, para que estes pudessem atestar com seus próprios olhos a inscrição de um empreendimento local nos trilhos do progresso e da modernidade. No entanto, para os propósitos da reflexão, é um outro evento do mesmo ano que se destaca: a Exposição do Cinquentenário da Emancipação Política do Paraná.

Segundo Carneiro, esta exposição, inaugurada em 19 de dezembro de 1903, começou a ser gestada no mês de junho com a nomeação de quatro comissões, para organização do regulamento, classificação, agenciamento dos produtos e, a última, uma comissão técnica²⁴¹. É possível que tamanho zelo preparatório se devesse ao desejo de participar na Exposição Universal de Saint-Louis, a ser realizada no ano seguinte, pois, no Brasil, as comissões provinciais eram

²⁴⁰ Documento reproduzido em FERRARINI, Sebastião. **A imigração italiana na Província do Paraná e o município de Colombo**. Curitiba: Editora Lítero-técnica, 1974. p. 275

²⁴¹ CARNEIRO, Cintia Maria Sant'ana Braga. *Op. Cit.* p. 109

[...] encarregadas de coletar produtos de seus territórios e preparar todos os materiais para estes eventos que, depois de selecionados, iriam para as exposições em outros países [...]²⁴²

Dessa forma, o regulamento da exposição, que tinha por justificativa a comemoração dos cinquenta anos de instalação da Província do Paraná, emancipada do território paulista, previa a mostra de “productos naturaes, artisticos, industriaes, pastoris e agricolas ou de utilização agricola”²⁴³. Organizada a mostra de maneira metódica, a Fábrica *Colombo* pôde inscrever sua produção no Grupo VII (*Ceramica – louça em geral e artefactos de olaria*), da Seção I (*Productos naturaes*). É interessante notar que havia uma seção reservada para produtos industriais, mas a louça não figurava dentro desta. É possível constatar, ao ver os grupos listados no regulamento como “industriais”, um destaque destinado a grandes peças de maquinário, como aparelhos de uso agrícola, veículos e “machinismos de qualquer serventia”.

O almanaque publicado por Francisco Folch, dois anos após a exposição, traz uma minuciosa relação dos acontecimentos ligados ao evento, além da apresentação completa dos premiados, separados entre medalhas de ouro, prata e bronze, menção honrosa, animação e valores em dinheiro entregues aos produtos da lavoura colonial²⁴⁴. A separação em diferentes níveis da premiação acentua o tom hierárquico pretendido pelos organizadores, tendo em vista que estava em andamento um processo de seleção daquilo que melhor representaria o Paraná progressista aos olhos de um público fascinado pelas “maravilhas modernas”.

A louça de Colombo, aqui identificada única e exclusivamente com o nome de Xavier, foi disposta no pavilhão central, prendendo a atenção do correspondente do jornal de Ponta Grossa, conforme citado por Folch, devido a “um conjunto de cousas, productos de industria e de arte bem trabalhados e bem dispostos por toda a grande sala do edificio”²⁴⁵. Ali estavam duas coleções de louça da fábrica, em vitrines e prateleiras de forma piramidal.

Este pavilhão central fora construído em estuque de baixo relevo, no estilo rococó, tendo sido hasteada a bandeira do estado no topo de sua escadaria monumental²⁴⁶. A partir da descrição do autor, percebe-se uma série de apropriações no evento, a começar pela própria estrutura construída para abrigar e expor os produtos da região. A inspiração francesa, por exemplo, vai além da arquitetura, uma vez que naquele espaço eram também difundidas as características pedagógicas das crenças e virtudes do progresso, mas mantém-se a todo o tempo a relação com o local onde a propagação de tais ideias se dá – não só pela bandeira

²⁴² CARNEIRO, Cintia Maria Sant’ana Braga. *Op. Cit.* p. 30-31

²⁴³ **Regulamento da Exposição do Cincoentenário** *apud* CARNEIRO, Cintia Maria Sant’ana Braga. *Op. Cit.* Anexo 5

²⁴⁴ FOLCH, Francisco. **A exposição do cincoentenário (1853-1953)**: promovida pela Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná sob os auspícios do Governo do Estado. Curitiba: Impressora Paranaense, 1905. p. 13

²⁴⁵ FOLCH, Francisco. *Op. Cit.* p. 55

²⁴⁶ FOLCH, Francisco. *Op. Cit.* p. 63

hasteada, mas pela própria proposta comemorativa do referido cinquentenário e pelo artigo segundo do regulamento, o qual definia a possibilidade de participação dos produtos estrangeiros apenas a caráter expositivo, impedidos de receber premiação.

Dentro desse contexto, a Fábrica *Colombo* recebeu posição de destaque. Folch atribui à seleção de peças do pavilhão central a qualidade de “mais finos artefactos produzidos nas oficinas e ateliers da capital do Paraná”²⁴⁷. O autor lembra que, provenientes da “importante fabrica de Zacharias de Paula Xavier, situada na Villa Colombo”²⁴⁸, aparelhos de mesa e de toalete magníficos foram dispostos em majestosa vitrine. Tal reconhecimento seria, então, confirmado pelo recebimento do Grande Prêmio, dentro de sua categoria, em nome de Xavier. Abaixo, na relação dos demais agraciados, a “Cooperativa de Colombo, louça”²⁴⁹ recebeu a medalha de prata. A menção rápida de Folch leva esta análise para Saint-Louis, em 1904, quando esta mesma Cooperativa adquire um papel maior no estudo de caso da Fábrica *Colombo*.

Ainda na fase do levantamento bibliográfico, foi encontrado no catálogo de Newton Carneiro um trecho no qual o autor afirmava que, no ano seguinte à Exposição da Emancipação, Zacarias “comparece à Exposição de S. Luís, onde sua cerâmica é premiada com destaque”²⁵⁰. A *Louisiana Purchase Exposition of St. Louis*, de caráter universal, realizada em 1904, celebrava o centenário da compra pelos Estados Unidos do território francês da Louisiana, tendo o Brasil participado não só com a exposição de produtos, mas com a construção de um pavilhão próprio com armação em aço, o Palácio Monroe.

A informação secundária fornecida pela bibliografia, todavia, não foi encontrada nas fontes consultadas. Foi identificado, entretanto, um dado curioso que, de certa forma, reflete a importância alcançada pela Fábrica *Colombo*. Na publicação *Brazil at the Louisiana Purchase Exposition*, organizada por autoridades do governo brasileiro, mas totalmente redigida em língua inglesa, encontra-se uma colagem de reproduções fotográficas na qual a imagem central apresenta uma estrutura piramidal circular, expondo uma variedade de artigos de louça, dos mais diferentes feitios²⁵¹. Na listagem das premiações recebidas pelos produtos nacionais, o Grupo 45 (*Ceramics*) atribui medalha de prata a uma série de exibidores, entre eles, a “Sociedade Cooperativa V. Colombo”²⁵². Segundo a descrição, trata-se da mais

²⁴⁷ FOLCH, Francisco. *Op. Cit.* p. 64

²⁴⁸ FOLCH, Francisco. *Op. Cit.* p. 64

²⁴⁹ FOLCH, Francisco. *Op. Cit.* p. 98

²⁵⁰ CARNEIRO, Newton. **A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil**. Curitiba: BADEP, 1979. p. 14

²⁵¹ **Brazil at the Louisiana Purchase Exposition**, St. Louis: S. F. Myerson Printing Co., 1904. p. 103

²⁵² **Brazil at the Louisiana Purchase Exposition**, St. Louis: S. F. Myerson Printing Co., 1904. p. 169

importante fábrica do seu tipo no estado do Paraná, tendo remetido à exposição flores, artigos de toalete, prato e xícaras, filtros, fotografias e amostras de material bruto²⁵³.

A partir disso, algumas considerações podem ser feitas. Dada a projeção alcançada pela Fábrica *Colombo*, já premiada pelo menos em duas ocasiões até 1904, é possível imaginar que sua trajetória servisse como incentivo a produções concorrentes, visto que a matéria-prima da região se revelara de boa qualidade. Também não seria incomum que um funcionário, tendo adquirido o saber-fazer da cerâmica branca, procurasse estabelecer uma produção própria em local próximo. Além disso, o segundo capítulo deste trabalho destacou que ceramistas de Colombo reuniram-se no início do século XX em cooperativa, culminando na disputa que fez com que a Fábrica *Colombo* se tornasse a Fábrica *São Zacarias*. Dessa forma, poder-se-ia inferir que Carneiro teria se equivocado, consciente ou inconscientemente, ao atribuir a premiação recebida em Saint Louis à mesma fábrica da qual construía o histórico.

Contudo, deve-se ressaltar que tal dado permite imaginar que o empreendimento de Busato e Xavier ganhou tamanho destaque em seu meio que teria sido capaz de impulsionar estabelecimentos similares a produzirem louça digna da participação (e premiação) em uma importante exposição internacional. Carregando o nome “Colombo”, a cooperativa se mostraria associada com a reputação de qualidade das peças do italiano e do ervateiro, inclusive ocasionando a hesitação em pesquisas posteriores. As várias fábricas “Colombo” acabam sendo homogeneizadas, como no caso apontado no primeiro capítulo das fotos catalogadas de maneira imprecisa, em um processo que unifica a memória. Mas, antes de passar a essa discussão, deve-se concluir a questão da participação da fábrica nas exposições.

Em 1908, uma mostra nacional foi organizada para comemorar o centenário da abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional, sob o pretexto de inventariar a situação econômica do país²⁵⁴. O Paraná, por sua vez, organizou uma exposição preparatória no ano anterior, na qual selecionou uma variedade tão grande de produtos para enviar ao evento de 1908 que a imprensa regional lamentou a falta de espaço para a exposição da totalidade dos artigos.

Segundo João A. Sávio, em texto encontrado no *Almanach dos Municipios*, de 1922, “as louças de pó de pedra fabricadas no estabelecimento do sr. Coronel Zacharias de Paula Xavier foram premiadas (...) com Grande Prêmio na Exposição de 1908”²⁵⁵. Muito mais do que isso não se sabe sobre a participação da fábrica nesta exposição nacional, embora sua

²⁵³ No original, “the most important factory of its kind in the state” (p. 107).

²⁵⁴ Conforme discurso proferido pelo então presidente da República, Affonso Penna, citado em CARNEIRO, Cíntia Maria Sant’ana Braga. *Op. Cit.* p. 122-123

²⁵⁵ SÁVIO, João A. Fabrica de Louças "São Zacharias". In: FIGUEIRA, Alberico (dir.) **Almanach dos Municipios**: Edição Especial do Centenário da Independência do Brasil. Curitiba: s/e, 1922. p. 70

premiação seja mais um demonstrativo do considerável reconhecimento que recebeu em seus dias de funcionamento.

Do final da primeira década do século até os anos 1920, não se encontram referências à Fábrica *Colombo*, agora chamada *São Zacharias*. É possível, entretanto, verificar no *Almanack dos Municípios* de 1918 um anúncio no qual se lê

FABRICA DE LOUÇA
Villa Colombo
Filtros, talhas, moringas e grandes sortimentos de vasos para flores.
Especialidade em VASOS PINTADOS systema porcellana
Depositarios e representantes com officina de pintura um geral
V. Munari e J. Ortolani
Rua Barão d Serro Azul, 1 – Curitiba²⁵⁶

Poder-se-ia pensar que se trata de outro estabelecimento, talvez iniciativa de Ortolani após se retirar da fábrica, ou ainda um caso como o da cooperativa, que continua a se valer do nome associado pelos consumidores a peças de qualidade. Porém, no almanaque *A vida fecunda dos municípios do Paraná*, de 1924, o mesmo endereço na Rua Barão do Serro Azul é fornecido como o “escritorio em Curitiba”²⁵⁷ da Fábrica de Louças *São Zacharias*. É difícil precisar o que se passa com a fábrica nesse período, mas o anúncio poderia ser um vestígio da continuidade de suas atividades, ainda que não se encontrem textos neste intervalo²⁵⁸. Não obstante, seria na Exposição do Centenário, aquela temporalmente afastada do auge das exposições universais, que a fábrica ressurgiria nos almanaques.

Apesar de “fora de moda”, Motta acredita que esta exposição seria vista como responsável por caracterizar a inequívoca disposição da nação em tomar seu lugar na modernidade do século XX²⁵⁹. Entretanto, o sete de setembro, o mais importante *lugar de memória* da nação brasileira, segundo a autora, era visto com reservas pelas autoridades republicanas. A solução encontrada pela intelectualidade, de maneira a manter a comemoração do centenário da independência apropriando-a nos conformes do novo regime, foi carregá-la com uma ideia de conquista frente aos vícios de origem portuguesa, também responsabilizados pelo insucesso das promessas republicanas nos primeiros anos do século XX. Motta conclui que a comemoração foi, assim, marcada pela proposta de “republicanizar a República”²⁶⁰.

²⁵⁶ FIGUEIRA, Alberico. *Almanack dos municípios*. Curitiba: 1918. s/p

²⁵⁷ CAPRI & OLIVERO. *A vida fecunda dos municípios do Paraná*. São Paulo: Empreza Editora Brasil, 1924. s/p

²⁵⁸ Há ainda uma fotografia, na Casa da Memória de Curitiba, com a imagem do prédio localizado neste endereço. No letreiro pintado em destaque na construção, lê-se “Deposito da premiada fabrica cerâmica artistica de Villa Colombo. Munari & Ortolani”. O registro data de 1912.

²⁵⁹ MOTTA, Marly Silva da. *Op. Cit.* p. 6

²⁶⁰ MOTTA, Marly Silva da. *Op. Cit.* p. 26

No ano seguinte ao evento, os expositores paranaenses se organizaram para mandar publicar *O Estado do Paraná na Exposição do Centenário*. É possível reconhecer no primeiro texto apresentado na publicação uma apologia à República, muito embora o autor, Romário Martins, lembre que nos primeiros anos do regime a política “inópia se contentava com os resultados do trabalho dos artifices estrangeiros trazidos pela colonização e do dispersivo labor agrícola e pastoril do caboclo”²⁶¹. Se em alguns dos textos que vem sendo referenciados desde o segundo capítulo podiam-se perceber alusões ao trabalho imigrante, ainda que de maneira tímida, o tom estabelecido na década de 1920 parece reforçar o valor do nacional acima de qualquer outro aspecto.

Martins atribui o florescimento da indústria no Paraná às participações do estado nas exposições nacionais²⁶², onde a comparação com outras regiões impunha a busca pela excelência. Isso revela um resquício da valorização dos grandes espetáculos do progresso, ainda que esta década represente, na opinião de muitos autores, uma desilusão com o projeto de modernidade propagado na segunda metade do século XIX²⁶³.

A publicação oferece um catálogo da exposição preparatória, esmiuçando o que de melhor haveria no estado. Na categoria *Ceramica*, o primeiro listado é Zacarias de Paula Xavier, cujo nome também aparece na categoria *Mineraes*, ao lado do sócio Joaquim Pereira de Macedo²⁶⁴. Logo após, há uma apresentação das classificações gerais alcançadas pelos expositores paranaenses no Rio de Janeiro, sendo que seriam premiados apenas os “dignos de uma alta consideração pela importancia e valor absoluto de suas exibições”²⁶⁵. Xavier, com seus “objectos de louça, pó de pedra”, recebeu o Grande Prêmio, honraria “destinada a recompensar o merito excepcional dos objectos, productos, trabalhos e inventos exhibidos”²⁶⁶. Com isso, mantém-se a proposta hierárquica deste tipo de evento, nomeando seus prediletos - por conseguinte, os prediletos da nação.

Ao final do volume consta ainda o tópico *As nossas grandes firmas industriaes premiadas na exposição: endereços e especializações*. Referenciada pelo nome de Xavier, não pelo da instituição, à fábrica atribui-se “productos de antiga e firmada reputação no paiz, premiados com as mais notáveis recompensas em varias exposições”²⁶⁷. Mais uma vez,

²⁶¹ MARTINS, Romário. O Paraná em trabalho. In: **O Estado do Paraná na Exposição do Centenário (1822-1922)**. Rio de Janeiro, mandado imprimir por diversos expositores, 1923. p. 10

²⁶² MARTINS, Romário. *Op. Cit.* p. 10

²⁶³ Esta é uma observação encontrada tanto no texto de Motta como também em OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPQ, 1990.

²⁶⁴ **O Estado do Paraná na Exposição do Centenário (1822-1922)**. Rio de Janeiro, mandado imprimir por diversos expositores, 1923. p. 33-34

²⁶⁵ **O Estado do Paraná na Exposição do Centenário (1822-1922)**. Rio de Janeiro, mandado imprimir por diversos expositores, 1923. p. 56

²⁶⁶ *Op. Cit.* p. 56

²⁶⁷ *Op. Cit.* p. 78

recorre-se à validação do renome das peças a partir da menção de honrarias recebidas no passado.

Com base nos textos consultados, confere-se às exposições da virada do século uma posição privilegiada como evento legitimador. Embora ancoradas no passado, devido a seu princípio de comemoração de grandes datas, com a hierarquização gerada pela premiação dos mais distintos produtos e mercadorias forma-se uma aura concessora de autenticidade e prestígio que é frequentemente retomada com o apoio da vasta diversidade de registros deixados, tornando-se um ponto de referência crucial com o passar do tempo.

Como consequência, em virtude da criação desse fascínio em torno da produção de louça em Colombo, algumas peças foram e são preservadas até hoje. A amostra catalogada neste trabalho deriva também dessas particularidades do caso da fábrica, sendo, todavia, ressignificada em um novo contexto expositivo.

4.3. Um novo contexto: a memória construída

Le Goff, em ensaio dedicado à memória como ela surge nas ciências humanas, afirma que esta

[...] é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia [...] ²⁶⁸

Como uma construção, está aberta a manipulações conscientes ou inconscientes a partir de variáveis como o interesse ideológico, a censura e a afetividade. Devido a essa maleabilidade, o historiador francês aponta que se tornar senhor da memória e do esquecimento é umas das grandes preocupações daqueles que dominaram e dominam a sociedade ²⁶⁹. Sendo assim, conclui que os silêncios da história são reveladores dos efeitos destes mecanismos de manipulação.

Pensar sobre as fontes deste trabalho tangencia dois domínios distintos. O primeiro, desenvolvido até aqui, diz respeito à análise historicamente consolidada do estudo do passado que direciona o olhar do pesquisador à documentação caracterizada como primária, ou seja, a análise crítica dos registros de um determinado recorte pretérito, à luz do seu contexto gerador. O segundo, tão importante quanto, equivale aos processos posteriores ao recorte selecionado que permitiram que a referida documentação primária sobrevivesse à ação do

²⁶⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 469

²⁶⁹ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.* p. 422

tempo e dos homens²⁷⁰. Neste sentido, a memória, maleável e manipulável, age como catalisador conforme é construída e reformulada.

O arquivamento e a salvaguarda dos registros do passado, como os almanaques, jornais e artefatos, provém do que Derrida identifica como um estado consciente da finitude radical, da possibilidade de um implacável esquecimento²⁷¹. O autor alerta que, mesmo preservados, os componentes de um arquivo não serão jamais a experiência espontânea, numa perspectiva que reforça a noção de passado fragmentado construído pelos olhos do presente. Fragmentária, também, é a seleção dos documentos arquivados, pois

[...] não são guardados e classificados no arquivo senão em virtude de uma *topologia* privilegiada. Habitam este lugar particular, este lugar de escolha onde a lei e a singularidade se cruzam no *privilégio* [...] ²⁷²

Tudo isso aponta para as formas constitutivas da memória e o arquivamento proposital de determinados elementos que a reforçam, traduzindo os significados que lhe convém e, por vezes, alterando aquilo que pode vir a operar a seu favor. O que possibilita esta reflexão no estudo de caso de Colombo é a ótica inovadora da Arqueologia Histórica, embasada na observação dos processos que permitiram que um determinado tipo de cultura material fosse preservado por órgãos competentes ou por pessoas com ligações afetivas à trajetória da fábrica. Enquanto os almanaques e jornais permaneceram arquivados em bibliotecas e outras entidades, consultados pelo público especializado que, dessa forma, mediava as informações para o leitor leigo nas metodologias de estudo do passado, as peças remanescentes foram expostas a audiências amplas e, embora também mediadas por catalogações prévias ou etiquetas explicativas elaboradas por especialistas, puderam fazer parte da experiência visual do visitante, estabelecendo um contato mais direto com o grande público.

Tornar-se sensível a essa forma de encarar os registros do passado equivale à proposta relativamente recente da chamada Arqueologia Pós-Processual, na qual o pesquisador percebe a flexibilidade e variedade do passado humano, devendo, além de pensar sobre o contexto original de produção, considerar

[...] como diferentes sociedades optam por expor suas coleções em museus e conservam seus sítios. Como deixam claros os debates acerca de quem se deve permitir usar o Stonehenge, e como ele deve ser exposto, objetos ou lugares podem ser considerados importantes em determinada época e ‘não dignos de preocupação’ em outras. Quem toma essas decisões e em qual contexto? Quem é responsável, e

²⁷⁰ O autor Glaydson Silva denomina estes dois âmbitos do trabalho historiográfico como o dos limites epistemológicos e o dos agenciamentos discursivos, incluindo ainda um terceiro que seria o dos problemas éticos e políticos colocados pela área do conhecimento (p. 29).

²⁷¹ DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 32

²⁷² DERRIDA, Jacques. *Op. Cit.* p. 13

por que, por aquilo que é ensinado sobre o passado nas escolas ou na educação adulta? [...]²⁷³

Postura dotada por um número cada vez maior de pesquisadores, não somente arqueólogos, permite uma visão muito mais abrangente não apenas sobre como se constrói o saber acerca do passado, mas também a partir de quais vestígios e como se chega até eles para produzir conhecimento. Dessa forma, uma coleção preservada por uma determinada entidade passa a ser também avaliada pelo lugar que ocupa na instituição e na proposta de sua guarda.

O arqueólogo pós-processualista Ian Hodder lembra que a duração da cultura material não raro ultrapassa a vida de seus idealizadores, o que se converte no profundo interesse sobre o controle de significados dos símbolos materiais, como uma forma eficaz de exercer domínio sobre a sociedade²⁷⁴. Neste sentido, Funari e Cavicchioli trazem um exemplo bastante interessante com a sua análise das pinturas parietais de Pompéia. Recuperadas e catalogadas em sua maioria no século XIX, foram submetidas a “critérios, inevitavelmente subjetivos, de preservação”²⁷⁵, entretanto, uma vez consolidadas as categorias e classificações da arte parietal, difundiu-se a impressão de que tais divisões vinham do período romano em que foram pintadas, quando na realidade remetiam a uma construção embebida dos valores do século em que foram estudadas. Assim, propagaram-se noções de moralidade, sexualidade e religiosidade próprias do contexto dos estudiosos como fossem advindas do passado, num processo que concedia legitimidade a uma postura conservadora datada.

Contudo, hoje se tem uma ideia de que os discursos sobre o passado não podem ser dissociados de suas apropriações posteriores²⁷⁶, embora isto não seja uma unanimidade na academia. Conforme Silva, a perpetuação e naturalização de algumas criações acerca do passado objetivam estabelecer uma continuidade que confere ancestralidade aos valores que se deseja transmitir²⁷⁷.

²⁷³ No original: “new consideration of how different societies choose to display their museum collections and conserve their sites. As the debates about who should be allowed to use the Stonehenge, and how it should be displayed, make clear, objects or places may be considered important at one time and ‘not worth bothering about’ at others. Who makes these decisions and in what contexts? Who is responsible, and why, for what is taught about the past in schools or in adult education?”. UCKO, Peter J. Foreword. In: HODDER, Ian (ed.) **The meanings of things: Material culture and symbolic expression**. Discussions from the World Archaeological Congress held in Southampton, England, Sept. 1986. p. XIII

²⁷⁴ HODDER, Ian. Post-modernism, post-structuralism and post-processual archaeology. In: HODDER, Ian (ed.) **The meanings of things: Material culture and symbolic expression**. Discussions from the World Archaeological Congress held in Southampton, England, Sept. 1986. p. 73

²⁷⁵ FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CAVICCHIOLI, Marina Regis. A arte parietal romana e diversidade, In: MIYOSHI, Alexander Gaiotto; DAZZI, Camila Carneiro; CARDOSO, Renata Gomes (orgs.) **Revisão historiográfica: o estado da questão**. Atas do I Encontro de História da Arte do IFCH UNICAMP. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 112

²⁷⁶ SILVA, Glaydson José da. **História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)**. São Paulo: Annablume, 2007. p. 27

²⁷⁷ SILVA, Glaydson José da. *Op. Cit.* p. 36

Assim sendo, propõe-se uma discussão que leve em consideração as criações posteriores a que a louça de Colombo foi submetida retornando-se à questão das exposições, mas em um contexto bastante diferenciado das festividades do progresso conhecidas a partir dos almanaques. O lugar, o papel, o significado das louças hoje é o tema do último tópico deste capítulo.

4.4. A cultura material revisitada: ontem e hoje

Petrone trouxe à tona uma reflexão interessante partindo da observação do estranhamento que o italiano atual experimenta ao presenciar as demonstrações culturais de grupos brasileiros descendentes de italianos. Em sua opinião, isto se deve ao distanciamento dos imigrantes, e seus descendentes, dos que permaneceram na Itália, causado pela introdução de traços luso-brasileiros e pela permanência de aspectos tradicionais nas colônias que, no entanto, desapareceram naquele país com o passar do tempo²⁷⁸. Estes traços tidos como tradicionalmente italianos permanecem entre os imigrantes e seus familiares como uma valorização do enraizamento identificador, instrumentalizando a “italianidade”, ou *italianità*, como resposta às experiências vividas na nova terra. Dessa forma, um italiano do século XXI pode não perceber a representação de sua cultura nas festividades de ítalo-brasileiros, mas estes últimos sentem-se representados na reprodução daquilo que identificam como o genuíno “ser italiano”.

O movimento no sentido da manutenção de certas tradições, assim como o hábito de promover a reprodução de tais tradições com certa periodicidade (organizando festas e exposições, por exemplo), é um ponto importante no caso de Colombo. Município que transmite a imagem oficial de “origem italiana”, muitas vezes, em seus pouco mais de cem anos de existência, recorreu à promoção de eventos que atestavam seu grau de italianidade. Não convém produzir longas digressões sobre como e quando essa identificação com a Itália se origina, bastando se ater ao lugar da Fábrica *Colombo* e da sua cultura material neste processo.

Foi comentado que quanto mais afastado do intervalo produtivo da fábrica é o estudo de seu histórico, maior é a sua associação com o componente étnico envolvido na produção, em especial o italiano, conforme evidenciado pela bibliografia consultada. A proximidade com a presença da instituição nas exposições do início do século XX fez com que os textos das décadas de 1950 e 1960 reproduzissem um mesmo discurso associado com o

²⁷⁸ PETRONE, Pasquale. Imigrantes italianos no Brasil: identidade cultural e integração. In: DE BONI, Luis A. (org.) **A presença italiana no Brasil**, vol. III. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1996. p. 628-641

nacionalismo presente nos almanaques e jornais coevos à fábrica. No entanto, em concordância com a postura adotada no município ao longo de sua história, os estudos posteriores procuraram resgatar a figura omissa de Busato, perdida na sombra lançada pelo gigantismo do nome de Xavier. Para dar cabo da missão libertadora, entretanto, foi necessário recorrer a outros tipos de registros, como os depoimentos orais, visto que os textos sobre a fábrica pouco se remetiam ao imigrante.

Na década de 1970, em comemoração ao centenário da chegada dos primeiros imigrantes italianos no estado do Paraná, lançamentos de livros e exposições marcaram as solenidades. O livro de Ferrarini *A imigração italiana no Paraná e o município de Colombo*, de 1974, originou-se de uma pesquisa solicitada em conjunto pelo Consulado Geral da Itália do Paraná e de Santa Catarina, pela Prefeitura Municipal de Colombo, pela Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Paraná e pela Sociedade Beneficente Garibaldi, como parte da referida comemoração. É nesta publicação que se encontra uma série de documentos e dados sobre a fábrica, assim como é com ela que começam as citações mais frequentes a Busato pela historiografia.

No entanto, seria a mostra *Os Italianos no Paraná*, organizada pelo Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP), que resultaria na publicação mais significativa para a consolidação de uma memória específica acerca da fábrica. O catálogo de Newton Carneiro, mencionado já várias vezes ao longo do trabalho, trazia as peças selecionadas para a exposição, construindo seu discurso apoiado na cultura material como uma alternativa à versão encontrada nos textos, embora não produzisse uma análise dos elementos materiais dos artefatos.

Nesta mostra, especificamente, as peças foram expostas como fruto do empenho imigrante, tendo sido escolhidos exemplares que traduziam a diligência e o apogeu criativo do grupo em questão. Concentrado na observação estética da louça, oriunda dos seus próprios padrões valorativos de beleza, Carneiro busca destacar que a qualidade admirável da produção da Fábrica *Colombo* se deve a sua base estrangeira, sendo produto de um saber trazido do além-mar e preservado pelos laboriosos imigrantes. Isso fica claro ainda na introdução, na qual o autor justifica seu objeto:

[...] com o presente ensaio sobre a fábrica de Colombo embrenho-me em terreno virgem, pois não sei de nenhuma referência bibliográfica sobre a arte cerâmica local, item tão expressivo da presente produção industrial do Paraná. Confesso que inteirei-me desse verdadeiro fenômeno que é a fábrica de Colombo por verdadeiro acaso, quando me “enterneci” na recente contemplação de algumas peças dessa

escola artesanal notável, só conhecida de alguns paranaenses de idade provecta [...]²⁷⁹

Assim, Carneiro apresenta sua proposta de ‘salvamento do passado’. Sob a ameaça do esquecimento, de ir-se embora a lembrança da fábrica conforme os mais velhos padecem, o pesquisador se coloca na posição de marcar a contribuição de Colombo em palavras impressas, que traduzem o ‘verdadeiro’ significado das peças sobreviventes. Para tanto, lança mão de vinte páginas nas quais cruza artigos de jornais, almanaques e depoimentos para caracterizar as peças que ilustram seu catálogo.

Embora não haja, de fato, análise da cultura material na publicação, a divisão imposta às peças, entre a fase do *apogeu* e o período *dinâmico*, colaboraram para a preservação posterior das mesmas. Os alemães ‘dinâmicos’ não deixam de ser mencionados por Carneiro, assim como Xavier não é esquecido. Mas, da mesma maneira que o envolvimento do ervateiro parece servir como um engrandecimento do potencial percebido, e perseguido, por Busato, as peças de atribuição alemã parecem figurar no catálogo como uma contraposição que faz apenas salientar a pujança criativa dos italianos. O terceiro capítulo, de certa forma, denota a influência de tal classificação: apenas um exemplar de autoria alemã confirmada figura na análise, sendo os demais representados por registros fotográficos do final da década de 1970, devido ao seu paradeiro atual desconhecido.

Esta observação revela o poder das palavras de um autor que, na condição de especialista no assunto, caracteriza e delimita o que deve ser considerado mais representativo dentro de um conjunto de artefatos heterogêneo que, quando analisado a olhos críticos, pode apontar para as tensões e ambiguidades de um grupo mais diversificado de indivíduos. Além disso, as peças preservadas são em sua maioria comemorativas, remetendo a premiações que justificam sua sobrevivência no mundo atual e confirmam a boa reputação da fábrica. Nessa perspectiva, peças cotidianas, por mais bem feitas que pudessem ser, talvez não encerrassem tanta representatividade simbólica quanto aquelas que receberam diplomas e atestados de qualidade em exposições de nível estadual ou nacional, ou mesmo quanto aquelas que preservam em seu corpo físico o nome de personagens ilustres da história política do Paraná. No entanto, submetidas à ressignificação que trouxe destaque à participação imigrante nos interesses do estado, passam também a ser signos comprobatórios do valor do saber-fazer estrangeiro, daquele que lutou por seu espaço, dignificou a nova terra e não deve ser olvidado pelo presente.

As peças seriam, ainda mais uma vez, utilizadas para provar seu papel na história do município de Colombo, figurando na exposição organizada pelo Museu Paranaense, entre

²⁷⁹ CARNEIRO, Newton. *Op. Cit.* p. 2

1990 e 1991, que comemorou o centenário da emancipação político-administrativa daquela cidade. Estiveram aí, novamente, associadas ao contingente imigrante que formou a colônia, numa oposição direta aos contextos expositivos originais destas peças. Com isso, percebe-se a especificidade da memória que se formou em torno da fábrica.

Ao longo de seus anos de funcionamento, a fábrica exibiu sua produção com considerável frequência nos eventos idealizados para celebrar os grandes momentos do passado da nação, ao mesmo tempo anunciando o potencial para o futuro. Nesse ambiente, sua louça figurava como parte de um discurso de industrialização, de progresso e de ideal de modernidade, inerente a uma festa que expunha aquilo de que a nação poderia se orgulhar. A partir dos registros gerados por tais eventos, começou a se delinear quais peças deveriam ser preservadas para a posteridade, o que incutiria no preterimento das louças cotidianas.

Já na segunda metade do século XX, dada a mobilização para definir o panorama da participação imigrante na construção do Brasil recente, o cenário se transforma. Assim, a mesma louça que no passado serviu para a produção de discursos enaltecendo a nação é recontextualizada em exposições que destacam não o espaço no qual foi fabricada, como um dado representativo do estado de progresso da região, mas os artífices de origem estrangeira que perseveraram e deram forma a tão vistosas peças, apesar de condições pouco favoráveis, como sua condição de estranhos em terra nova, com recursos limitados.

O caso da Fábrica *Colombo*, enfim, desperta interesse nas múltiplas faces de sua trajetória, do século XIX ao século XXI. Complexo, ambíguo, contraditório, permite esclarecer a noção de que o passado não se encaixa nos modelos pré-determinados pelo pesquisador. Em constante reformulação, a história da fábrica e das suas peças leva, finalmente, à constatação de que todo passado é um conhecimento fragmentado estruturado no presente, sempre aberto ao debate e à reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gestada ao longo de dois anos de mestrado, esta dissertação deve sua gênese, entretanto, a uma monografia de graduação. Além disso, parte de um interesse profundo e muito pessoal na disciplina arqueológica e suas teorias mais recentes, apesar de ter sido desenvolvida dentro do contexto de um curso de História. Portanto, pode-se afirmar que este é um trabalho que transgride o universo acadêmico no qual esteve inscrito, devendo parte de sua constituição também à trajetória da autora.

Propondo-se o diálogo entre disciplinas próximas, no que diz respeito ao objeto de estudo, mas de relação conflituosa graças à estruturação tradicional da academia e dos acadêmicos, desde o início esteve presente a necessidade de uma constante justificação teórica que concedesse legitimidade à pesquisa. Da maneira como foi apresentada neste trabalho, a Arqueologia Histórica é um campo crescente no Brasil, mas ainda consideravelmente tímido quando comparado a outros países. As ideias desenvolvidas encontraram inspiração em autores teóricos como Funari, Hodder e Jenkins, buscando dar forma a uma perspectiva que pudesse contemplar a complexidade do caso que se propunha estudar.

A Fábrica de Louças *Colombo* poderia ser objeto de um estudo sobre a industrialização do Paraná, assim como se prestaria a um interessante trabalho acerca do processo migratório da região. No entanto, a partir de todas as particularidades que definiram a forma assumida por essa pesquisa, desde o levantamento das fontes até a seleção do conjunto a ser analisado, inclusive a exclusão de determinada documentação, a partir de um posicionamento teórico bastante específico, resultaram estes quatro capítulos que não se encaixam em nenhuma destas temáticas, mas transitam pela industrialização e pela imigração para, enfim, falar de identidades. Identidades que começam com a da pesquisadora, que optou pela Arqueologia Histórica e não por qualquer vertente da própria historiografia que admite o uso de fontes materiais, passam pelos grupos que produziram louça em Colombo na virada do século XIX para o XX, e terminam com aqueles que preservam essa cultura material ainda hoje. Cultura material esta que, ao menos neste estudo de caso, desempenhou papel fundamental, contraposta à documentação que para muitos outros autores serviu como fonte única e inquestionável, culminando em interpretações que colocaram em xeque os ‘fatos’ que cercavam, no sentido limitante da palavra, as narrativas históricas sobre a fábrica.

Para que a proposta ficasse clara, a discussão se iniciou com a apresentação dos pressupostos teóricos que orientariam a análise subsequente, transitando entre autores da Arqueologia e da História, numa perspectiva mais abrangente de estudo do passado. Com isso, introduziram-se as questões conceituais que guiaram o trabalho com as fontes,

procurando construir o eixo dos capítulos seguintes. Neste momento, foi feita uma série de escolhas, não só em termos documentais, mas também formais, destacando tópicos como mais ou menos relevantes à discussão.

Uma vez que se argumentou a existência de uma memória ‘oficial’ em torno da história da Fábrica *Colombo*, os primeiros registros analisados foram os escritos, de maneira a perceber em suas especificidades o que embasou a criação de uma determinada imagem em torno do estabelecimento e de suas peças, tanto na época quanto posteriormente. Para tanto, o levantamento bibliográfico foi um contraponto fundamental, pois, sem o intuito de contradizer os autores ou de condená-los, foi possível levar em consideração seus próprios contextos de produção, no momento em que se valeram da mesma documentação textual para falar da fábrica. No entanto, a análise se manteve limitada aos discursos em torno da instituição como um estabelecimento comercial, um empreendimento de pretensões industriais. Assim, discutia-se o envolvimento político propiciado pela imagem de progresso e as possibilidades de inserção nos grupos de interesse hegemônicos da sociedade, mas o cotidiano fabril permanecia pouco acentuado, quase ignorado pelos textos.

Uma expansão das possibilidades de análise foi, então, atingida com a inclusão da cultura material na discussão. Percebia-se que os primeiros autores a falar da fábrica na segunda metade do século XX mantinham o mesmo teor político e econômico da documentação escrita do início do século, mas, a partir dos anos 1970, os estudos da imigração passaram também a se remeter ao estabelecimento. Embora aí permanecesse uma avaliação de sentido mais econômico do papel dos imigrantes em Colombo, foram estes os estudos que começaram a abrir novas interpretações, conforme incluíram no rol das fontes os depoimentos orais. Com a análise das peças, no terceiro capítulo, procurou-se expandir ainda mais o olhar para além da instituição como um espaço de referência à história econômica, fosse ela de cunho nacionalista ou imigrantista, para as vivências dos diferentes sujeitos que estiveram envolvidos com a louça de Colombo, seja em sua fase produtiva, seja no seu consumo e exposição. Dessa forma, alguns dos silenciamentos promovidos pelos textos puderam ser relativizados quando se incluíram, por exemplo, os artesãos imigrantes no universo da fábrica como sujeitos que ocupavam determinado posicionamento que poderia influenciar no resultado final da produção cerâmica, externando assim suas próprias visões de mundo e anseios com relação à vida no novo continente.

Porém, a cultura material não se manteve restrita a uma unidade individual na estrutura dissertativa deste estudo de caso, pois sua análise, associada a dos documentos escritos, forneceu o respaldo necessário para o desenvolvimento do capítulo final, centrado nas questões da memória e seu caráter comemorativo. Entretanto, novamente engendrou-se

uma separação no conteúdo: os textos deram margem a considerações acerca do envolvimento da Fábrica *Colombo* nas grandes exposições do início do século, enquanto as peças puderam esclarecer o processo de preservação da memória instituído pela replicação de uma ideia consolidada em torno do que representou a fábrica para a história do Paraná.

As discussões acerca da memória e seus artifícios alinhavaram o que vinha sendo comentado desde a introdução: como se dá a relação entre passado e presente? Percorrer a trajetória da documentação (escrita e material) na bibliografia e nas exposições foi uma estratégia para elucidar a construção de um conhecimento que, canonizado por especialistas, infiltra-se no saber popular e serve como base para a legitimação de tradições e para escolhas relativas ao patrimônio coletivo a ser conservado para o futuro.

Deste modo, o passado é uma resposta produzida pelo presente, a partir das relevâncias deste, para suprir um desejo bastante específico de autorização ancestral. Uma construção constante, as múltiplas possibilidades de leituras no caso da Fábrica *Colombo* devem sua existência à consciência de que passado nenhum é fixo, enquanto o presente continua a mudar.

FONTES ESCRITAS

JORNAIS

A República. Órgão do Partido Republicano Federal. Propriedade de Augusto Silveira. Curitiba. Terça-feira, 28 de abril de 1903.

A República. Órgão do Partido Republicano Federal. Propriedade de Augusto Silveira. Curitiba. Segunda-feira, 4 de maio de 1903.

ALMANAQUES

Brazil at the Louisiana Purchase Exposition, St. Louis: S. F. Myerson Printing Co., 1904.

CAPRI & OLIVERO. **A vida fecunda dos municípios do Paraná.** São Paulo: Empresa Editora Brasil, 1924.

Estado do Paraná na Exposição do Centenário (1822-1922), O. Rio de Janeiro, mandado imprimir por diversos expositores. 1923. p. 33

FIGUEIRA, Alberico (dir.) **Almanach dos Municípios:** Edição especial do centenário da Independência do Brasil. Curitiba: s/e, 1922.

FOLCH, Francisco. **A exposição do cincoentenário (1853-1953):** promovida pela Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná sob os auspícios do Governo do Estado. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1905. p. 64

Regulamento da Exposição do Cincoentenário. Documento reproduzido em CARNEIRO, Cintia Maria Sant'ana Braga. **O Museu Paranaense e Romário Martins:** a busca de uma identidade para o Paraná (1902-1928). Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2001. Anexo 5

ROTELLINI, Vitaliano. **Almanaco del Fanfulla.** San Paolo, Brasile: s/e, 1905. Documento reproduzido em FERRARINI, Sebastião. **A imigração italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo.** Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1974.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- ALVES, Ana Elizabeth Santos; SILVA, Lígia Maria Portela da. Fontes históricas documentais e os estudos sobre o trabalho e a educação. In: **Revista HISTEDBR Online**, [www.histedbr.fae.unicamp.br] v. 14, 2004.
- ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, v. 12, jan/dez 2001. p. 129-160
- ARÓSTEGUI, Julio. Uma teoria da documentação histórica. In: **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru: EDUSC, 2006. p. 488-512
- BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. **A busca por valores identitários**: a memória histórica paranaense. Tese (Doutorado em História) UFPR, 2007.
- BALHANA, Altiva Pilatti. Italianos no Paraná. In: DE BONI, Luis A. (org.) **A presença italiana no Brasil**, vol. I, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1987. p. 120-144
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BRANCANTE, Eldino. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Cia. Lithographica Ypiranga, 1981.
- BRANCHELLI, Fabiano Aiub. **Vida material e econômica na Porto Alegre oitocentista**. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUC-RS, 2007.
- BURLEY, David. Function, meaning and context: ambiguities in ceramic use by the Hivernant Metis on the Northwestern Plains. In: BRAUNER, D. R. (comp.) **Approaches to material culture research for historical archaeologists**. Uniontown: The Society for Historical Archaeology, 2000. p. 399-408
- CALDARELLI, Solange (coord.) **Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista**. São Paulo: DERSA, 2003.
- CARLE, Claudio Baptista; OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte. O Solar da Travessa do Paraíso: exemplo de arqueologia histórica no município de Porto Alegre. In: **Coleção Arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 1, v. 2, 1995-6, p. 361-380
- CARNEIRO, Cintia Maria Sant'ana Braga. **O Museu Paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná (1902-1928). Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2001.

- CARNEIRO, David. **Perfil histórico da Associação Comercial do Paraná e galeria dos presidentes**. Curitiba: REPROSET, 1981.
- CARNEIRO, Newton. **A Fábrica Colombo e a cerâmica artística no Brasil**. Curitiba: BADEP, 1979.
- CARVALHO, José Luiz de; ARANTES, Aimoré Índio do Brasil. **O comércio no Paraná: uma história de conquistas**. Curitiba: Sistema Fecomércio, SESC, SENAC, 2008.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, Nova Série, v. 8/9, 2000/2001. p. 293-324
- CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympo, 2006.
- COOK, Lauren J.; YAMIN, Rebecca; MCCARTHY, John P. Shopping as meaningful action: toward a redefinition of consumption in historical archaeology. In: **Historical Archaeology**, 1996, 30 (4). p. 50-65
- CORTEZE, Dilse Piccin. A travessia maldita: mito e história. In: **Anais do VII Encontro Estadual de História - ANPUH-RS História, memória e testemunho**. CD-ROM.
- COURTNEY, Paul. Historian and archaeologists: an English perspective. **Historical Archaeology**, v. 41, n. 2, 2007. p. 34-45
- CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 175-202
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DRABIK, Belquis Ribeiro; GONÇALVES, Marcos. Notas sobre política imigratória na Província do Paraná. In: BOSCHILIA, Roseli (org.) **Reconstruindo memórias: os poloneses de Santo Inácio**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2004. p. 21-35
- FALCON, Francisco J. C. **História cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) **História da vida privada no Brasil**, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-61
- FAVARO, Cleci Eulalia. Imigração italiana e cultura material: iconografia e linguagens no processo de transmissão e preservação de valores culturais. In: **Primeiras Jornadas de História Regional Comparada**. Porto Alegre: Sonopress, 2000. p. 357-366

- FERRARINI, Sebastião. **A imigração italiana na Província do Paraná e o município de Colombo**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1974.
- FERRARINI, Sebastião. **Colombo: Centenário da imigração italiana**. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1979.
- FERRARINI, Sebastião. **O município de Colombo**. Curitiba: Editora Champagnat, 1992.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2000. Série Princípios.
- FREDEL, Karla Maria. Práticas de gênero e a cultura material na Província de São Pedro - Século XIX. In: **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, violência e exclusão ANPUH-SP**. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. CD-ROM
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 81-110
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. A arqueologia histórica em uma perspectiva mundial. In: **Arqueologia e patrimônio**. Erechim: Habilis, 2007. p. 27-34
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CAVICCHIOLI, Marina Regis. A arte parietal romana e diversidade, In: MIYOSHI, Alexander Gaiotto; DAZZI, Camila Carneiro; CARDOSO, Renata Gomes (orgs.) **Revisão historiográfica: o estado da questão**. Atas do I Encontro de História da Arte do IFCH UNICAMP. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 111-124
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; BRITTEZ, Fernando R. (comp.) **Arqueología histórica en América Latina: temas y discusiones recientes**. Mar del Plata: Ediciones Suárez, 2006.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; JONES, Siân; HALL, Martin. Introduction: archaeology in history. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; HALL, Martin; JONES, Siân (eds.) **Historical archaeology: back from the edge**. London: Routledge, 1999. p. 1-20
- GARCÍA, Patrícia Fournier. **Evidencias arqueológicas de la importación de cerámica en México, con base en los materiales del ex-convento de San Jerónimo**. México: Instituto Nacional de Antropología e História, 1990. (Série Arqueología)
- GARRAFFONI, Renata Senna. Arqueologia e história: a busca por um diálogo. In: OLIVEIRA, Terezinha (org.) **Antiguidade e medievo: olhares histórico-filosóficos da educação**. Maringá: Editora da UEM, 2008. p. 49-60
- GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini. O ensino de história e a construção de identidades. In: **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**. Curitiba, n. 20, setembro 2006. p. 25-30
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.
- HODDER, Ian. Post-modernism, post-structuralism and post-processual archaeology. In: HODDER, Ian (ed.) **The meanings of things: Material culture and symbolic expression**. Discussions from the World Archaeological Congress held in Southampton, England, Sept. 1986. p. 64-78
- HODDER, Ian. **Interpretación en arqueología: corrientes actuales**. Barcelona: Editora Crítica, 1988.
- JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2007.
- JOHNSON, Matthew H. Rethinking historical archaeology. In: FUNARI, Pedro Paulo; HALL, Martin; JONES, Siân. **Historical archaeology: Back from the edge**. London/New York: Routledge, 1999. p. 21-36
- JONES, Siân. Historical categories and the praxis of identity: the interpretation of ethnicity in historical archaeology. In: FUNARI, Pedro Paulo; HALL, Martin; JONES, Siân. **Historical archaeology: Back from the edge**. London/New York: Routledge, 1999. p. 219-232
- KISTMANN, Virginia Borges *et al.* **A produção de cerâmica branca de mesa e de decoração de Campo Largo e o design: estudo sobre a situação das micro, pequenas e médias indústrias e as possibilidades de desenvolvimento do setor através do design**. Curitiba: UFPR, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LUCAS, Michael T.; SHACKEL, Paul A. Changing social and material routine in nineteenth-century Harpers Ferry. In: **Historical Archaeology**, 1994, 28 (4), p. 27-36
- LUZ, Maria Regina. **A modernização da sociedade no discurso do empresariado paranaense**. Curitiba, 1890-1925. Dissertação (Mestrado em História) UFPR, 1992.
- MARTINS, Alfredo Romário. **Quantos somos e quem somos**. Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná. Curitiba: Empresa Grafica Paranaense, 1941.
- MARTINS, Alfredo Romário. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1995. (Coleção Farol do Saber)
- MASCHIO, Elaine Catia Falcade. **A constituição do processo de escolarização primária no município de Colombo - Paraná (1882-1912)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) UFPR.
- MELLO, Eliane de. A manutenção de identidades em movimentos imigratórios: poder econômico, político e cultural. In: **Anais do VII Encontro Estadual de História - ANPUH-RS História, memória e testemunho**. CD-ROM.

- MILLER, George L. Classification and economic scaling of 19th Century ceramics. **Historical Archaeology**, 1980, 14. p. 1-40
- MORALES, Martha H. L. Becker. Proposta teórico-metodológica para o estudo de caso da Fábrica de Louças *Colombo* (1897-1926). **História e-História**, 2008 (on-line, disponível em <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=111>)
- MORRIS, Ian. Archaeology as cultural history. In: **Archaeology as cultural history: words and things in Iron Age Greece**. Oxford: Blackwell Publishers, 2000. p. 3-33
- MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência**. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC, 1992.
- MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Imigrantes italianos em São Paulo na passagem para o século XX. In: PRIORE, Mary del (org.) **Revisão do paraíso: 500 anos e continuamos os mesmo**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000. p. 235-275
- MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- NADALIN, Sergio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED/PR e UFPR, 2001. (Coleção História do Paraná; textos introdutórios)
- NAJJAR, Rosana. **Arqueologia Histórica: manual**. Brasília: IPHAN, 2005.
- NEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção história do Paraná; textos introdutórios)
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPQ, 1990.
- OLIVEIRA, Nanci Vieira de. Arqueologia histórica e etnicidade: imagens de identidade. In: **Arqueología Histórica Argentina**. Actas del 1º Congreso Nacional de Arqueología Histórica. Buenos Aires: Corregidor, 2002. p. 911-921
- PARELLADA, Claudia Inês; MORALES, Martha H. L. Becker. **Relatório final de caracterização do patrimônio arqueológico do estudo ambiental complementar da área de abrangência do aquífero Karst, norte da região metropolitana de Curitiba-PR**. Relatório de pesquisa, 2007.
- PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil. São Paulo: FAPESP, 1999. (Coleção História de Leitura)
- PEREIRA, Luís Fernando. O imaginário paranaense da I República. In: **Paranismo: o Paraná inventado; cultura e imaginário no Paraná da Primeira República**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. p. 19-90

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais**. Espetáculos da modernidade no século XIX. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- PETRONE, Pasquale. A influência da imigração italiana nas origens da industrialização brasileira. In: DE BONI, Luis Alberto (org.) **Presença italiana no Brasil**, vol. I, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1987. p. 489-507
- PETRONE, Pasquale. Imigrantes italianos no Brasil: identidade cultural e integração. In: DE BONI, Luis A. (org.) **A presença italiana no Brasil**, vol. III. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1996. p. 628-641
- PICCOLI, Ivo A. Cauduro (dir.) **O Paraná e suas indústrias**: Edição especial da Revista Paulista de Indústria. Órgão de divulgação de realizações industriais. n. 17, ano III, 6º bimestre, 1953. São Paulo/Rio de Janeiro.
- PILEGGI, Aristides. **A cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- RAMOS, Mariano. El proceso de investigación en la denominada arqueología histórica. In: **Arqueología Histórica Argentina**. Actas del 1º Congreso Nacional de Arqueología Histórica. Buenos Aires: Corregidor, 2002. p. 645-658
- RANKEL, Luiz Fernando. **A construção de uma memória para a nação**: a participação do Museu Paranaense na Exposição Antropológica Brasileira de 1882. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 2007.
- RIOUX, Jean-Pierre. Um domínio e um olhar. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.) **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 11-22
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. Teoria e métodos na análise cerâmica em Arqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, v. 8, 1998. p. 287-294
- SCARANO, Julita. Imigração italiana para a área urbana - estudo de caso. In: DE BONI, Luis A. (org.) **A presença italiana no Brasil**, vol. III. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1996. p. 555-561
- SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. **A arqueologia guarani**: construção e desconstrução da identidade indígena. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2003.
- SHANKS, Michael; HODDER, Ian. Processual, postprocessual and interpretative archaeologies. In: WHITLEY, D. S. (ed.) **Reader in archaeological theory**: postprocessual and cognitive approaches. London: Routledge, 1998. p. 69-95

- SILVA, Fabíola Andrea. Arqueologia, arqueologias e a tensão paradigmática contemporânea. **Cadernos de metodologia e técnica de pesquisa**: revista anual de metodologia de pesquisa. Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação, n. 6, 1995. p. 119-136
- SILVA, Glaydson José da. **História Antiga e usos do passado**: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944). São Paulo: Annablume, 2007.
- SYMANSKI, Luis Claudio Pereira. Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In: ZARANKIN, Andres; SENATORE, Maria Ximena (ed.) **Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul**: cultura material, discursos e práticas. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 2002. p. 31-62
- THIESEN, Beatriz Valladão. Arqueologia industrial ou arqueologia da industrialização? Mais uma questão de abrangência. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 4, 2006. p. 1-4
- TOCCHETO, Fernanda Bordin; SYMANSKI, Luís Claudia Pereira; OLIVEIRA, Alberto Tavares; CAPPELLETTI, Ângela; OZÓRIO, Sérgio. **A faiança fina em Porto Alegre**. Vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED/PR e UFPR, 2000.
- UCKO, Peter J. Foreword. In: HODDER, Ian (ed.) **The meanings of things**: Material culture and symbolic expression. Discussions from the World Archaeological Congress held in Southampton, England, Sept. 1986. p. IX-XVII
- UCKO, Peter J. Archaeological interpretations in a world context. In: UCKO, Peter J. (org.) **Theory in archaeology**. A world perspective. London/New York: Routledge, 1995. p. 1-7
- VELLOSO, Arnaud Ferreira (dir.) **O Paraná, seus homens e suas emprêsas**. Promoção da Revista Divulgação Paranaense. 2ª edição. Curitiba: 1966.
- WEBER, Regina. O avanço dos "italianos". **História em Revista**. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas, UFPel. Pelotas (RS), n. 10, 2004. p. 75-94
- WHELAN, Mary K. Gender and historical archaeology: eastern Dakota patterns in the 19th Century. In: SEIFERT, Donna J. (ed.) Gender and historical archaeology, **Historical Archaeology** (special issue), 1991, 25 (4). p. 17-32
- YENTSCH, Anne. Engendering visible and invisible ceramic artifacts, especially dairy vessels. **Historical Archaeology**, 1991, 25 (4). p. 132-155

ZANETTINI, Paulo Eduardo. Pequeno roteiro para a classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia**, v. 5. Curitiba, 1986. p. 117-130